



WILSON GARCIA

MUITO ALÉM DAS
SOMBRA

Memórias e Amizades

MUITO ALÉM
DAS SOMBRAS
Memórias e Amizades



WILSON GARCIA

MUITO ALÉM
DAS SOMBRAS
Memórias e Amizades

EDIÇÃO
DO AUTOR

Copyright 2010 © Wilson Garcia

Todos os direitos reservados

Wilson Garcia

Rua do Futuro, 1200, ap 102, Graças, Recife, PE

52050-010

wilson@visaointernet.com

Projeto gráfico e editoração: Wilgar 2010

Foto de capa: Schock - Fotolia

Revisão: Tânia Tourinho

1ª edição

Maio de 2010

DISTRIBUIÇÃO GRATUÍTA

VENDA PROÍBIDA

Autorizada a reprodução parcial, desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

Como faz questão de enfatizar no início do livro, Wilson Garcia não pretende escrever a biografia de Jorge Rizzini. Chama de biolembranças os vários relatos que faz a respeito do amigo que acaba de deixar o corpo físico, no inexorável retorno ao mundo espiritual.

Dono de uma memória notável, Garcia dá a sua contribuição para que a lembrança de Rizzini seja preservada por mais tempo e sejam ampliados os espaços que os seus familiares, amigos e companheiros de ideal espírita lhes reservarão no coração.

Feliz é aquele que permanece como motivo de boas recordações e cujas ações ensejam o esforço de alguém para lhe manter vivo após a morte do corpo físico. O presente livro se ajusta, de forma exemplar, a essa situação. Posso imaginar a emoção que o autor experimentou ao reviver cada episódio que passou para o papel.

O que é dito a respeito do Jorge Rizzini não se limita ao testemunho da verdade, uma vez que o autor conviveu longamente com o seu homenageado. Efetivamente, na forma respeitosa e quase solene com que sua personalidade

é descrita, transparece a admiração e a estima que somente uma verdadeira amizade pode forjar.

Os casos escolhidos pelo Wilson para compor este livro foram cuidadosamente selecionados, de forma a tornarem interessante a sua leitura mesmo para aqueles que não conheceram o Rizzini de perto, como é o meu caso. São fatos que despertam a atenção dos que se dedicam ao espiritismo e o vivem no seu dia-a-dia, como também é o meu caso.

Este é o vigésimo quinto livro que o Wilson Garcia escreve em sua bem vivida existência já ultrapassando os sessenta anos de idade. Ele – que já escreveu sobre variados temas – me distingue na presente obra ao solicitar que me dirija aos seus leitores e deixe minhas impressões sobre um livro em que um amigo fala sobre um amigo.

Esse pedido do Wilson me deixou muito feliz. Afinal, trata-se de um dos meus maiores amigos. Amigo de verdade. Amizade que provavelmente se explica pelas reencarnações sucessivas, que muitas vezes trazem ao mesmo palco da vida almas que já conviveram em outras existências, no passado próximo ou mesmo longínquo. Certamente como deve ter sido o caso da amizade envolvendo o Wilson e o Rizzini.

Marcus Vinícius Ferraz Pacheco

“Feliz daquele por quem alguém vela em suas memórias”

Raros são os momentos dedicados ao outro mais próximo de nós. Mais raro, ainda, dedicar algumas palavras escritas a título de memorial póstumo. Jorge Rizzini fez por merecer, não apenas no aspecto de um confrade, mas de alguém que se preza no convívio pessoal e intelectual.

Opino que o livro tem aspectos multifacetados:

1. Na feição de uma biografia crítica, pois tem a visão crítica do escritor sobre o biografado e não uma narrativa de fatos sucessivos;

2. Na coloração de uma autobiografia, o autor é protagonista de vários fatos incorridos com o biografado;

3. Numa breve e latente análise do fato mediúnico, dada a interação mente-a-mente de Espíritos afins e suas consequências editoriais (ainda por explorar quem sabe noutra obra);

4. Na feição da narrativa de fatos históricos do Espiritismo nacional na visão crítica de um de seus atores. Este aspecto clama atenção, dada a necessidade de repassar os fatos marcantes do Espiritismo do século XX. O que mais impressionou em alguns fatos narrados foi o “quase” transbordar de sentimentos. Fiquei desejoso de conhecê-

los sem o “filtro” racionalizante colocado, teríamos uma obra com um toque mais “sentimental”.

Decerto que Jorge Rizzini (espírito) deve estar a analisar e criticar a obra, senão, onde estaria seu “espírito” aguçado no mais-além? Embora a análise dos fatos nessa “nova” perspectiva leve-nos à tonalidades outras.

Parabéns pela iniciativa da obra.

Luis Jorge de Lira Neto

APROVEITEMOS

Em um estilo direto e lúcido, o Wilson Garcia apresenta neste livro oportunos episódios da vida de Jorge Rizzini, alguns deles vivenciados por ambos.

É agradável de ler, pois o raciocínio e o relato fluem com naturalidade levando o leitor a um misto constante de reflexão pessoal, desvendamento de uma história e uma saudável curiosidade.

Em alguns momentos são citadas questões polêmicas ocorridas no passado, que o autor fornece para nós a sua leitura dos episódios, mas de forma democrática propicia uma ambiência alteritária para visões diferenciadas.

Li e me foi útil. Espero que o leitor tenha o mesmo proveito que eu tive.

Gezsler Carlos West

SUMÁRIO

Além, muito além das sombras, 15

Biolembranças: à mesa com Jorge Rizzini, 19

1- Retrotempo. No futuro do passado, 27

2 - Um epíteto e uma surpresa, 31

3 - Correio Fraternal do ABC. Fraternal?, 35

4 - Dolores Bacelar e as interpolações mediúnicas, 43

5 - Um livro, um prefácio e..., 59

6 - A curiosa história de um batráquio, 65

7 - Um fim de semana na roça, 71

8 - Um japonês impostor, 75

9 - Herculano Pires, mais de vinte anos de espera, 81

10 - Nossas pontes e safenas, 93

11 - A mediunidade de Rizzini e os limites do homem, 99

12 - O estilo é o homem. A propósito dos livros de
Rizzini, 119

13 - Arigó de volta com Edson Queiroz, 147

14 - Personalidades e pensamentos, 165

15 - Colcha de retalhos – Matizes humanos, 177

Ocaso, 217

Referências bibliográficas, 219

Obras do autor, 221

ALÉM, MUITO ALÉM DAS SOMBRAS

Luzes e sombras são elementos fundamentais das imagens, sejam elas uma simples fotografia ou uma tela. Na arte, luzes e sombras integram as linhas da criação, mas na vida humana costumam ser signos, importantes signos a funcionar semioticamente para revelar ou esconder as realidades irrepresentáveis dos indivíduos.

O que as sombras escondem, as luzes põem à mostra. Porém, paradoxalmente, nem as sombras escondem a totalidade nem as luzes a revela. Para se aproximar o máximo possível do concreto é preciso ir além das sombras e das luzes.

O espectador tem dificuldades de ler a imagem. O seu criador a elabora com o requinte da mente para o deleite ou para a mensagem e em ambos os casos precisa da luz e da sombra, pois estas lhe dão o toque do contraste que apreende o olhar.

Algumas vezes, o criador da imagem tem plena consciência de seu ato; noutras ocasiões, sua mente despreocupada apenas busca com força o efeito, a plasticidade, o belo. O espectador só possui uma maneira de apropriar-se da mensagem que a imagem transporta:

penetrando-lhe as luzes e as sombras. Para isso, porém, necessita de um esforço que muitas vezes ultrapassa seu desejo, sua vontade. Assim, acaba por bastar-lhe o olhar, a percepção que a arte lhe oferece. A leitura, contudo, da imagem estaciona nos limites daquilo que parece natural. A imagem costuma fingir, enganar, dizer coisas como uma espécie da obra aberta, livre à percepção, ao olhar. Sem compromissos.

O julgamento da obra de arte submete-se aos limites da percepção. A verdade e a mentira, nesse caso, não dizem muito, não fazem qualquer diferença. O olhar mede, pesa, divide, desconstrói e reconstrói dentro de leis próprias, pessoais, particulares, e julga, define, conclui. Sem responsabilidades, pois o belo e o feio na imagem não passam de meros jogos.

O poder da imagem parece estar em dizer o que as palavras diriam. A imagem costuma substituir as palavras, ou contê-las, bastando que o olhar percorra a imagem e as pronuncie, letra por letra. Tudo parece estar ali presente, explicitado, dito, simbolizado. A mensagem se desgarra das luzes e sombras, das cores e dos signos, arrancada pelo olhar perquiridor.

Tudo, porém, não passa de um jogo de representações. O homem e os objetos da imagem, seus signos concretos, assim como na realidade sociológica, se deixam reproduzir como atores em cena.

A imagem os cristaliza no instante dado, como num registro de memória para uso utilitário ou deleite. Mas nem o homem nem os objetos encontram-se de fato na

imagem. Para apreendê-los em sua realidade possível é preciso escavar a terra, questionar, descer às sombras e subir às luzes, abrir espaços por entre os dois até chegar ao cenário; depois, ultrapassá-lo, superando sua presença simbólica, seus discursos escondidos, as intenções mal reveladas.

Toda imagem é esboço, mero esboço de uma realidade que não pode ser totalmente dominada...

O indivíduo, ator de muitas representações, é imagem e concretude. Como imagem, convida-nos a uma leitura natural e como realidade concreta convida-nos a desconfiar da imagem que irradia. Assim é. A compreensão da imagem pede uma interpretação que considere as luzes e as sombras, não porque umas e outras possam ter significados duais, positivos e negativos, mas porque luz e sombra são apenas detalhes da imagem a reter a realidade do ser, como a preservar o mistério necessário da individualidade humana.

BIOLEMBRANÇAS

À MESA COM JORGE RIZZINI

Após havermos acertado com Dolores Bacelar, médium pernambucana de grandes virtudes, viajamos no dia seguinte, sexta-feira à noite, para o Rio de Janeiro. Chegamos pela manhã de sábado e tomamos o rumo do hotel mais próximo de Copacabana, bairro onde a médium residia com seu marido, Luís Bacelar.

O que tínhamos, eu e o Rizzini, para conversar com Dolores? O que nos motivara a telefonar a ela na quinta-feira à tarde e decidir rapidamente pela viagem? Por que razão não se podia resolver o assunto pelo telefone?

Essas questões ficarão claras mais adiante.

Por volta das quatro horas da tarde, Dolores nos recebeu em seu apartamento. Além do Luiz, seu esposo, lá estavam, a filha, Primavera e outras pessoas. Conversamos sobre amenidades até mais ou menos seis horas, quando, enfim, vários dos presentes se despediram.

Foi quando Dolores nos disse: - agora, sim, podemos conversar sobre o assunto que os trouxe aqui.

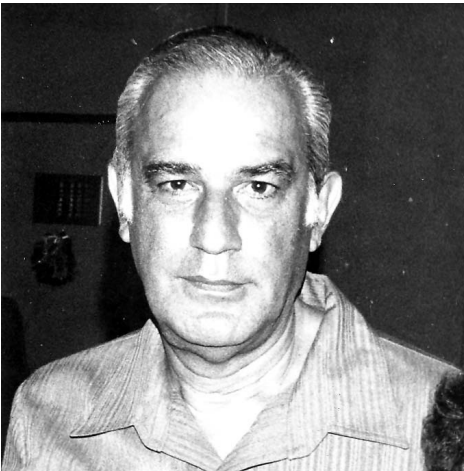
Éramos então seis pessoas apenas: Dolores, Luís, Primavera, Rizzini e eu, além de uma advogada e amiga

de Dolores, cujo nome me escapa, espécie de secretária para suas atividades mediúnicas. Não tínhamos a menor idéia do que viria a seguir, pois nada fora programado. Sequer sabíamos que Dolores pretendia consultar os Espíritos acerca do assunto. Na conversa telefônica de dois dias atrás fora acertado apenas uma troca de idéias entre nós, claro, em perfeito estado de vigília. Mas não foi o que de fato ocorreu.

Dolores ficou em silêncio e em poucos instantes entrou em transe mediúnico inconsciente. A voz que se ouviu foi a de Alfredo, seu guia espiritual. Após ele, outros quatro apareceriam, para nossa total surpresa. Em nenhum deles pensávamos, Rizzini e eu e, de minha parte, não os havia conhecido pessoalmente. Vale à pena conferir os detalhes mais à frente.

Essa é uma das muitas histórias que vivenciei com Jorge Rizzini e sua família, nos mais de trinta anos de convivência entre nós. Tudo começou em 1976, pouco

depois de ter eu assumido a gerência das livrarias da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Rizzini entrou no escritório da livraria acompanhado pelo Jamil Salomão, então diretor da Área



Rizzini aos 52 anos. A imagem tem o poder de provocar julgamentos...

de Divulgação da Federação. Não houve apresentações, por desnecessário. Sobre mim, Jamil havia dito a Rizzini qualquer coisa que eu desconhecia. Este, porém, era então figura por demais comentada, na condição de jornalista, escritor e homem de televisão.

Daquele primeiro encontro nasceria uma relação de longa duração e notáveis conflitos, como soi ser qualquer relação entre seres humanos ditos normais. Especialmente se esta relação ultrapassa a soleira da porta e penetra família adentro como ocorreu entre nós. Quanto mais se aperta os laços e aprofunda a relação, mais as diferenças ficam evidentes. Os sentimentos fraternos mútuos, entretanto, se mostraram mais fortes e tornaram as diferenças não somente suportáveis, mas em muitas ocasiões a própria razão da amizade. Não se esqueça de que foram as diferenças que conduziram muitos intelectuais sofridos a assumirem a bandeira da alteridade como solução das relações humanas.

Tínhamos, Rizzini e eu, nomes diferentes, identidades diferentes, idades e origens diferentes, DNA e impressão digital também diferentes. Mas em comum havia os mesmos princípios e crenças e tantas coisas a serem descobertas ao longo de um tempo imprevisto e imprevisível. A duração do tempo é a mesma do espaço e ambos sempre se mostram imponderáveis, mesmo quando nos parecem demarcados. Cogitar dominá-los foge a qualquer senso de relatividade. Tornamo-nos amigos de muitas confidências. Muitas. O que não quer dizer todas. Ninguém pode desconsiderar a importância de certos

mistérios a ocuparem as mentes em franca atividade. Por muito íntimo que sejamos de alguém, não o seremos o bastante para credenciarmo-nos a tudo saber e ouvir. Ou mesmo a dizer.

Isto faz parte das diferenças a serem preservadas pelo respeito mútuo. Somente os distúrbios da mente, como, por exemplo, o ciúme doentio, podem opor-se à necessidade que cada indivíduo tem de manter certos segredos e motivações retidos na intimidade do seu próprio ser.

Rizzini não me falou de muitos deles, de modo que também a esses forçosamente não poderei me referir. Algumas situações, sei-o, eram objeto de comentários, mas – ah – a curiosidade humana se aguça sempre mais quando um certo mistério envolve a verdade. A mídia contemporânea se especializou na revelação das intimidades humanas e faz dessa revelação fonte de lucros, mas Rizzini, como muitos outros, era do tempo em que a intimidade só deveria vir a público com a anuência do envolvido. Das que vou falar, inúmeras constituíram objeto de nossas conversas ou, então, são do estrito interesse público.

À noite, sim, “todos os gatos são pardos”. Com o mesmo sentido, pode-se dizer: à distância todos os homens são parecidos. De perto, Rizzini era uma personalidade única.

Não é meu propósito traçar aqui um perfil biográfico dele, mas alguns traços de sua personalidade precisam ser tocados para dar sentido às histórias de sua vida. Uma boa biografia exige tempo e cuidados especiais para que o bio-

grafado possa ser visto de corpo inteiro e não como uma breve representação da realidade. E precisa contar com o apoio de fontes e documentação capazes de dar base à narrativa, elementos estes que estão disponíveis quase sempre apenas nos arquivos históricos e familiares¹.

Relatar memórias e registrar fatos ocorridos, dos quais participei ou fui testemunha, disso não posso e não devo abrir mão por questões que dispensam explicação.

Rizzini nascera em 1924, 25 de setembro (quando de seu falecimento em 17 de outubro de 2008, andaram escrevendo que ele era de 25 de dezembro, o que não é correto, como também não o é dizer que fora jornalista com graduação em curso superior. Outro erro cometido foi afirmar que nascera em Taubaté, quando era reconhecidamente paulistano, ou seja, da capital paulista). Portanto, quando nos conhecemos em 1976 tinha ele seus bem vividos 52 anos, contra os meus 27 anos. E estava praticamente aposentado na profissão. Ele se dava, na ocasião, apenas mais três anos de vida, como gostava de confidenciar-me repetidas vezes. Errou, viveu mais 32 anos. Felizmente!

Ao lado do escritório das livrarias da Federação Espírita de São Paulo na Rua Maria Paula, que um dia tentaram transformar em Rua da Irradiação – o novo nome não pegou – havia uma padaria onde Rizzini costumava tomar sua média de café com leite acompanhada de pão

¹ Todos os fatos e todas as passagens aqui registradas resultaram de minhas memórias pessoais e de documentos existentes em meus arquivos particulares. Faço questão de dar esta explicação para deixar claro que qualquer divergência porventura constatada dever-se-á a essa base de que me servi propositadamente.

com manteiga. Era seu lanche indefectível de todas as tardes-noites que aparecia por lá. E por lá aparecia duas a três noites por semana, às vezes mais. Durante aqueles minutos, uma sempre interessante história era por ele narrada.

Rizzini era homem de muitas memórias e vida intensa. Estreara na literatura para adultos com uma obra de contos de grande repercussão junto à crítica literária brasileira – seu livro *Beco dos Aflitos* fora premiado e seu autor consagrado com o epíteto de “Dos- toievski brasileiro”, o que não é pouca coisa.

Havia participado de embates televisivos de repercussão nacional, como o caso das materializações de Uberaba envolvendo Chico Xavier e Otília Diogo; fizera parte do corpo de jurados do famoso programa “Quem tem medo

Antiga sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo, onde Jorge Rizzini costumava ir diariamente, nos anos 1970, e onde o conheci.



da verdade?”), dirigido e apresentado por Carlos Manga na TV Record de São Paulo; defendera com veemência a mediunidade de cura de Zé Arigó, tornando-se sua testemunha no processo-crime por ele sofrido e levando mundo afora os filmes em Super 8, que fizera com sua própria filmadora, das famosas cirurgias sem anestesia e assepsia; havia, ele mesmo, mantido um programa espírita na antiga TV Cultura de São Paulo, cujo nome era “Em Busca da Verdade”, quando esse canal fazia parte do grupo dos Diários e Emissoras Associados; seus livros *Materializações de Uberaba* e *Escritores e Fantasmas*, se não seguiram a trilha de Beco dos Aflitos por óbvias razões, eram a comprovação da verve de um grande escritor. O que quero dizer é que Rizzini era um homem de muitas histórias, um apaixonado pelas idéias em que acreditava, um amante da justiça gritasse ela onde gritasse, um polemista por natureza e vocação. Valia à pena ouvi-lo, pois sempre tinha algo interessante a contar.

Mas era também um estilista da palavra oral e escrita. Se “o estilo é o homem”, em boa medida Rizzini era o estilo. Narrando os fatos ou escrevendo-os, sabia construir com maestria as frases, adotar as ênfases, usar propositalmente ironias ou destacar conscientes virtudes.

Um cultor das letras identifica com muita facilidade um texto de Rizzini, da mesma forma que o fará com Herculano Pires, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e outros grandes autores brasileiros e mundiais.

Os jornalistas gostavam de entrevistá-lo exatamente

por essa sua rara característica. Era arguto, objetivo e es-pirituoso, e dispensava longos cortes, extenuantes edições e cansativas regravações.

De olhar penetrante, com suas sobranceiras de águia parecia estar sempre à espreita de uma grande inteligência a valorizar ou da mediocridade travestida de saber a ser denunciada.

Por fim, um registro: ao lembrar fatos esparsos ou cronológicos de Jorge Rizzini é preciso ficar claro que ele praticamente doou sua vida ao Espiritismo. A partir do momento em que se envolveu com os acontecimentos doutrinários, reduziu seu interesse pelo caminho literário, que confessadamente desejava seguir mas não abandonou totalmente, e dedicou-se ao estudo, à defesa e à divulgação da obra kardequiana, com grandes prejuízos financeiros e espirituais para si e sua família. Note-se que nem mesmo os livros de sua autoria lhe renderam recursos monetários consideráveis, pois deles abriu mão quase sempre, apesar dos apuros financeiros porque passou e das necessidades inerentes à sobrevivência humana. Em contrapartida, o Espiritismo deve parte da sua penetração social e do equilíbrio entre suas linhas básicas à ação de homens como Jorge Rizzini. Negar isso seria cometer uma grande injustiça.

O que narro a seguir são, principalmente, memórias de fatos vividos com o nosso personagem. Não se trata de uma biografia, repito-o. Chamo de biolembranças, ou seja, recordações de uma vida recentemente desvitalizada, que segue seu rumo.

1

RETROTEMPO: NO FUTURO DO PASSADO

Em 1964, Herculano Pires contava 50 anos de idade e seu livro *Barrabás*, em edição do Clube do Livro, era então “Barrabás, o enjeitado”. Foi quando o li, menino ainda, em minha cidade natal de Minas Gerais. Não me lembro da impressão geral que o livro me causou, mas seu título e seu autor ficaram-me na memória.

Em janeiro de 1970, já residindo em São Paulo, passei a assistir semanalmente ao programa “Quem tem medo da verdade?”, dirigido pelo conhecido Carlos Manga e apresentado pela TV Record desde 1968. Tratava-se de um programa extremamente polêmico no formato de júri, em que personalidades do mundo artístico e cultural eram colocadas no banco dos réus acusadas de alguma coisa. Por exemplo, Grande Otelo, quando lá estive, foi acusado de alcoólatra. Depois de devidamente defendido por seu “advogado”, o júri exarou a sentença, condenando-o. Detalhe: cada jurado era chamado a declarar publicamente seu voto e a justificá-lo. O programa fazia um sucesso enorme por seu sensacionalismo travestido de seriedade.

Não se preocupe o leitor, os réus tinham pleno co-

nhecimento do que viria a acontecer. Sempre.. E invariavelmente concordavam. Nenhum deles era colocado na berlinda sem o seu assentimento. Muitos, inclusive, se ofereciam para sentar no banco dos réus à busca de visibilidade junto à audiência. Claro, o público não era informado destes detalhes...

Em alguns programas, Rizzini participava como jurado. Aparecia ao lado de Silvio Luís, Clécio Ribeiro e outros. Pelo banco dos réus, além de Grande Otelo passaram diversas personalidades como o pugilista Éder Jofre, o cantor Roberto Carlos, a polêmica escritora Adelaide Carraro e muitos mais.

Quando, portanto, Rizzini me foi trazido pelo Jamil Salomão eu já o conhecia. Mas, confesso, não o admirava. Sua imagem de polemista inveterado circulava nas rodas de conversa da Federação junto com outros atributos não muito agradáveis. A julgar por tudo o que se dizia dele, Rizzini não resistiria a um “quem tem medo da verdade?”.

Logo, porém, sua imagem um tanto quanto borrada se desfaria para mim. Da representação do concreto construída alhures, Rizzini encarnaria a própria realidade, sem intermediário, sem signo e sem significações propostas. Entre nós surgiu uma espontânea simpatia já no primeiro aperto de mão, simpatia que seria aprofundada daí para frente em conversas, planos e atividades conjuntas, para espanto de alguns cílios amigos meus, desconcertados com essa nova amizade.

Já, antes, eu tivera oportunidade de conhecer Hercu-

lano Pires numa série de conferências que fez na própria Federação sobre a extraordinária inteligência do filósofo francês Léon Denis. Com Rizzini, amigo particular de Herculano, passei a conhecer ainda melhor aquela figura, a compreender sua luta e a admirar seus livros.

À época desse encontro, as condições não eram favoráveis ao desenvolvimento da nossa amizade. Ainda ecoavam pelos corredores da Federação a batalha em que se transformou a tradução de Paulo Alves Godoy do *Evangelho segundo o Espiritismo*, publicada em 1974 pela Feesp. Herculano, como se sabe, era a grande voz a denunciar a ousada tradução e Rizzini um de seus principais colaboradores.

Os sentimentos, contudo, estão muitas vezes acima das contingências e dos contextos. Ao contrário da razão, os sentimentos despertados não pedem a presença da fria lógica para dar vida às afinidades, menos ainda a justificação das causas que o tempo, enfim, resolverá com o auxílio da memória.

2 UM EPÍTETO E UMA SURPRESA

Alguma coisa em Rizzini me dizia ter ele ligações palingenésicas com os antigos romanos. Eu mesmo não sabia o que era. Podia ser apenas engano da falsa aparência, o jeito de ser, a postura ou o nariz pronunciado. E às vezes empinado. Estamos culturalmente sempre sob influências diversas. Portanto, sob constante perigo do engano, ou do auto-engano como lembrou recente escritor. As imagens do mundo nos assombram diuturnamente e nos provocam falsas semelhanças. Filmes vistos anos atrás dormem em nosso inconsciente freudiano e emergem quando menos se espera, sob a provocação de um fato, um cheiro, uma visão, qualquer coisa.

Naqueles primeiros tempos, a então já famosa Bienal Internacional do Livro de São Paulo tinha lugar cativo no prédio das bienais do Parque do Ibirapuera. Era um verdadeiro acontecimento ao qual nenhum escritor mediano ousaria faltar. Com o tempo, a Bienal do Livro cresceu e mudou-se para outros lugares. Se para melhor, não sei.

Enquanto no Ibirapuera, fomos juntos, Rizzini e eu, diversas vezes. A de 1972 tornou-se inesquecível e assombrosa. Rizzini comentava aquele acontecimento

com satisfação e o relatou brevemente na biografia que escreveu sobre Herculano Pires. Herculano e Chico Xavier lá estiveram e autografaram das catorze horas do dia 25 de junho, derradeiro da bienal, às quatro horas da madrugada do dia seguinte. Jamais se viu tanta gente assim, parodiando antigo compositor popular. Aqui ou no Exterior. Aquela fila enorme, serpenteando pelas rampas de acesso ao piso superior, onde Chico e Herculano estavam. Todos querendo falar com o médium famoso, ouvir sua voz, receber seu autógrafo.

Rizzini não registra na biografia o título do livro autografado por Herculano naquela na ocasião e eu mesmo, que lá estive não me recordava, mas o Chico autografou a nova edição (2ª) do livro *Sinal Verde*, autoria de Emmanuel.

Em 1976, pouco depois de conhecer Rizzini, fomos juntos à quarta edição da Bienal do Livro. E este fato se repetiu nas sucessivas edições da bienal. Lá chegamos ainda pelo final da tarde. Um dos estandes que mais nos chamavam a atenção era, sem dúvida, o da comunidade portuguesa. Havia algo a nos atrair ali, onde nos demorávamos admirando as belas edições produzidas naquele país de grandes lembranças. Livros finíssimos no acabamento, autores de memória inesgotável que aprendêramos a admirar nos bancos escolares. E, por recompensa, a sonoridade familiar da fala portuguesa, a fazer vibrar nossas coronarianas... Aquilo tudo era para nós de uma emoção indescritível.

O sucesso de Chico e Herculano na bienal de 1972 foi

sem dúvida um fato marcante que propiciou aos editores espíritas arriscarem-se a participar das bienais seguintes, mas a quarta edição de 1976 contava ainda com pequena presença deles.

Estávamos, Rizzini e eu, conversando com alguns amigos comuns logo após adentrarmos ao recinto, esquecidos dos objetivos primeiros para os quais nos propusemos, quando Rizzini, em certo momento, sugeriu um passeio pelos estandes da feira.

Empreendemos um percurso que duraria cerca de noventa minutos. Aqui e ali, sempre alguém para conversar, rever, trocar amenidades e abraços. Ou não! De repente, estávamos em frente ao estande de uma conhecida editora. Rizzini apontou para alguém e disse-me: - Espere aqui, vou conversar com aquele velho de cabelos brancos e volto já. Observei de longe o diálogo. Parecia uma conversa comum, mas nenhum sorriso ou abraço. Ao fim de alguns minutos, Rizzini retornou e prosseguimos o percurso. Já um tanto distante daquele local virou-se e disse-me: - Ele nunca me pagou qualquer direito autoral desde que lançou o meu livro há dois anos. E o livro lá estava, exposto à venda com algum destaque.

Rizzini se referia ao seu *Sexo nas Prisões*, livro que havia escrito sobre um tema palpitante e pouco explorado, tema que, anos mais tarde, me levaria à Penitenciária do Estado de São Paulo, a pedido do inesquecível Gilberto Aiello, homem bom que coordenava excelente trabalho naquela unidade prisional. Pelo que percebi e acompanhei da conversa entre escritor insatisfeito e editor capitalista

jamais houve qualquer desdobramento favorável ao meu amigo.

Descemos novamente pela rampa, ganhamos os jardins do Ibirapuera e nos dirigimos ao estacionamento onde eu havia deixado o carro. Não muito longe dali, entre uma conversa e outra, Rizzini comentou novamente sobre uma passagem interessante de seu amigo Herculano Pires e o disse com muito orgulho, um orgulho que nele apresentava características muito peculiares e tinha ligação direta com o intelecto.

De chofre, vira-se para mim e pergunta: - o que você acha que eu sou?

- Arrogância românica – respondi-lhe, quase num rompante.

Surpreso, verdadeiramente surpreso pela resposta, Rizzini parou por uns breves instantes, olhou-me em silêncio com aqueles olhos penetrantes e prosseguiu a caminhada. Aquela noite, como muitas e muitas outras, terminaria com uma pizza na Paulino do Bairro do Sumaré.

Ao longo do tempo, durante toda nossa convivência, Rizzini de vez em quando me perguntava: - Como é mesmo aquele epíteto? Arrogância românica, repetia eu. Ele sorria um sorriso maroto e prosseguia com suas histórias não raro hilariantes.

3

CORREIO FRATERNO DO ABC. FRATERNO?

Herculano Pires preocupou-se muitíssimo com a hipocrisia e as falsas manifestações de religiosidade. Todos sabem que era ele partidário da religião espírita, mas poucos compreendem sua visão de mundo e, portanto, seu conceito de religião. Sem perceber a primeira não se pode conceber o segundo. Em seu livro *O Centro Espírita*, Herculano coloca ênfases sem precedentes na herança cultural das manifestações de cunho religioso que passaram a permear o ambiente doutrinário do espiritismo brasileiro.

De 1976 em diante, coincidindo com o início de minhas relações pessoais com Rizzini, o jornal Correio Fraterno do ABC, até então editado a duras penas pelo incansável Raymundo Espelho em São Bernardo do Campo, assumiu uma posição editorial que o tornaria alvo de admiração e críticas veementes. A causa deste sucesso estava bem clara, então, porém ainda hoje, tanto tempo depois, não foi bem digerida. O seu tom crítico dava margem a que alguns perguntassem pela fraternidade do seu título. Não compreendiam, portanto, a seriedade que a crítica bem feita carrega, nem os frutos

que dela se originam, frutos que alimentam a utopia de um mundo melhor, mais justo e mais verdadeiro.

Em 1977, atendendo a nosso convite, Rizzini assumiu com sua esposa Iracema Sapucaia a responsabilidade de tocar um projeto intitulado *Fraterninho*. Tratava-se de um suplemento do Correio Fraternal dedicado ao público infantil.

Rizzini tinha larga e reconhecida experiência no assunto e Iracema escrevia muitíssimo bem para a infância. A esse projeto juntou-se também o artista e amigo Paulo José, que então integrava a equipe de desenhistas de Maurício de Souza, o criador da Turma da Mônica, além do diretor de arte Renato Mello, publicitário de sucesso, e tantos outros.

A partir daí, Rizzini e Iracema passaram a ter grande participação nos destinos da Editora Correio Fraternal do ABC. Tudo começa com sua ativação enquanto editora de fato. Esses acontecimentos precisam ficar claros para que os fatos sejam compreendidos. Galhardamente, Raymundo Espelho criara e mantinha o jornal. Mas vivia sobrecarregado. Juntamo-nos, eu, Wilson Francisco e, pouco depois, Cirso Santiago ao Raymundo para dividir a produção do veículo. O jornal era publicado sob a chancela da editora, que de fato apenas cumpria uma função legal dada à exigência da Empresa de Correios de atribuir uma taxa de postagem reduzida apenas às empresas comerciais.

O jornal era deficitário, o que não constituía segredo para ninguém. Por decisão unânime da equipe,

preparamos um projeto de publicação de livros com a finalidade de criar um suporte financeiro para o jornal. Aqui começa outra trajetória da editora na qual Rizzini estaria presente.

O primeiro livro a lançar seria uma coletânea de histórias infantis até então publicadas no suplemento *Fraterninho*. Seu título? *O Besouro Casca-Dura e outras histórias*, assinado pela Iracema Sapucaia e preparado com esmero pelo Jorge Rizzini. Ilustrações de Paulo José. Ano: 1978.

Desnecessário dizer que o livro foi sucesso de público e de crítica. As edições se sucederam em curto tempo, criando um grande ânimo na equipe. O dinheiro tomado emprestado para custear as despesas da edição foi logo saldado e daquele momento em diante a editora passou a sobreviver às suas próprias expensas. A continuidade do jornal estava garantida. No livro *Sinal de Vida na Imprensa Espírita* dou mais detalhes sobre o assunto.

O segundo livro a lançar seria escrito por Rizzini. Esse tem uma história curiosa. Parte dela conto a seguir. Razões outras, de fundo, serão narradas mais adiante, no capítulo *O estilo é o homem. A propósito dos livros de Rizzini*.

Estava eu concluindo meu primeiro livro doutrinário, *O Centro Espírita*, que acabei lançando em primeira edição pela Editora Nova Era, da qual era então gerente. Fui à residência do Rizzini, lá na Rua Marambaia da Casa Verde, e mostrei-lhe os originais ainda inacabados.

Em meio à conversa, Rizzini abriu uma gaveta de sua

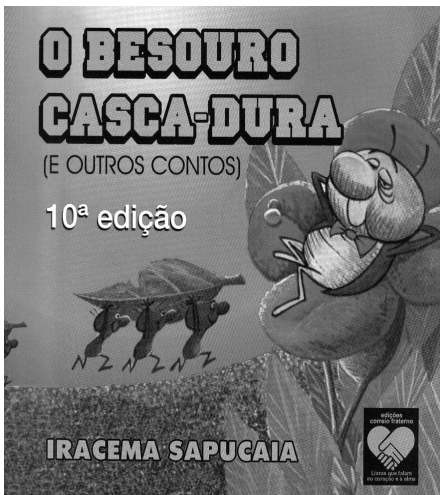
antiga e clássica escrivadinha, da qual tinha muito orgulho, e de lá retirou um envelope contendo os originais de um livro também inacabado. Era nada mais nada menos do que a obra que depois tomaria o título de *Eurípedes Barsanulfo, o Apóstolo da Caridade*.

Fazia dez anos que Rizzini iniciara as pesquisas e coleta de documentos para o livro. A maioria dos capítulos estava rascunhada, faltando apenas (apenas? Não mencione esta palavra para um escritor detalhista sob o risco de estremecimento da amizade...) os acertos derradeiros para sua finalização.

Sem pestanejar, iniciei deliberadamente uma competição, dizendo que eu tinha somente um ano de trabalho e já iria colocar o livro na rua, enquanto ele... Dez anos!

Fiz, enfim, o desafio: conclua o livro e nós o lançaremos pela Editora Correio Fraternal do ABC. Sacudido em seus brios ou não, o fato é que três meses depois a

editora lançou a sua segunda obra, com o mesmo sucesso da primeira. E outros livros mais vieram na esteira deste, como *Sexo e Verdade*



Em 2008, já em décima edição e com a capa original ligeiramente modificada, *Besouro Casca-Dura* foi o livro que deu início, praticamente, ao trabalho editorial do Correio Fraternal do ABC.

(poesias mediúnicas), *O Fraterninho*, da Iracema Sapucaia, etc. Vale também registrar o lançamento que a editora patrocinou, do disco compacto simples intitulado *Marchas Mediúnicas*, psicografadas pelo Rizzini. Na época do chamado bolachão, as empresas de discos criaram os discos compactos, simples quando apresentavam uma música de cada lado, e duplo quando eram duas.

Estando um dia com ele em sua residência, Rizzini cantarolou-me no seu jeito desafinado letra e música da marcha Glória a Kardec. O autor espiritual era ninguém menos do que John Philip Sousa, compositor americano de origem portuguesa considerado o maior autor de marchas militares até então. A letra fora escrita por Manoel de Abreu, guia espiritual de Rizzini. Disse-me este que estava providenciando a gravação da música pela Banda de Polícia Militar de São Paulo, o que se constituiria num feito extraordinário pelo conceito que a banda gozava.

Outra coisa não poderia eu fazer senão aderir ao projeto. Com a anuência dos meus pares da editora, providenciei o lançamento do disco contendo duas marchas mediúnicas, a segunda de Lamartine Babo. As músicas

A biografia de Eurípedes Barsanulfo, escrita por Jorge Rizzini, foi o segundo livro lançado pela Editora Correio Fraterno do ABC.



foram muito bem recebidas, mas os discos encalharam. Deve haver até hoje alguns exemplares perdidos nos estoques da editora. O público espírita é mesmo estranho...

Anos depois, em 1986, quando da sessão de abertura do IX Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, no Centro de Convenções Rebouças de São Paulo, a Banda da Polícia Militar do Estado de São Paulo lá estava, com sua formação de gala, para apresentar o Hino Nacional e a empolgante marcha Glória a Kardec.

Em meio a tanta produção musical mediúcnica mediócre contemporânea, este verdadeiro hino a Kardec e várias outras produções musicais de Rizzini, entre MPB

Mesa de abertura do IX Conbrade, Centro de Convenções Rebouças, São Paulo. Aparecem, pela ordem, Nestor Masotti, Teodoro Lausi Sacco, Hélio Rossi, Alberto de Souza Rocha, Wilson Garcia, Divaldo Pereira Franco e Francisco Thiesen. A Banda da Polícia Militar de São Paulo executou a marcha Glória a Kardec.



e eruditas, bem que poderiam ser resgatadas. Faria muito mais bem à alma brasileira.

A participação de Rizzini não se limitou a esses fatos, apenas. Interveio ele, muitas vezes, para que o jornal e a editora obtivessem bons resultados ou solucionasse alguns de seus problemas. Foi notória sua participação na escolha, pela médium Dolores Bacelar, da Editora Correio Fraternal do ABC para doação dos direitos autorais de suas obras mediúnicas, obras de grande aceitação popular, como o romance *A Mansão Renoir*. Rizzini explicou à médium quais eram as finalidades da editora e a destinação dos seus possíveis lucros para obras sociais, tranquilizando-lhe o coração preocupado com o futuro.

Alguns dos mais sérios embates jornalísticos assumidos pelo jornal Correio Fraternal do ABC tiveram em Rizzini o apoio, quando não a participação direta, como foi o caso, a título de exemplo, do famoso e tragicamente morto médium Edson Queiroz, cujo desdobramento pode ser lido no capítulo *Arigó de volta com Edson Queiroz*. Constituímos, Rizzini, Nazareno Tourinho e eu, uma espécie de triunvirato para defesa do médium, ante a enxurrada de críticas desferidas, em grande parte injustamente, contra Edson por parte de companheiros espíritas que se entrenchearam nas valas do pensamento reacionário.

Um dos mitos atribuídos aos nascidos entre as montanhas rochosas das Minas Gerais afirma que o mineiro dá um boi para não entrar numa briga e uma boiada para não sair dela. O paulistano quase carioca Rizzini, talvez por ter vivido bons anos próximo da fronteira daquele

Estado montanhoso, assumia em corpo e espírito esse mito quando a causa era a verdade. Quem sabe não era seu amigo Herculano Pires que lhe lembrava o que deixou grafado em um de seus mais de oitenta livros: “Quem não defende a verdade traída e conspurcada pela mentira não é digno dela. E quem não é digno da Verdade, entrega-se à mentira”.¹

Claro, muitos espíritas de coração frouxo e mente derretida até hoje não compreendem o valor da luta pela verdade, pois têm dela uma visão ingênua e marcadamente religiosa. Quando não, comprometida!

¹ Kardec é Razão, p. 174.

4 DOLORES BACELAR E AS INTERPOLAÇÕES MEDIÚNICAS

Dolores Bacelar era uma senhora muito simpática. Pernambucana, residia há muitos anos na cidade do Rio de Janeiro e era casada com o também pernambucano Luiz Bacelar. De família católica, foi a mediunidade que a conduziu ao Espiritismo, juntamente com o marido, onde se fixaram pelo resto da vida, tornando-se responsáveis por várias obras sócio-doutrinárias.

De papel passado, Dolores doou os direitos autorais de seus livros mediúnicos à Editora Correio Fraternal do ABC, por volta de 1980. Dois amigos participaram desse processo: Antonio de Souza Lucena¹, outro pernambucano radicado no Rio de Janeiro, e Jorge Rizzini.

Há um episódio muito curioso ocorrido por ocasião da doação. Um dos livros de Dolores, *A Mansão Renoir*, havia sido editado e estava no catálogo da Editora Lake, de São Paulo. Acompanhada por uma amiga particular e sua advogada, Dolores dirigiu-se àquela editora, onde foi recebida pelo seu proprietário, que não a reconheceu.

¹ A esse propósito, vide o livro *Vidas – Memórias e Amizades*.

Estranhando o fato e sem se apresentar formalmente, a amiga perguntou pelos livros de Dolores Bacelar e pelo paradeiro da médium. A resposta não tardou.

- Dolores morreu há tempos, disse o interlocutor.

Ante o inusitado, a advogada imediatamente apresentou a médium: - Esta é Dolores Bacelar.

Disseram-me elas, tempos depois, que o homem – Roberto Ferrero, este o seu nome – quase teve um colapso cardíaco. Chegaram a temer pela saúde dele. Na verdade, o livro estava sendo editado e vendido sem a devida autorização da autora mediúnica. Não é preciso dizer que a venda foi suspensa imediatamente, sob a ameaça de um processo judicial.

Além do livro *A Mansão Renoir*, outras obras faziam parte da lista de produções mediúnicas doadas pela médium à Editora Correio Fraternal do ABC, as quais deveriam ser lançadas seqüencialmente, como de fato foram: *À Sombra do Olmeiro*, a série histórica *Às Margens do Eufrates*, constituída de três volumes etc. Um dos livros, porém, se tornou o centro de um acontecimento inusitado que passo a narrar.

A Canção do Destino é obra composta por mensagens mediúnicas e havia tido uma edição anos antes por uma editora carioca de pouca expressão. O exemplar que me fora entregue por Dolores, um tanto surrado, era remanescente daquela edição. Lia-o eu por primeira vez, quando uma das mensagens me chamou a atenção por fugir à linha de pensamento das demais. Todas as outras se enquadravam perfeitamente no objetivo do livro, mas

aquela mensagem apresentava outro propósito – e propósito suspeito, o que tornava a questão muito grave.

Fui ter com Rizzini em sua casa para ouvir seu parecer. Era uma tarde de quinta-feira. Surpreso, concordou ele imediatamente comigo. Ali mesmo, sentados no sofá da sala, passamos a questionar a situação quando nos veio a idéia de falar com a médium sobre o assunto. Pareceu-nos que ela poderia esclarecer a questão ou pelo menos procurar lá nos seus guardados os originais do livro para consultá-los. A solução da dúvida poderia estar lá.

Sem demora, tomei do telefone preto do Rizzini e disquei para a residência da nossa médium. Ela mesma atendeu, com sua natural amabilidade. Tão logo concluímos as saudações, para minha primeira surpresa, Dolores afirmou, categórica: - Eu sei por que você está ligando. Se quiser falar pessoalmente comigo, pode vir.

Eu não havia tido tempo para dizer absolutamente nada sobre o assunto. Dolores também não perguntou.

Rizzini disse estar disposto a viajar, naquele mesmo fim de semana, até o Rio de Janeiro. Combinamos com Dolores, portanto, de encontrarmo-nos em seu apartamento no sábado à tarde. Residia ela nessa época em Copacabana. Reservei um hotel duas estrelas o mais próximo possível de sua residência para facilitar o deslocamento. Tomamos o ônibus da Viação Cometa próximo da meia noite. Por volta das sete horas da manhã de um dia de muito sol chegamos ao hotel e descansamos até a hora do almoço. Às 15h30min precisamente, rumamos para o endereço, sendo recebidos por Dolores e seu marido. A

casa estava cheia de amigos e parentes. O almoço parecia ter terminado há pouco, pois a mesa ainda guardava vestígios de refeição. As conversas giravam naturalmente sobre assuntos familiares.

Luiz, com aquele seu ar sisudo de vez em quando cortava o silêncio com uma ou outra pergunta sobre amenidades espíritas. Dolores pediu-nos um pouco de paciência até que as coisas se acalmassem, mas isso só foi ocorrer por volta das seis horas da tarde, quando os últimos familiares se despediram.

Dolores nos disse que aguardava a chegada de uma pessoa importante:

- Importante para mim, vocês vão ver, disse ela.

A amiga e advogada logo bateu à porta e foi recebida com a intimidade daquelas pessoas que desfrutam há anos da convivência com o casal. Ela se acomodou numa cadeira vazia, mas por pouco tempo.

Dolores deu início à conversa com um esclarecimento que surpreendeu a mim e ao Rizzini, seja pelo assunto, seja pelo inusitado do fato. Disse que infelizmente os originais do livro *A Canção do Destino* – note-se, era a primeira vez que o nome do livro era mencionado – haviam se perdido junto com outros. Dolores explicou o fato da seguinte maneira: sempre muito preocupada com a conservação de tudo o que psicografava, guardava os manuscritos em uma velha e grande mala, daquelas antigas de couro.

Um dia resolveu levá-la para sua casa de praia, onde julgava ficar mais bem acomodada e em maior seguran-

ça. Lá a colocou sob uma cama, de modo a não causar curiosidade. Afinal, ainda se usava guardar malas debaixo das camas...

Mas aí veio o imprevisível. Uma chuva forte de verão inundou a casa e transformou os originais psicografados numa verdadeira massa disforme. Nada a fazer, senão lamentar. O que havia sido uma providência segura acabou num pesadelo sem fim.

Feita essa explicação, Dolores pediu-nos que nos acomodássemos em volta da mesa de jantar. Eis aqui outra surpresa. Lá estávamos para resolver um conflito que nos parecia simples e em momento algum nos passou pela cabeça a possibilidade de um sessão mediúnica.

De um lado da mesa ficamos eu e Rizzini, de outro a advogada e a filha, Primavera. Nas cabeceiras, Dolores e o marido, Luiz. A advogada, sentada próxima a Dolores, nos fez perceber que teria ali uma atuação importante, mas quando a reunião terminou não tínhamos mais dúvida alguma de que era mais importante do que aparentava. Médiun inconsciente, Dolores desenvolveu o hábito de ter amiga do lado, sempre que precisasse exercer a atividade mediúnica. Medida de precaução, dissera.

Dolores entrou em transe mediúnico e a primeira voz que se ouviu foi a de Alfredo, guia e autor de alguns dos livros psicografados pela médium. Não fez ele nenhuma revelação, não tocou diretamente na questão que nos levava até ali, mas pediu que tivéssemos paciência porque as coisas seriam esclarecidas a seu tempo. Antes de concluir a fala, Alfredo revelou que outros Espíritos estavam

também presentes e usariam da palavra no momento adequado. Foram eles, pela ordem: Leopoldo Machado, Benedita Fernandes, Carlos Lomba (este acabou não se manifestando) e Ismael Gomes Braga.

A surpresa era total, disso não restou dúvida. Luiz e Primavera, a própria advogada, eu e Rizzini menos ainda tínhamos idéia do que estava reservado para aquela noite e, pelo que se viu depois, nem à médium fora antecipada qualquer informação.

O primeiro a falar foi um Espírito que eu não tivera oportunidade de conhecer pessoalmente, mas Rizzini e o Brasil espírita inteiro ouvira falar: Leopoldo Machado. Ele começou dizendo de sua predileção pelas contendas verbais. Disse que, ainda encarnado, inúmeras vezes ficava a meditar longamente sobre a origem das palavras.

Referiu-se, a meu pedido, à Editora Correio Fraternal do ABC e ao jornal que editava, com o qual afirmou colaborar sempre. Diante da minha surpresa pelo progresso que a editora vinha tendo, Leopoldo disse que ela continuaria crescendo, desde que permanecesse o espírito de abnegação e desinteresse da parte de todos. Referiu-se ainda ao trabalho no campo infantil e incentivou a publicação de livros para as crianças. Concitou, inclusive, ao Rizzini a incentivar sua esposa, Iracema, a escrever mais.

Aproveitei a ocasião para questionar Leopoldo Machado sobre um assunto que preocupava a muita gente na época, assunto este que era objeto de discussões acirradas: o uso dos animais como personagens das histórias

infantis. Leopoldo respondeu com objetividade, sem meios termos: estava de pleno acordo. E justificou: os animais fazem parte do imaginário infantil. Desde que não se faltasse com a verdade, afirmou Leopoldo, ou que a verdade não fosse falseada, não haveria problema. Esta era sua opinião.

Leopoldo falou por cerca de vinte minutos e antes de concluir disse que seria sucedido por um espírito muito caro a ele, uma mulher que conhecera no interior de São Paulo em uma de suas viagens e com quem jamais deixou de relacionar-se. Fez questão de afirmar que ela era sua conselheira. Admirava-a profundamente por sua luta, exemplos de superação e pela obra por ela realizada. Fez-lhe rasgados elogios e pediu ao Rizzini para escrever a biografia dela algum dia, mas nunca foi atendido.

Ouviu-se, então, a voz amável de uma mulher. O semblante de Dolores se iluminou, envolto em raro fenômeno de transfiguração. Benedita Fernandes, a negra obsedada da região de Araçatuba, ali estava, sorridente, a reclamar dos excessos de elogio do Leopoldo, a quem considerava um homem bom, admirável mesmo, pelo carinho, mas pedia que se descontasse no mínimo cinquenta por cento do que dissera sobre ela.

Benedita também contou algumas histórias vividas ao longo de sua trajetória física, mais a título de estímulo, como deixou patente. Riu um riso contagiante até mesmo quando falou de seus erros e de suas decepções em sua última vida física.

- Estou aqui – afirmou – mercê da bondade do Alfre-

do e do convite do Leopoldo, para dizer que os corações que se unem encontram repouso certo na continuidade da vida além dos sentidos e das razões puras.

Alfredo retornou brevemente, após Benedita, para dizer que estávamos caminhando para o final daquele encontro inesperado, pelo menos para nós. Antes, porém, teríamos ainda alguns esclarecimentos e a partir dali os rumos seriam alterados.

Mais de hora e meia havia se passado. O relógio na parede marcava 20h10min. Luiz Bacelar se agitou ao olhá-lo, demonstrando certa preocupação. Estaria a médium cansada? - pensei. O silêncio, porém, foi logo rompido com a chegada do novo comunicante, o quarto da noite.

A situação agora era outra. Os Espíritos que o antecederam se mostraram tranqüilos, mas este, não. Estava agitado, demorava-se na articulação do aparelho vocal da médium, parecia ocupar um espaço maior do que o corpo de Dolores. De vez em quando passava as mãos pelo cabelo, como se os devesse ajeitar. A própria médium se mostrava instável, diferente. Alguma coisa a incomodava. Ao fim de uns três a quatro minutos, o Espírito principiou a articular as primeiras palavras e à medida que foi falando foi também se acalmando, e à médium, que respondia fisicamente ao comportamento do Espírito.

Logo resolveu a dúvida dos presentes anunciando seu nome: Ismael Gomes Braga. Esta era mais uma das surpresas daquela tarde-noite, a maior, com certeza.

Ismael falou a fala mais longa de quantas até então

ocorreram. Refeiu-se às suas vidas passadas e ao profundo amor que nutria pelo Cristo quando, por mais de uma vez, revestira-se do corpo carnal como padre jesuíta. Mencionou a sua personalidade sempre resoluto na defesa dos princípios que esposara, combativo, não poucas vezes exageradamente contundente.

Chegou à sua existência recém-finda, em que vira na bandeira do Espiritismo a razão para a defesa das idéias que alimentava acerca da figura magistral do Cristo. Os princípios da nova doutrina se assentavam muito bem nas disposições mais íntimas de sua alma, de modo que não teve dúvida alguma em romper com o passado jesuítico.

Entre suas inúmeras responsabilidades estava a condução do trabalho mediúnico de Dolores Bacelar, que, jovem na doutrina e na prática do fenômeno, quando a conheceu, carecia de um braço firme. Acompanhou Dolores por cerca de trinta anos, revisando seus escritos, organizando seus livros, corrigindo as falhas e orientando-a.

Ismael abriu neste instante um parêntese para esclarecer um aspecto de sua personalidade: reconheceu – tardiamente, disse-o então – que era de seu feitio assumir uma crença e levá-la às últimas conseqüências. E declarou que, apesar de aceitar integralmente todos os postulados espíritas, não abria mão, em hipótese alguma, da crença no corpo fluídico de Jesus. Neste aspecto, era intransigente.

Defendeu arduamente essa crença enquanto viveu

– prosseguiu o Espírito – dizendo que daí vieram alguns dos seus excessos. Um deles revelaria agora, por primeira vez, mas, antes, fez um pedido para que respeitássemos aquilo que chamou de compromisso dele com a história, cujo resgate haveria de fazer.

Um dia – é sempre Ismael narrando – estava revisando os originais de um novo livro de Dolores Bacelar quando se deparou com a mensagem de um Espírito que se valia bem aos propósitos seus de firmar entre os espíritas a crença no corpo não carnal do Cristo. Certo de que para o bem os fins podem, sim, justificar os meios, introduziu na mensagem algumas frases com a finalidade de deixar objetivamente firmado o conceito e a ninguém jamais revelou essa atitude.

Confessou-se arrependido, mas somente agora, há pouco. Quando o anjo da morte arrebatou-lhe o corpo, viu-se em meio a um turbilhão de vozes e pensamentos. Aos primeiros amigos que avistou, perguntou por seus próprios merecimentos. Acomodado em local apropriado para sua readaptação ao novo meio vibratório, Ismael não conseguia sobrepor-se à agitação mental de seu espírito.

As paixões do mundo o incomodavam e pediam confirmação acima das necessidades de repouso. Vagou à procura do Cristo, incessantemente, perdido em meio a tantas coisas conhecidas, mas deixadas no distante passado. O corpo do Cristo não fora feito de matéria diferente dos demais humanos, o Cristo não merecia essa distinção ao encarnar no planeta? Fora ele, Ismael,

enganado por tanto tempo? Tudo não passara de uma ilusão, uma grande ilusão? Então, estava decidido. Se tudo isso era uma farsa, para ele, Ismael, o Cristo, a partir dali, era também.

Negou-o, no mais profundo do seu ser, na tentativa desesperada de arrancar da alma aquilo que por muitas gerações constituiu seu ideal maior.

Um longo tempo assim viveu, disse. Os amigos, porém, não o perdiam de vista e sempre que podiam o consolavam. Ismael permanecia irredutível, mantendo intacta essa notória característica de sua alma manifestada em diversos momentos.

Um dia, contudo, uma lição, singela mas de grande significado. Estava Ismael mais uma vez debatendo o assunto com o Espírito de grande amigo, que não via há longos anos, quando este, em dado instante, o convidou para participar de um banquete. Ismael achou estranho o convite.

Imediatamente, viu-se em meio a um salão grandioso, ricamente ornamentado, rodeado por vários convivas vestidos a caráter. Uma imensa mesa repleta de iguarias ocupava a parte central do salão. O Espírito amigo, então, disse a Ismael:

- Sirva-se à vontade. Vamos nos refestelar nesta festa rara aqui entre nós.

Ismael sentiu-se atingido em seu bom-senso pelo amigo e teve uma vontade enorme de fugir dali. Mas sua veia polêmica falou mais alto. Foi então que redargüiu:

- Como assim? Eu não preciso disso, nenhum Espírito

precisa, isso é uma farsa! O amigo olhou profundamente nos olhos de Ismael e arrematou:

- Então, caro amigo, você se considera um Espírito imperfeito, mas sabe muito bem que em nossa condição atual os alimentos são de outra natureza. Por isso, se recusa, com razão, a participar de um banquete que você mesmo classifica de farsa. E de fato o é. Convenhamos amigo, o Cristo também não precisaria disso se vivesse num corpo de natureza diferente da comum dos vivos no planeta Terra, porém em tudo semelhante ao que temos aqui. Ora, então o Cristo seria uma farsa histórica, porque se alimentava como qualquer outro e cumpria todos os requisitos de um corpo físico orgânico. E é nesse Cristo que você diz acreditar?

Ismael bem que tentou prolongar a discussão por todo o tempo possível, a fim de buscar convencer o interlocutor de suas razões, como sempre fazia quando encarnado. Subsidiava-o, ainda, a idéia dos fins que justificam os meios.

O amigo, contudo, precisava partir. Antes, porém, fez um pedido:

- Ismael, pense melhor no assunto.

Os dois tomaram rumos diferentes. Ismael garante que passou dias contrariado, mas as razões do amigo teimavam em permanecer em sua mente. À medida que refletia sobre o tema, sentia a tranquilidade tomar conta de sua alma. O tempo passou e Ismael resolveu rever a crença.

Ao finalizar sua fala, fez questão de agradecer a todos

e aos amigos invisíveis que o acompanhavam com dedicação e muita paciência. Suas últimas palavras foram:
- Até breve.

Alfredo, o Espírito-guia, retornou. Disse que a reunião estava terminada e recomendou descanso à médium. Pediu para que lhe fossem narrados os principais momentos da reunião e deu seu veredicto final, dirigindo-se principalmente a mim e ao Rizzini:

– O que a médium decidir estará decidido!

Dolores acordou como quem retorna de um sono profundo. Os pequeninos olhos agora abertos eram de pura interrogação, como a perguntar sobre o que havia se passado. Luiz Bacelar, do outro lado da mesa, se agitou impaciente. Eram já 21 horas passadas.

A amiga advogada fez sua lição de casa. Tomou das anotações e informou a Dolores sobre os principais momentos da reunião e, ao concluir, apenas repetiu as palavras de Alfredo:

– O que a médium decidir estará decidido!

Dolores deu um longo suspiro e disse, em tom de desânimo:

– Esse Alfredo não tem jeito mesmo...

Por solicitação da médium, levantamo-nos e fomos nos sentar nos sofás da sala. Dolores se dizia impotente para resolver o assunto. Estava um tanto contrariada com Alfredo, dizendo que aquilo não era atitude a tomar com ela. Afinal, era uma responsabilidade enorme, dizia, decidir sobre algo dessa natureza.

Houve um breve silêncio, enquanto todos se entreo-

lhavam, interrogativos. Foi quando me veio uma idéia, que expus, dirigindo-me principalmente à médium:

– A questão não tem solução e se não tem está, de fato, solucionada. O Espírito confessou que alterou a mensagem, mas não disse onde nem com quais palavras. Por sua vez, Alfredo não aceita se intrometer no assunto por julgá-lo de nossa competência. Dolores, como se vê, está de mãos atadas. Resta-nos, portanto, uma só atitude: retirar a mensagem do livro. Esta me parece ser a melhor solução

Todos quedaram pensativos. Dolores foi a primeira a se manifestar, concordando. Os demais também o fizeram, a seguir. Explica-se, portanto, dessa forma a ausência do conto “O Bom Ateu”, assinado por Bernardo Guimarães, a partir da segunda edição do livro *A Canção do Destino*.

Depois de uma breve ausência, Primavera reapareceu na sala com um cafezinho fresco. Visivelmente chateado, Luiz Bacelar acabou por revelar os motivos reais de sua contrariedade, notada por mim em vários momentos da reunião. E lamentou:

– Agora já perdi mesmo a minha novela das oito. Ato seguinte, retirou-se da sala com um seco “boa noite”.

Dolores retomou a palavra para expressar uma preocupação que a invadiu antes do início da reunião. Disse ela que quando ainda estava sentada no sofá, viu, no outro sofá à frente a figura de Ismael Braga. E – confessou – era a segunda vez que via Ismael desde a sua desencarnação mais de dez anos antes – com um aspecto

muito preocupante. Pedira mentalmente a Alfredo, seu guia, para não deixar Ismael se manifestar, pois temia algum acontecimento desagradável.

Na primeira e única vez que Ismael lhe apareceu, pouco tempo após o desencarne, encontrava-se em estado psicológico lastimável e a aparência horrível. Isso a deixou, na ocasião, muito assustada. Desde então, não o viu mais, senão agora.

* * *

Eram quase 23 horas quando Rizzini e eu saímos do prédio onde Dolores morava, tomando a direção do hotel. Estávamos com fome, muita fome. Afinal, já fazia mais de dez horas que não nos alimentávamos e o cafezinho da Primavera quase não parou no estômago. Felizmente, havia no meio do caminho uma providencial lanchonete.

- Garçom – gritou Rizzini, antes mesmo de terminar de sentar-se na cadeira – dois chopes e dois sanduiches de queijo quente, por favor.

Quando retornamos a São Paulo no dia seguinte, depois de passar no apartamento do inesquecível amigo Francisco Klörs Werneck para revê-lo, comuniquei o ocorrido aos meus companheiros da Editora Correio Fraternal do ABC e dei andamento à produção gráfica do livro, que foi lançado três meses depois, ainda no ano de 1987.

5 UM LIVRO, UM PREFÁCIO E...

Depois de publicar no Suplemento Literário do jornal Correio Fraternal do ABC uma análise crítica da questão roustainguista contida na obra *Allan Kardec*, escrita por Zeus Wantuil e Francisco Thiesen em 1980, resolvi ampliar o trabalho e transformá-lo em livro¹. A polêmica sobre o assunto fora reavivada, depois que a obra veio a público pela editora da Feb.

A meu pedido, Rizzini faria o prefácio. Ele acompanhava a polêmica há muitos anos e tinha sua posição definida. Não se pode esquecer que seu amigo Herculano Pires também estuda o assunto no livro *O Verbo e a Carne*, escrito em parceria com o poliglota Julio Abreu Filho.

Entreguei ao Rizzini os originais de *O Corpo Flúídico* – esse o título do livro – com um duplo pedido: a preparação do prefácio e a leitura atenta dos originais, pois eu estava preocupado com o curto tempo que levei para prepará-lo: apenas três meses. Como se sabe e nunca é demais repetir, a pressa é mesmo inimiga da perfeição.

¹ Maiores detalhes podem ser conferidos no livro *Sinal de Vida na Imprensa Espírita*, Editora EME.

A bem da verdade, Rizzini estava ansioso para escrever sobre o assunto. Ele não se conformava com diversas teses introduzidas no universo do Espiritismo. De modo que não demorou a telefonar-me para dizer que o prefácio estava pronto.

Não mais de dez dias haviam se passado desde que lhe entreguei os originais, o que comprova para mim que o tempo para Rizzini era mais relativo que para Einstein. Em situação normal, Rizzini ocuparia trinta por cento do seu tempo a escrever e setenta por cento a burilar o texto.

Ao devolver-me os originais do livro, Rizzini alertou-me para algumas incorreções ligeiras que fizera questão de marcar. As de conteúdo aceitei; as de estilo, não, pois considero que cada personalidade possui suas marcas e formas, e cabe ao leitor apreciá-las ou não. Mas sobre isso faço meus comentários no capítulo *O estilo é o homem. A propósito dos livros de Rizzini*.

Rizzini esmerou-se no prefácio.

Foi além do que normalmente se espera da apresentação do livro de um amigo, não por falar deste, mas precisamente por ter elaborado um verdadeiro estudo sobre as teses esdrúxulas que brotam no canteiro das novas idéias. Foi ele buscar a quase esquecida obra *A Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo* e comparou-a, em termos de nocividade doutrinária a *Os Quatro Evangelhos*.

Com isso, deu ao leitor a oportunidade de tomar conhecimento de um livro de origem duvidosa que andava quase esquecido no Brasil e no mundo, mas ainda possuía

alguns adeptos no continente sul-americano. Rizzini mostra o percurso histórico do livro, desde o seu aparecimento em França, em edição única, fato que se repetiria na Itália, e sua chegada a Buenos Aires, Argentina. Nesta, ganhou a simpatia de um médico de origem paraguaia, que – diz Rizzini – “acrescentou à obra, tranquilamente, uma segunda parte por ele mesmo psicografada... E atribuiu-a a Jesus!”.

Rizzini preenche a maior parte do prefácio com a visita que faz a alguns pontos cruciais da obra roustainguista. Note-se, o texto inteiro ocupa nada menos que 17 páginas em corpo 10. Ali está, em resumo, uma parte importante da personalidade desse amigo, com um ângulo que se destaca entre os outros: a sua cultura jornalística. Sim, a cultura jornalística de Rizzini foi forjada na escola que antecedeu à obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão no Brasil, e é claramente marcada pela procura pelo furo jornalístico, o estilo que emprega o adjetivo com intenções claras e a constante perseguição da verdade. Estes atributos estão visíveis nos textos de Rizzini porque fazem parte, primordialmente, de sua individualidade. Tudo me leva a crer que em seus oitenta e quatro anos de vida jamais abriu mão deles.

Mas Rizzini cometeu dois deslizes no prefácio de meu livro. O primeiro ele mesmo reconheceu e se arrependeu profundamente. Tanto que, espontaneamente, autorizou-me a corrigi-lo na segunda edição da obra. O segundo deslize custou-lhe horas de discussão comigo para desfazer, mas quando cedeu aos meus argumentos

havia ainda tempo de corrigir, antes que a primeira edição fosse publicada. Vejamos os dois.

Os últimos quatro parágrafos do prefácio são utilizados por Rizzini para se referir a mim que, na palavra dele, era “um jovem autor” com alguns atributos elogiáveis. O texto, porém, alcança seu clímax justamente no encerramento quando um Rizzini literato, muito mais do que jornalista, aparece com uma solução que se diria tiradada da cartola. É preciso reproduzir dois parágrafos dele para se ter a exata compreensão do fato. Diz Rizzini:

“Os leitores não de concordar comigo após a leitura da última página do 4º cap.: já não pode a diretoria da Federação Espírita Brasileira insistir em servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamom! Compete-lhe:

“1...

“2) - ...entregar, sem ressentimento, aos espíritas verdadeiros, a Feb com todo o seu patrimônio. E, em seguida, com a consciência tranqüila de quem praticou um ato de justiça, alugar uma casa (quanto menor, melhor, pois será usado um só cômodo) e nela colocar uma placa: “Federação Espírita Roustanguista”.

Se o leitor não percebeu o deslize, eu o destaco: Rizzini propõe a criação da Federação Roustanguista mas a qualifica de “espírita”, o que lhe pareceu, a ele próprio, um absurdo inconcebível. E só foi perceber isso quando recebeu o primeiro exemplar do livro já impresso.

Lembro-me bem que no primeiro encontro que tivemos após o fato, Rizzini me chamou a um canto e revelou seu desapontamento. O consolo foi que apenas dois ou

três companheiros, dentre os que se dispuseram a ler os cinco mil exemplares da primeira edição, deram-se conta do engano.

Não é preciso dizer que a segunda edição do livro exclui o termo espírita. Está lá grafada: “Federação Roustinguista Brasileira”, conforme pedido do Rizzini.

Vamos agora ao segundo deslize.

Em uma passagem rápida por alguns dos médiuns que psicografavam textos de teor roustinguista, Rizzini adota, para um deles, uma classificação racista, o que me pareceu um exagero a ser debitado na conta do velho e ultrapassado conceito de que a raça responde também pela inferioridade intelectual dos indivíduos. Estava eu com o livro produzido e o prefácio integralmente grafado quando me apercebi do fato. Na própria residência de Rizzini, falei do assunto e pedi que revisse sua posição. Sua veia romana saiu pelos olhos e retornou pelos poros. Tentou argumentar que precisava dar uma lição no médium ousado. Ao final, porém, aquiesceu e ali mesmo fez a correção, de próprio punho. Tempos depois, recordando esse fato, Rizzini reconheceu que se excedera, de fato. Ou seja, não deveria chegar ao ponto em que chegou, pois as discussões estavam centradas no campo das idéias e não dos seres cujos corpos a poeira espalha, incessantemente, pelo universo e os mundos.

6

A CURIOSA HISTÓRIA DE UM BATRÁQUIO

Quem quer que tenha convivido com Rizzini mais de dois minutos seguidos haverá de ter sobrevivido a pelo menos uma passagem pitoresca. Em momentos de descontração, gostava de divertir e se divertir com frases de efeitos, histórias hilárias, casos mal resolvidos, situações que ganhavam em suas palavras um sabor diferente.

Não era ele expressivo apenas no estilo lingüístico. Seus gestos, suas expressões faciais e o modo como olhava os interlocutores formavam um conjunto inimitável, fosse para contar uma história, fosse para defender uma idéia. Mais que ator social, Rizzini era um verdadeiro artista.

Mas o caso do batráquio, que me foi contado por ele próprio, fugiu ao comum das histórias porque teve no próprio contador o principal personagem.

Esclareça-se, desde já, o seguinte: a mediunidade de Rizzini era uma realidade, apesar das desconfianças de alguns. Não afirmo que era ele um médium perfeito, não é disto que estamos tratando. Digo que sua mediunidade era real, verdadeira. E digo mais, era ela parcialmente responsável por grande parte de sua produção literária.

Vou tratar disto mais pormenorizadamente no capítulo-

lo específico de abordagem de seus livros. Muitas de suas práticas mediúnicas ocorreram entre as quatro paredes de seu escritório. No antigo sobrado da Rua Marambaia, o escritório ficava localizado no andar superior. Ali residiu por muitos anos e foi também ali que conseguiu superar o vício do cigarro, depois de mais de quarenta anos de submissão ao império da nicotina. Foi um sofrimento quase inglório, que acompanhei de perto, vencido a duras penas, Iracema ali, ao lado, segurando corda. Rizzini dizia-me: -Eu consegui, Wilson. Foi duro, mas consegui!

Depois que se mudaram para o apartamento do Conjunto Residencial Porto Seguro, no mesmo bairro da Casa Verde, Rizzini transformou um dos quartos em escritório. Antes, precisou dispor da maior parte dos livros que compunham sua biblioteca por conta de ser o novo espaço bem menor que o anterior. Entretanto, não abriu mão das principais obras, algumas raras mesmo, de que se orgulhava possuir.

A velha máquina datilográfica semiportátil ali presente, junto com a escrivaninha de estilo clássico ao centro.

Costumava trabalhar até altas horas da madrugada e desde muito cedo assumiu a parceria com os Espíritos, logo recebendo a informação de que seu Espírito guia era um português de nome Manoel de Abreu. Assim que tomou conhecimento do fato, andou a realizar pesquisas para conhecê-lo melhor, o que o levou, automaticamente, a realizar descobertas interessantes sobre as relações dos dois em vidas passadas, especialmente em Portugal.

Seus depoimentos públicos sobre o Guia são recheados de emoção. Quando desejou conhecer quem seria o Espírito que o acompanhava e orientava mediunicamente estava no auge das composições poéticas vindas do Além e se imaginava “merecedor” de um Guia de nome expressivo entre os grandes vates ou literatos do mundo. Pura vaidade, ele mesmo confessa. Ficou, a princípio, decepcionado com a informação de que seu Guia espiritual tinha por nome Manuel de Abreu. Por pura ignorância, imaginou tratar-se de uma figura menor da história, algo para ele decepcionante.. Quando, mais tarde, tomou conhecimento de quem de fato era, das lutas empreendidas por ele em favor da mensagem cristã, foi tomado por um grande remorso a ponto de espontaneamente retratar-se perante o Espírito.

Rizzini desenvolveu com os Espíritos um sistema comunicativo que tinha nos sinais sonoros o seu código principal. Para isso, o silêncio noturno era propício. Estando no escritório a trabalhar, a uma batida qualquer sem origem clara ficava atento. Quando os sinais se repetiam continuamente, começava um diálogo mental e se as respostas eram positivas, punha-se à disposição dos Espíritos. Se era de fato algum Espírito presente desejoso de se manifestar, Rizzini não titubeava.

Não é preciso dizer de seus cuidados e exigências. Rizzini era extremamente criterioso quanto às mensagens e, principalmente, ao conteúdo.

Ocorre que certa ocasião, por volta das onze horas da noite, quando ainda residia no sobrado da Rua Ma-

rambaia, Rizzini começou a ouvir uns toques estranhos vindos talvez de uma das paredes laterais. Parou com o que estava escrevendo e se pôs em alerta. Os sinais se alternavam, às vezes aumentavam de intensidade, outras diminuíaam, tornando-se quase inaudíveis, até cessarem completamente.

Mais tarde, os sinais voltaram. Como sempre fazia, Rizzini tentou um diálogo mental, perguntando pela presença de algum Espírito. Nenhuma resposta.

Depois de mais algum tempo, o barulho retornou. Mas o Espírito nada! No dia seguinte o fato se repetiu com a mesma intensidade e nenhum resultado prático. Cá entre nós, se Espírito havia, algo estranho estava ocorrendo.

A grande surpresa veio depois, mas agora à luz do sol. Durante a limpeza da casa, naturalmente feita com mais cuidado por aquela ocasião, o que se descobriu? Um sapo escondido sob um dos móveis do escritório...

As coisas então se esclareceram e puderam ser devidamente explicadas. Uns quinze dias antes, a região da Rua Marambaia foi tomada por uma enchente com o transbordamento do Rio Tietê, coisa muito comum na época dos períodos de chuva forte. As águas invadiram a sala baixa do sobrado e com certeza trouxeram consigo o conhecido batráquio que quase se celebrizou como o primeiro sapo a dar comunicação mediúnica na história da humanidade...

O que não ficou muito claro é como ele conseguiu subir as escadas e se instalar exatamente no escritório sem

ser percebido. Não fosse Rizzini um médium cuidadoso e atento aos fenômenos, poderia muito bem ter-se deixado levar pelos supostos sinais e conduzido a imaginação a dar vida e forma a uma suposta transmissão mediúnica...

Rizzini levou a questão com muito humor e, vez por outra, trazia a história à baila, rindo a valer.

7 UM FIM DE SEMANA NA ROÇA

Foi Raymundo Espelho quem, primeiramente, comprou um terreno de aproximadamente vinte e dois mil metros quadrados na histórica região de Ibiúna, mais precisamente na zona rural de um lugarejo tranqüilo denominado Paruru.

Depois, por insistência dele, eu também acabei adquirindo um terreno bem ao lado do seu, mas de dimensões menores: dez mil metros quadrados. E segui seus passos fazendo construir uma casa simples onde pudesse me refrescar, junto com a família, nos finais de semana, das refregas da grande cidade.

Tive a tremenda sorte de conhecer um senhor de nome Eduardo, que veio a se tornar meu grande companheiro ali durante os cinco anos em que mantive o sítio. Pouco depois de adquirir o terreno, me reuni com um pedreiro no local para combinar a construção da casa, a partir de uns traçados que eu mesmo fiz.

O Sr. Eduardo apareceu em certo momento, acompanhado de sua esposa, perguntando se eu iria precisar de um caseiro. E se ofereceu para o serviço.

Confesso que até aquele instante não havia pensado

no assunto, mas a imediata sintonia com aquele senhor a quem via pela primeira vez me fez assentir positivamente. As coisas se encaixaram perfeitamente, pois o meu novo amigo morava em uma casa própria, muito humilde, distante dali não mais do que quinhentos metros.

Já que o é combinado não é caro, no dia seguinte o Sr. Eduardo deu início ao seu trabalho, começando pela limpeza do terreno, construção do poço de água e plantação de alguns legumes.

Foi para mim uma grande tranquilidade contar com alguém como ele. Invariavelmente, chegava às seis horas da manhã para trabalhar, definindo ele mesmo o seu horário de serviço, coisa que em momento algum precisamos alterar.

Casa construída, eu e minha família passamos a frequentar o sítio do Paruru sempre que os compromissos permitiam. Mas os filhos cresceram rápido e aquilo que para os meninos era até então motivo de lazer intensamente esperado foi substituído por outras atividades próprias da idade. O sítio, dir-se-ia, pertencia mais ao Sr. Eduardo que a mim.

Um dia, a meu convite, Rizzini foi lá passar um fim de semana. Enquanto eu saudaria alguns compromissos, juntos aproveitaríamos os ares do local. Tomamos a Raposo Tavares, depois a ligação para Ibiúna onde paramos para tomar café e fazer algumas compras: carvão, carne e outros alimentos em quantidade necessária apenas para dois dias. A seguir, rumamos para o Paruru, dez quilômetros à frente. O Sr. Eduardo e sua esposa já nos

esperavam, a casa como sempre limpa, a pequena moenda de cana de açúcar preparada, alguns limões frescos na cestinha de frutas. Pedi ao amigo Eduardo para colher um pouco de mandioca (a macaxeira do Nordeste) e eu mesmo a preparei juntamente com um bem refogado arroz branco no alho frito.

Da casa do meu sítio dava para ver a do Raymundo, logo acima. Naquele dia estava ela completamente fechada.

Após o almoço, a *siesta*. Acordamos pelas três horas da tarde, o Rizzini morto de sede. Foi à geladeira e de lá retirou um pote de refresco de limão e quase o tomou por inteiro. Após um bom banho, nos dirigimos até Piedade, uma pequena cidade situada a cerca de seis quilômetros do Paruru. Fizemos um lanche leve, conversamos com alguns amigos e retornamos ao sítio.

Chegamos já noitinha e fomos assistir o Jornal Nacional, que outro programa não havia por ali. Lá pelas vinte e duas horas decidimos nos recolher. Entre um quarto e outro havia um corredor e um banheiro. Deitei-me no quarto de casal e Rizzini foi ocupar o quarto dos meus filhos.

Tudo acomodado, apaguei as luzes, inclusive as de fora da casa. Em Paruru, a apenas noventa quilômetros de São Paulo, a segurança era raramente ameaçada, o que nos dava uma imensa tranquilidade.

O inusitado aconteceu. Aquilo que em outras circunstâncias seria motivo de prazer, surpreendentemente transformou-se em ameaça para Rizzini. De repente,

vejo-o à porta do meu quarto, olhos arregalados, dizendo: - Me desculpe, eu não consigo dormir com uma escuridão dessas...

Disse então que precisava deixar as luzes do corredor acesas para conseguir conciliar o sono. E assim fez.

De minha parte, nenhum problema. Dormi tranquilamente e, como de hábito, acordei por volta das cinco horas da manhã. Rizzini levantou-se bem mais tarde, pelas sete horas, ainda assim, acredito, pelo barulho, pois o Sr. Eduardo já estava na sua atividade desde às seis horas.

Rizzini me relatou que só foi conciliar o sono por volta da uma hora da madrugada, depois de muito esforço. Como estava pela primeira vez naquele local, depreendi que seu terrível trauma da juventude o deixou intranquilo, dificultando-lhe o sono. Só podia ser isso. Ele, porém, confessou que andou vendo e ouvindo algumas coisas que o deixaram preocupado, só não falando disso à noite para não me preocupar.

Pouco depois das onze horas da manhã, tomamos o rumo de São Paulo e paramos para o almoço no então famoso Restaurante Caipira, localizado às margens da Rodovia Raposo Tavares.

8 UM JAPONÊS IMPOSTOR

Deixei o quadro de colaboradores do Correio Fraternal do ABC em 1989, depois de quatorze anos de atividades altamente gratificantes. E o fiz de forma programada, para não haver qualquer problema de continuidade quanto às responsabilidades que eu lá assumira. Meu último trabalho foi produzir e preparar o lançamento do romance mediúnico intitulado *A Feira dos Casamentos*, de autoria do Conde W. J. Rochester, tradução do querido amigo Hermínio Miranda. A médium, bastante conhecida, era Wera Krijanowski.

O livro me foi enviado já praticamente produzido, com criação de capa e editoração prontas. Bastariam alguns acertos e, finalmente, a impressão.

Originalmente, seria ele lançado pelo Lar Fabiano de Cristo, uma das instituições mantidas pela Capemi. Esta, porém, passava por grandes dificuldades, depois de viver uma crise de repercussão nacional, de modo que, por indicação do tradutor Hermínio Miranda, a publicação da obra foi transferida à Editora Correio Fraternal do ABC.

Trata-se de um livro alentado, de quase quatrocentas

páginas, o que significa edição de alto custo. Depois dos devidos estudos financeiros, passamos a anunciar pelo jornal o lançamento da obra e seu valor de capa, ou seja, quanto o público leitor pagaria pelo exemplar. Um conhecido escritor paulista, com vários livros de sucesso e assíduo cronista do jornal Correio Fraternal do ABC, me escreveu indignado com o preço estabelecido. Era ele de opinião que os livros espíritas deveriam primar pelo preço baixo, talvez apenas para empatar custos e receita. O mais interessante, porém, é que o querido amigo se aventurou na profecia: disse-nos que o livro seria um grande fracasso de venda e nos traria muito prejuízo, porque – afirmava – o público espírita não estava acostumado a pagar um preço que ele considerava muito alto por um simples exemplar de livro.

Deu-se exatamente o contrário. A primeira edição, de cinco mil exemplares, esgotou-se em seis meses, obrigando a que nova edição fosse impressa imediatamente. E outras mais.

O lançamento ocorreu na sede da Federação Espírita de São Paulo, numa manhã de domingo, sendo antecedido por uma palestra do tradutor (rara, porque Hermínio Miranda sempre foi refratário a palestras, tendo custado grande esforço convencê-lo a aceitar).

Meses depois de deixar o Correio Fraternal do ABC, deparei-me em suas colunas com um artigo muito bem escrito, contestando algumas de minhas idéias sobre o corpo fluídico de Jesus. O estranho de tudo é que o argumento estava mais para um sofisma que propriamente para uma

crítica consistente da questão. E vinha assinado por um japonês completamente desconhecido do meio.

Os dois fatos me chamaram a atenção e de imediato percebi, pelo estilo, que o japonês não era mais do que um codinome. Não havia dúvida para mim que aquele era o disfarce utilizado por alguém que eu conhecia, e conhecia muito bem...

Resolvi rebater de forma irônica e provocativa o referido artigo, sem revelar as minhas desconfianças, à espera do seu desdobramento. Como se sabe, um jornal mensal é lido de trinta em trinta dias, apenas, mesmo assim se sua periodicidade é devidamente respeitada.

O Correio Fraternal do ABC publicou no mês imediato o meu arrazoado dando-lhe o mesmo destaque e espaço. Eis que trinta dias depois (ou seja, quase noventa dias após o primeiro artigo do japonês...), o falso nipônico reaparece com novas e curiosas argumentações, sem contudo conseguir sair do escorregadio terreno do sofisma. Ele, portanto, estava mais interessado em me açodar que propriamente discutir o assunto.

Resolvi encerrar a questão por considerá-la perda de tempo, mas também por estar completamente certo de sua verdadeira autoria. Rebatí, pois, o novo artigo sem deixar de afirmar que, caso a questão não se encerrasse ali, no próximo eu simplesmente anunciaria o nome daquele que estava por trás de tudo.

A ameaça surtiu efeito, pois o “japonês” resolveu silenciar-se. Mais do que isso, tomou uma atitude conciliatória. Foi em minha casa para uma visita fraterna.

Não precisou andar muito para chegar, pois, como se sabe, nossas residências distavam uma da outra apenas alguns metros.

Era uma tarde de domingo, por volta das dezesseis horas. O telefone tocou. Do outro lado da linha, Rizzini e sua forma clássica de se expressar quando me ligava:

- Quem faaaaaaala! – a voz totalmente anasalada...
- Diz aí, ó japonês fajuto – respondi-lhe.

Rizzini deu uma tremenda gargalhada. E perguntou se tinha um café coado, pois estava a caminho com a Iracema. Alguns minutos depois entrou sala adentro, com um sorriso maroto e um presente nas mãos. Já acomodado no meu acanhado escritório, insistiu ele:

- Cá entre nós, fala a verdade, mas a verdade mesmo: você não tinha plena certeza de que era eu...

Em resposta à sua pergunta, abri a gaveta e retirei de lá uma folha de papel datilografada, passando-a as suas mãos. Rizzini leu e disse em seguida:

- Vá, joga isso fora!

Ato seguinte deu-me um grande abraço.

Havia seis meses que não nos falávamos. Depois de anos de convivência era a primeira vez que isso ocorria. Um dia, percebi sua indiferença para comigo e dali por diante vi que sempre se esquivava ao encontrar-me em algum lugar qualquer. Naquela tarde lá em casa confessou-me que fora envenenado contra mim por um conhecido comum.

Lamentou muito o fato de ter-se deixado levar pelas mentiras que lhe foram contadas. Os artigos assinados

pelo japonês – disse-o – foram a maneira que encontrou para uma reaproximação...

Mais tarde, um novo desencontro entre nós viria a ocorrer, motivado pela mesma razão e tendo o mesmo amigo comum como causa. Mas, então, Rizzini já se aproximava do fim de sua existência terrena.

9

HERCULANO PIRES, MAIS DE 20 ANOS DE ESPERA

Rizzini ficava em silêncio toda vez que eu tocava no assunto da biografia do professor Herculano Pires. Era uma reação natural. Como se sabe, Herculano falecera em 1979, quase aos 65 anos de idade, a mesma idade de Allan Kardec. Rizzini, dez anos mais moço, caminhava para os 55 anos e exatos 27 anos de convivência com Herculano, tempo este que ele gostava de arredondar para 30.

Conheceram-se no início da década de 1950, conforme relato do próprio Rizzini contido na terceira página da apresentação do livro biográfico de Herculano:

“Reencontrei Herculano Pires nesta existência no ano de 1952, na cidade de São Paulo, na tradicional Livraria Teixeira – ponto de encontro de escritores e poetas”.

Fomos juntos ao enterro do Herculano e lado a lado assistimos à descida do caixão ao túmulo, os discursos feitos por amigos e desafetos (isto mesmo, até alguns desafetos elogiaram Herculano na despedida do seu corpo físico) em meio a uma multidão de pessoas que se demoraram a dispersar depois que a terra cobrira definitivamente seus despojos mortais. Rizzini muito emocionado, já sentindo o vazio da separação inevitável e a caminhada

solitária que o aguardava, pelo menos em relação àquele que mais prezava e admirava nas lides doutrinárias.

Herculano tivera uma vida indiscutivelmente digna de ser biografada. Os inúmeros livros escritos, a inteligência reconhecida, as lutas empreendidas pela verdade e a justiça, a presença constante em eventos de projeção nacional, a simplicidade da própria vida, a atividade jornalística e a experiência acadêmica como professor que se tornara depois dos quarenta anos de idade... Tudo isso justificava a biografia.

O biógrafo já estava escolhido: era Jorge Rizzini. Que outro não se atrevesse!

Algum tempo depois da partida de Herculano Pires, Rizzini foi à residência da viúva e sob os olhares aquiescidos de Dona Virgínia, recolheu todo o material que julgou necessário para a ingente tarefa de falar da vida daquele grande brasileiro. Embalou tudo com cuidado e transportou para o seu escritório da Rua Marambaia. Lá, organizou-o de maneira a começar o trabalho tão logo as energias acionassem seus dispositivos psíquicos.

Na verdade, previdente e mordido pelo bichinho do jornalismo, Rizzini já tinha em seu poder muitos outros documentos e anotações sobre o amigo, material esse que utilizaria no momento oportuno.

Quem deveria escrever a vida do amigo não seria o médium, mas o escritor mediúnico que Rizzini era. Portanto, ficou ele à espera do reabastecimento do combustível espiritual para iniciar o trabalho. Era preciso, também, que o impacto da separação de dois seres que

se viam quase diariamente reduzisse sua intensidade, permitindo à emoção encontrar seu equilíbrio.

Por aquela época, Dona Virgínia mandou entregar-me, pela filha Heloísa Pires, um grande número de cópias de artigos escritos por Herculano Pires, todos publicados durante alguns anos no jornal Diário de São Paulo, onde Herculano trabalhou por muito tempo.

A leitura atenta desse material levou-me a organizar as crônicas por tema, de maneira a que delas surgiram quatro livros: *O Homem Novo*, *O Finito e o Infinito*, *O Mistério do Bem e do Mal* e *Visão Espírita da Bíblia*, títulos estes escolhidos por conta da similaridade com os assuntos.

Junto com o material chegou, também, o livro *Educação para a Morte*, para uma segunda edição. A primeira havia sido feita pela Editora Paidéia.

Em 1983, a Editora Correio Fraternal do ABC publicou o primeiro deles, *Visão Espírita da Bíblia*. Estávamos, então, a cerca



Herculano Pires e esposa, Dona Virgínia.

de um ano do primeiro quinquênio da partida física de Herculano Pires. Voltei a comentar com o Rizzini sobre a importância do lançamento da biografia do inesquecível professor e as datas ditas redondas sempre foram sugestivas para certos eventos. O plano era comemorar o quinto aniversário com uma ação que repercutisse na sociedade. Rizzini garantiu que estava providenciando o trabalho, deixando no ar alguma esperança. Em vão! Seis meses antes da data já se sabia que a biografia não ficaria pronta. Tomamos a iniciativa, então, de imprimir a nova edição do livro *Educação para a Morte* e com o seu lançamento fizemos uma comemoração singela dos cinco anos sem Herculano Pires. O evento aconteceu nos

Ao final do evento comemorativo dos cinco anos sem Herculano Pires, os seus familiares,



diretores da Editora Correio Fraternal e alguns amigos se reuniram na entrada do C. Espírita Nova Era para esta foto. Estão presentes, entre outros, Dona Virgínia, Jorge Rizzini, Hélio Rossi e Raymundo Espelho.

salões do Centro Espírita Nova Era, localizado no bairro do Belém, em São Paulo, e lá compareceram, além de admiradores do nobre professor, inúmeros familiares, conduzidos pela viúva, Dona Virgínia. Rizzini, também, evidentemente.

Minhas gestões junto ao Rizzini para que escrevesse a biografia prosseguiram. Não demorei a perceber que o trabalho estava ainda muito cru, como se costuma dizer. Fomos lançando os demais livros e quando se completaram dez anos do desencarne de Herculano Pires a biografia sequer fora cogitada como material comemorativo.

Restava aguardar uma nova data. 15 anos? Talvez. A seu turno, a família do professor também estava impaciente com a demora e, sabia-o eu, pressionava o Rizzini. Heloísa Pires, a filha, resolve por conta própria escrever suas memórias do pai e lançou um livro singelo intitulado *Herculano Pires, o Homem e o Mundo*. Estávamos já em 1992.

O tempo corre célere, embora às vezes pareça estar praticamente parado. Tudo depende de quem o utilize. O vigésimo ano se aproximava e eu resolvi preparar um estudo com as frases mais expressivas de Herculano Pires. Reuni suas principais obras e com muito esforço selecionei o material, organizei-o por tema e passei à fase da costura.

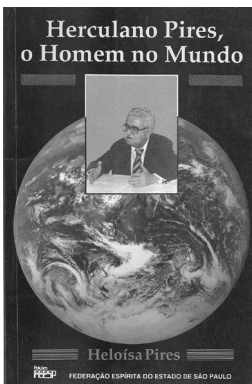
Pareceu-me oportuno não apenas apresentar os pensamentos, mas interligá-los de maneira a dar-lhes um sentido, ou construir significações que pudessem ou estivessem em sintonia com o seu autor. Estando com

os originais concluídos, escolhi três amigos para ouvir a opinião. Claro, Rizzini entre eles. As contribuições dos dois outros me chegaram em pouco tempo, mas a de Rizzini tardava. Chamei-o pelo telefone e no dia seguinte ele me apareceu em casa com o material. Intacto! Nenhum comentário, nenhuma observação. Por mais que eu insistisse, querendo saber sua opinião, ele nada dizia, apenas resmungava:

– Está bom.

Entreguei o livro aos cuidados da Editora USE, que o lançou em 1998, um ano antes dos vinte de desincarne de Herculano Pires. Seu título: *Kardec é Razão*, expressão retirada de um dos pensamentos de Herculano Pires. Acrescentei ainda o seguinte subtítulo: O mestre, o professor e o aluno – os mais belos pensamentos de Herculano Pires reunidos e interpretados livremente. O prefácio exageradamente elogioso ao autor é da filha, Heloísa Pires.

Não sei se este livro teve alguma influência nos ânimos do Rizzini, no sentido de motivá-lo para que concluísse a biografia. Nunca lhe perguntei sobre isso. Sei, porém, que na biografia não fez ele menção ao livro, embora o fizesse a outros de semelhante conteúdo. Mas sabia que a família o pressionava muitíssimo. A saúde de Dona Virgínia estava



Heloisia Pires lançou em 1992, treze anos após a partida do pai, o livro em que revela sobre ele o seu olhar.

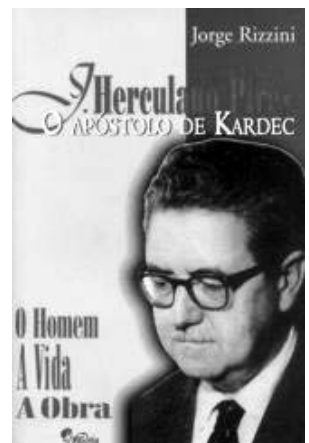
cada vez mais debilitada e ela tinha um sonho, o sonho de ver a biografia publicada antes de partir.

Finalmente, a notícia: o Rizzini concluiu o trabalho. Estávamos já em 2001. Dona Virgínia não conseguiu realizar o seu sonho de ver o livro impresso, embora tenha chegado a ler alguns capítulos ainda nos manuscritos. No dia 31 de julho desse ano Rizzini trouxe-me um exemplar autografado da obra, visivelmente aliviado. Na página de olho as palavras grafadas por sua pena: “Para Tânia e ao Wilson Garcia – a homenagem e o abraço espiritual do velho amigo Jorge Rizzini”.

Conversamos longamente naquela noite, lembrando o professor e as voltas que a vida dá, para não fugir do velho refrão. No primeiro livro de Rizzini que publiquei, o título atribuía a Eurípedes Barsanulfo o epíteto de apóstolo da caridade. Para Herculano Pires Rizzini reservou este: “o apóstolo de Kardec”. Não sei se com mais alguém afora a esposa, Iracema, Rizzini conversou enquanto escrevia a biografia de Herculano Pires. Iracema era sua esposa e confidente, naturalmente. Poucas vezes o vi conversando sobre algum dos trabalhos que estivesse escrevendo, com o intuito exclusivo de ouvir opinião. Gostava ele de surpreender os leitores.

Era muito seguro daquilo que escrevia.

Apesar da demora, a obra sobre a vida de Herculano Pires mostra com clareza o perfil daquele que foi um dos mais destacados intelectuais espíritas no Brasil.



No curso de nossa convivência, algumas vezes me confiava os seus propósitos acerca de um tema ou outro que estava desenvolvendo. Noutras ocasiões, explicitamente para mostrar o trabalho, chamava-me a um canto e lia pausadamente o texto pronto para publicação. Não me deixava ler, lia para mim e isto tem uma explicação: enquanto lia, refletia sobre o texto a fim de registrar quaisquer incorreções, especialmente de estilo. Era uma espécie de revisão em voz alta.

A biografia é um gênero literário bastante conhecido. Serve para revelar os fatos da vida e a personalidade do biografado. O meio acadêmico demorou para reconhecer o seu valor enquanto trabalho de pesquisa. Antes o considerava um trabalho menor ou mesmo mais próximo da ficção, sem os requisitos admitidos como necessários ao meticuloso trabalho científico. Os tempos mudaram...

Com o livro autografado em mãos, antes da despedida solicitei ao Rizzini que providenciasse mais uns quatro outros exemplares, pois naturalmente eu faria uma resenha para encaminhar aos veículos da imprensa com os quais mantinha relações. Rizzini, bastante satisfeito, trouxe-os dias depois.

Naquela mesma noite, tomado pela insopitável curiosidade, fiz uma primeira e completa leitura do livro. Revi a vida de Herculano, agora pela pena e estilo de um amigo que considerava o escritor mais refinado ainda vivo entre nós. Ao terminar, contudo, a leitura alguma coisa me incomodava, algo que eu não sabia definir, então. Fui dormir já dia quase claro. Após o almoço resolvi reler

o livro, agora com mais cuidado, anotando aqui e ali as minhas dúvidas. E eram muitas. Depois de completada a tarefa, preparei um relatório do que li e observei, determinado a conversar pessoalmente com o Rizzini.

Chamei-o pelo telefone e marcamos um almoço na conhecida Churrascaria Novilho de Prata, na Marginal do Tietê. Enquanto almoçávamos, dei-lhe ciência das minhas observações.

– Seu livro está com um número excessivo de falhas, disse-lhe.

Rizzini olhou-me, espantado.

– Erros de imprensa, quero crer, pois foi concluído na carreira – retrucou, reticente.

– Não, disse-lhe. São falhas do autor, falhas que não são normais ao Rizzini que conheço.

Ficou ele em silêncio. Passei-lhe às mãos o meu relatório, devidamente encartado num envelope branco. Eram oitenta e sete anotações ao todo.

– Leia-o com calma e, se desejar, depois podemos voltar ao assunto.

Prosseguimos o almoço. Duas dúvidas, porém, resolvi adiantar-lhe ainda ali:

– Não entendi porque você não aborda no livro a questão do “notório saber”, pois é voz corrente que Herculano foi admitido no curso de graduação em Filosofia da USP sem precisar passar pelo vestibular, exatamente por conta da existência de sua reconhecida obra literária. Isso é verdadeiro ou não? Segundo: você também não esclarece a razão de Herculano Pires ter eliminado do

título do seu livro sobre Barrabás a expressão “o enjeitado”, que aparece nas primeiras edições. O que foi que o levou a tomar esta decisão?

Rizzini ficou pensativo e nada disse. Terminamos o almoço naturalmente e, como de outras vezes, deixei-o em casa antes de retornar à minha residência. Por essa ocasião já não éramos mais vizinhos. Na despedida, disse-lhe: – Ah, o livro é duplamente biográfico. Ou seja, é também autobiográfico...

Não retornamos mais ao assunto. Rizzini nunca o comentou nem eu o questionei em momento algum. Continuamos a nos ver normalmente até 2004, quando me transferi com a família para a cidade do Recife. A penúltima vez que nos encontramos foi num jantar reservado da Fundação José Herculano Pires e Maria Virgínia, da qual faço parte como membro do Conselho Curador. Rizzini estava acompanhado da esposa, Iracema. Posteriormente, tendo eu ido a São Paulo a passeio, fui até o condomínio onde morava para revê-lo e, sob as sombras frescas das árvores que formam aquelas belas alamedas, conversamos demoradamente.

Rizzini, repito, foi dos escritores espíritas o de estilo mais refinado, talvez o único que cuidava com exaustiva atenção da forma lingüística, sem deixar de considerar – é claro! – a importância do conteúdo. Herculano parecia escrever leve e solto e a forma, o estilo surgia naturalmente, mas Rizzini era um amante do estilo apurado. Seus originais eram seguidamente alterados, frases e frases eram construídas e reconstruídas, recompostas, eliminadas ou

substituídas, tudo para que o texto se tornasse arte, e arte da boa. Arte a ser lida com prazer e compreendida com emoção. Em certa ocasião precisei “ameaçá-lo”: se fizesse novas mudanças nas provas de um livro em preparo eu não as acataria, dada a insistência com que mexia no texto. As provas iam e vinham e não eram concluídas. O homem do *past up* já não agüentava de tantos recortes e remendos. O resultado final, contudo e apesar de tudo, era de um primor inigualável. Reconheça-se!

Mas o livro biográfico de Herculano Pires – fiz questão de reafirmar-lhe durante aquele almoço – deve ser visto sob dois aspectos: é o melhor trabalho que já se fez sobre a vida e a obra de Herculano Pires, mas o pior livro que Rizzini jamais escreveu. Não que não guardasse o seu estilo, a sua marca, a narrativa fluente, o olhar arguto sobre os fatos essenciais. Nada disso. Grande parte das incorreções eram falhas referenciais, coisas da pressa em concluir o livro, coisas que não ocorreriam e não aconteceram nas obras anteriores do escritor e médium.

De repente, aquele tempo que parecia não se esgotar, encurtou. O escritor mediúnico se viu tomado por tal quantidade de energia e sob a ameaça de ver o tempo findo antes mesmo do trabalho concluído, que preferiu o risco à falta da obra. Compreende-se, portanto, que o conteúdo tenha superado o primor do estilo.

10 NOSSAS PONTES E SAFENAS

Em uma das visitas que me fez no Hospital da Beneficência Portuguesa em São Paulo, Rizzini foi taxativo:

– Jamais me submeteria a uma cirurgia dessas, mesmo se estivesse à morte!

Ri meu riso de dor, o peito ainda premido pelo amplo corte e a perna direita já sem a safena, que fora arrancada de cima a baixo para uso no coração. Mas compreendi que Rizzini falava da boca para fora, como se costuma dizer. Ninguém terá a decisão final de recusar uma cirurgia se estiver, como eu estive, sob os efeitos da anestesia. Ou, antes, anestesiado pela proximidade da morte.

Ironia ou não, três anos depois o quadro se inverteu. Era eu o visitante assíduo do amigo internado no Incor após semelhante cirurgia. Talvez Rizzini estivesse, na ocasião da minha cirurgia, apenas antevendo o futuro sem se aperceber da situação real. É possível. Mas ele ficou deveras impressionado comigo, aos 41 anos de idade, estirado no leito do famoso hospital e com seis pontes soldadas sobre a máquina cardíaca. Tudo ocorreu muito depressa. Certa noite acordei por volta de uma hora da madrugada, estranhamente pesado. O peito, as costas e

os braços com uma só dor, o estômago ameaçando devolver aquilo que já não tinha. Era o mês de outubro de 1991. Eu mesmo dirigi o carro até o pronto socorro. O eletro feito às pressas acusara o infarto. Acordei no dia seguinte na UTI e quatro dias depois o diagnóstico dado pelo cateterismo indicava a cirurgia.

– Você vai precisar de umas duas ou três pontes, disse com muito cuidado o médico de sotaque alemão.

Éramos mais ou menos uns dez pacientes deitados nos leitos espalhados em uma sala especial da Beneficência Portuguesa. Aguardávamos o resultado do exame, uns mais outros menos ansiosos. Os leitos eram separados entre si por cortinas móveis, de modo que se podia conversar e ver os demais pacientes.

Na cama ao lado da minha havia um mineiro contador de casos. Falava o tempo inteiro, ria com as próprias anedotas. Contou-me que residia na cidade de Bicas, onde possuía um açougue. Era, na verdade, o mais ansioso de todos.

Eu conhecia bem aquela cidade, que distava da minha não mais do que vinte e quatro quilômetros. Ficava no alto de uma serra de mesmo nome. No futebol, rivalizava-se com São João Nepomuceno, onde eu nasci. Quando lá ia eu e os amigos para assistir alguma disputa esportiva, almoçávamos num restaurante popular onde o prato mais barato era conhecido por “freio de mão”.

O diagnóstico ia chegando, uns pacientes eram dispensados, felizes, enquanto outros recebiam a notícia que não desejavam: eram os casos cirúrgicos. O meu amigo

biquense impaciente. A certa altura da noite já não tinha mais história para contar. Por fim, lá veio o médico na sua direção. Ele estático, os olhos arregalados.

- O senhor está dispensado, disse-lhe o doutor.

O açougueiro sequer se despediu dos três pacientes restantes, eu entre eles. Pegou sua maleta e saiu porta afora, quase em disparada.

Sempre que me lembro dele, recordo-me também de uma deliciosa crônica de Stanislaw Ponte Preta. Dois passageiros, ambos cariocas, iam – salvo engano – do Rio de Janeiro para Belo Horizonte.

Um deles falava sem parar e com tal poder de persuasão que convenceu o outro a se encontrarem naquela mesma noite na capital das alterosas com duas lindas mulheres. Uma delas era sua amante, a outra a amiga dela...

Falava com tanta propriedade dos atributos físicos da amiga da amante que acabou convencendo o colega. Quando o avião pousou no Aeroporto da Pampulha, o amigo falante virou-se e disse:

– O senhor me desculpe, não existe amante nenhuma me esperando. É que eu tenho muito medo de viajar de avião...

Minha cirurgia foi marcada para dali quatro dias, mas uma greve dos enfermeiros – a primeira da história daquele hospital centenário – fez com que fosse adiada por uma semana. Lembro-me de que quando eu estava já saindo do quarto em direção à sala de cirurgia chegou o bom e velho amigo Hamilton Saraiva, esbaforido, para

se despedir de mim. Foi ele que me acompanhou durante todo o trajeto, ao lado dos enfermeiros.

Rizzini e, diga-se a bem da verdade, outros três amigos, visitavam-me quase todos os dias. Era ele, porém, que lá permanecia mais tempo, três a quatro horas de cada vez. Conversávamos quantos assuntos podíamos.

Foi a Rizzini que contei, por primeira vez, a maneira como burlei o controle da enfermeira para ser liberado mais cedo do hospital. A boa norma mandava dar alta aos pacientes operados do coração oito dias após o evento, desde que não houvesse intercorrências e o quadro evoluísse dentro da normalidade. Pois não é que me apareceu um quadro febril por conta de uma pequena inflamação num dos pontos da safena na perna direita. Como o termômetro teimava em marcar 37,5 graus, o Dr. Sérgio, cirurgião-chefe, cauteloso, disse-me:

– Preciso manter você aqui por mais uns dias...

O cheiro, a comida, os assuntos, o espaço ou a falta dele, tudo isso é tremendamente desgastante em um hospital. Sem dizer a ninguém, passei a burlar o termômetro, de modo que toda vez que a enfermeira anotava a temperatura não passava de 36 graus. Recebi alta rapidamente! Dois anos depois, Rizzini, que não admitiria uma experiência semelhante, viu-se “hospedado” no Instituto do Coração, o Incor. Uma angioplastia parecia ser a solução do problema e Rizzini voltou para casa contente.

Alguns meses depois, a surpresa: a cirurgia era necessária. Rizzini ficou de fato muito abalado, mas, como era previsto, viu-se totalmente impotente para dizer não

ao destino. Se seu estado psicológico influenciou ou não no pós-operatório, não posso dizer com certeza, mas o fato é que já na UTI aconteceram algumas intercorrências que o retiveram ali por mais tempo, cerca de quinze dias. Segundo os médicos, ao acordar Rizzini se agitava e se debatia no leito, o que levou os médicos a mantê-lo sedado por mais tempo, até a estabilização do quadro.

O fato trouxe grande preocupação aos seus familiares e amigos. Quando, finalmente, Rizzini foi para o quarto, lá estava eu, não apenas por retribuição, mas por ter compreendido o valor de uma verdadeira amizade nos momentos de convivência com a dor e a esperança.

É verdade que trago no peito seis pontes e ele levava apenas três. Mas as pontes que atravessamos juntos nos embates do caminho se multiplicaram às centenas... E neste particular Rizzini levava vantagem, muita vantagem sobre mim!

11 A MEDIUNIDADE DE RIZZINI E OS LIMITES DO HOMEM*

Uma certa desconfiança se instalou quando Jorge Rizzini, de repente, afirma que é capaz de escrever tão bem quanto o consagrado escritor que estava sendo objeto de conversas na casa. Falava-se ali de ninguém menos que Monteiro Lobato. Todos pensaram que Rizzini estava brincando.

Mas, para surpresa geral, eis que não muito tempo depois Rizzini aparece com os originais de um livro de baixo do braço e, com muita coragem, vai bater às portas da mesma editora que publicava as obras do consagrado

** Este e o próximo capítulo foram apresentados, pelo autor, no IX Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, realizado no período de 9 a 12 de outubro de 2009, em Santos, SP, sob o título Mediunidade, Literatura e Escritores - Estudo de Caso. Ambos integram, também, o livro Vidas, Memórias e Amizades, lançado em novembro de 2009 pela Editora EME. Aqui, optei por dividir o texto em dois capítulos e por ilustrá-lo com documentos e imagens, além de acrescentar alguns outros detalhes que me pareceram oportunos. Sobre o livro Vidas, Memórias e Amizades, assim se manifestou a escritora e amiga Iracema Sapucaia Rizzini, viúva de Jorge Rizzini: "Quero parabenizá-lo pelo livro sobre "Vidas - memórias e amizades". No que concerne ao Rizzini, você demonstrou muita sensibilidade na captação do perfil psicológico. Para mim foi a revelação de um escritor fino e perspicaz. Fico feliz por mim, por minha família e também por você pela feliz realização".*

autor brasileiro. Não levou consigo nenhuma credencial, nenhuma referência, nada. Apenas a coragem.

O diretor o recebe com desconfiança e coloca os originais na gaveta, pedindo para aguardar a resposta. Rizzini vai embora imaginando que seu trabalho não receberá qualquer atenção, como costuma acontecer com grande parte dos autores desconhecidos, mas alguns dias depois o mesmo diretor o chama ao seu escritório e comunica-lhe que estava verdadeiramente surpreso com o estilo, segundo ele, semelhante ao do próprio Monteiro Lobato. A história é boa, mas o estilo é lobatiano, reafirma o diretor.

A conversa prossegue até o momento em que o diretor afirma estar disposto a publicar o livro, mas impunha uma única condição: deveria aparecer uma dedicatória ao autor paulista da cidade de Taubaté.

Rizzini aceita a proposta imediatamente e em pouco tempo vê, orgulhosamente, seu nome, até então desconhecido, na lista dos bons autores brasileiros da literatura infantil, com o aval da respeitada Editora Brasiliense.

Esse é o começo da uma jornada de cerca de sessenta anos pelo caminho da literatura, caminho que, pouco depois, vai-se bifurcar:

Rizzini dividirá o seu tempo entre o escritor e o médium, assumindo publicamente as duas condições, com obras que serão elogiadas e criticadas, marcando, assim, a sua época.

Interessa, portanto, lançar um olhar sobre o médium e o escritor, para analisá-lo nesta sua dualidade, agora

que ele se foi, sem deixar de lado ou negar sua realidade enquanto ser humano reencarnado, seus valores e crenças, suas ideologias.

ROMPENDO A AURORA

O religiosismo exacerbado e ingênuo estabelece uma concepção de perfeição para o homem que não respeita os limites individuais e não encontra tipos ideais senão nas raras personalidades que se destacaram ao longo das milenares civilizações. Tão raras que podem ser contadas nos dedos da mão. *O Livro dos Espíritos* – que fato marcante! – aponta como o melhor modelo de todos os tempos a figura do Cristo.

Você pode ser amigo de alguém por algumas razões ou por todas as razões. É possível que a somatória das razões construa poucas amizades, mas é certo que as amizades que se apóiam apenas em algumas razões sejam somente amizades transitórias. O fato é que sem compreender os limites do homem não se pode dedicar-lhe respeito; portanto, as amizades que se colocam acima do tempo e do espaço dependem da admiração mútua pelas virtudes e do respeito aos defeitos da individualidade.

Interessante como a sabedoria popular costuma resolver com falas expressivas questões de tal ordem. Ao afirmar-se que “para um criado de quarto não há homem perfeito” sepulta-se de vez a pretensão do religiosismo exacerbado.

Não se aniquila, evidentemente, o ideal da perfeição,

essa utopia alimentadora de imensas lutas pela moral individual, social, política etc. Porém, é preciso considerar que a compreensão dos limites do homem é básica para qualquer disposição de tornar a vida terrena digna de ser vivida.

Quando o suplemento literário do jornal Correio Fraternal do ABC passou a publicar uma série de análises da bibliografia espírita, recebi correspondência de um então jovem intelectual acadêmico questionando duas coisas: 1) por que o jornal dava tanto espaço ao Rizzini; 2) por que, também, não providenciava a análise da (nas palavras dele) pretensa mediunidade do Rizzini, especialmente suas produções poéticas, que o missivista considerava de qualidade duvidosa. Justificou-se dizendo que o suplemento literário publicava ótimas análises da produção espírita, mas estava a dever este trabalho sobre o Rizzini-médium.

Naturalmente, a carta expressava a percepção que muitos possuíam do médium Rizzini, seja por conta de sua figura controvertida, seja pela desconfiança que ele despertava em alguns, seja até mesmo pela antipatia que costumava gerar enquanto polemista convicto.

Respondi considerando dois aspectos: 1) a poesia mediúnica de Jorge Rizzini, até então, obtivera pareceres de diversos estudiosos e intelectuais, todos favoráveis; 2) se o caro amigo quisesse, porém, produzir uma análise da obra ou então obter de outrem semelhante análise, para qualquer dos casos as colunas do jornal estariam sempre abertas. Nenhuma das duas propostas foi jamais aceita.

A mediunidade de Rizzini era verdadeira? Não tenho dúvidas sobre isso. Era ele médium de fato e como todo médium estava sujeito à avaliação da crítica especializada ou não, avaliação de forma e de conteúdo. Insisto, forma e conteúdo, já respondendo àqueles que se enfileiraram na coluna da blindagem de toda e qualquer produção mediúnica sob o falso argumento da boa intenção do médium. A mediunidade e o seu exercício estão assentados em tal complexidade que não se pode jamais aceitar de olhos fechados o que quer que seja que venha pela via mediúnica, não importando o médium. Quem julgar que isso é um desrespeito aos médiuns consagrados deverá retornar aos bancos escolares do espiritismo e reavaliar os seus preceitos básicos.

No capítulo seguinte, em que analiso alguns livros do Rizzini, falo de um sujeito que classifico como escritor mediúnico. E explico a minha concepção. Aqui, com base em anotações e, principalmente, na memória visual e lingüística, limito-me a observar o médium em ação e sua produção literária.

Permeiar a análise com alguns relatos biográficos serve para esclarecer, mais adiante, aspectos importantes da mediunidade rizziniana. Quando voltou a residir em São Paulo aos 17 anos, vindo do Rio de Janeiro onde passara toda a infância, Rizzini era uma pessoa atormentada pelos Espíritos. Confidenciou-me – e deve tê-lo feito a outras pessoas, também – que costumava passar noites inteiras acordado, vagando pelas ruas e boates do centro de São Paulo, aguardando o dia clarear para ir dormir em

sua casa. Onde pudesse encontrar alguém para conversar, parava. Rizzini fala sobre o assunto nas explicações iniciais do livro *Antologia do Mais Além*, mas não desce a esses detalhes. Compreensivelmente.

A esposa Iracema me revelou que ele costumava ver Espíritos com tal freqüência que ficava imensamente perturbado e essa perturbação não queria transferir para o pai e a madrasta, por isso só voltava para casa quando o pai já havia saído para o trabalho, no alto cargo que ocupava no Laboratório Roche.

Rizzini reconheceu publicamente que deveu seu desenvolvimento mediúnico a duas pessoas. Uma delas foi Maria Vitale, a outra Esteva Quaglio, esta uma senhora espírita de excelentes condições culturais. Conheceu ele Esteva na Federação Espírita de São Paulo, apresentado por Maria Vitale após uma palestra por aquela realizada, segundo Iracema. Depois a acompanhou em um centro espírita localizado na década de 1940 na Rua Espírita, próximo à Liberdade, onde passou a exercitar sua mediunidade na assistência aos freqüentadores. Iracema conheceu-o lá.

A produção mediúnica de Rizzini mesclou-se com a produção literária pessoal, se assim me posso exprimir. Considero tarefa quase inglória separar as duas. A bem da verdade, a única forma de proceder a esta separação será através da análise isolada dos livros que assinou como autor único, pessoal, e aqueles que escreveu na condição de médium. Ainda assim, trata-se – que fique bem claro! – de uma tentativa meramente metodológica.

Digo isso depois da longa convivência que tivemos e de muito observar seus próprios limites. Ele mesmo reconhece essa dualidade unitária. Quando decide ser escritor aos 23 anos, já casado, observa: “Eu havia deixado a mediunidade pela literatura... Mas hoje sei que as duas, em mim, já naquela época se completavam” .

Veja bem, Rizzini fala de modo contundente sobre a complementaridade da sua veia literária com a mediúnica. O inverso, portanto, é também verdadeiro, ou seja, o mediúnico complementa o literário.

Complementaridade significa, em certa medida, dependência das partes entre si quando se trata de compreensão de uma parte ou do conjunto.

A produção mediúnica de Rizzini não deve ser vista pelo lado quantitativo, mas pelo aspecto da qualidade. Ainda que não se possa, também, afirmar que foi inexpressiva, comparativamente a outros médiuns, a quantidade de livros que fez publicar soma poucos títulos: apenas quatro. Acrescentem-se aí textos publicados esparsamente e a produção musical, outra grande novidade em Rizzini.

Para compreender essa produção é preciso também penetrar um pouco mais na personalidade e no jeito de ser do médium e escritor. Rizzini desenvolveu seu próprio método de trabalho com os Espíritos. Depois que venceu a batalha da juventude, em que fora assediado espiritualmente, as visões cessaram. Através de sinais convencionados, luzes, toques e barulhos que podiam ser vistos e ouvidos em seu escritório, foi-se ajustando

ao contato e estabelecendo identificações. Os Espíritos falavam-lhe e Rizzini anotava. Os toques sinalizavam e ele se colocava à disposição para possíveis correções de erros. Fazia perguntas mentais e pelas respostas confirmava ou não as suspeitas. Uma ou outra vez, os Espíritos davam-se a ver a ele.

Rizzini utilizou esse método durante toda a sua atividade mediúnica. Gostava de me dizer que aquilo que era dos Espíritos respeitava, mas o que era dele e apenas dele, Rizzini, assumia. Nunca consegui entender isso com precisão, porque as fronteiras territoriais das mentes em regime de interação comunicativa são ainda hoje para mim meramente simbólicas. Rizzini tenta explicar isso no seu primeiro livro mediúnico, porém, entra em contradição consigo mesmo sem o perceber.

Mas não tratarei dessa particularidade aqui, senão mais adiante.

Exigente ao extremo com a produção mediúnica alheia, conseguia ser ainda mais exigente com a produção própria. Era de um rigor quase inconcebível, na forma e no conteúdo daquilo que lhe era passado pelas inteligências que freqüentaram por muito tempo sua casa. Sabe-se que não existe passividade absoluta na atividade mediúnica, pois o médium possui mecanismos de interferência que vão dos conscientes aos inconscientes. Rizzini exercia esse poder ao máximo. Tudo aquilo que lhe era passado era objeto de análise, discussão direta com o autor espiritual e correções se necessário.

Como se especializou na recepção de composições

poéticas (entre as quais devem-se incluir as letras musicais), desde o momento primeiro em que essa direção se apresentou foi aos livros para reestudar a fundo a poesia e conhecer os poetas nos seus respectivos estilos e gosto temático. Fez o mesmo com a produção musical. Tinha presente a informação kardequiana do material mental do médium e sua importância como auxiliar da recepção das mensagens, mas tinha ao mesmo tempo consciência da sua participação como co-autor e responsável pela veracidade do material. Se o nome dos Espíritos estava em jogo, o seu, já então como escritor conhecido e profissional da imprensa, igualmente estava.

Pode-se, portanto e de maneira muito clara perceber o quão difícil era para Rizzini transpor o percurso entre o início da transmissão das mensagens pelos Espíritos e sua publicação pelo médium. Observando-o nas suas atividades percebia-se o quanto levava ao extremo a afirmação evangélica: “quem não é fiel no pouco não será fiel no muito”. Neste caso, a fidelidade tinha dois aspectos: fidelidade a si e fidelidade ao autor espiritual.

Mas a farsa mediúnica era também uma preocupação constante em Rizzini. O trato que teve por anos a fio com inúmeros médiuns reforçou nele as assertivas kardequianas dos perigos que rondam tais atividades. Escritor hábil e contista raro, sabia como o material lingüístico se predispõe às manobras e manipulações das inteligências astutas.

E se o engano pode conduzir ao remorso, o auto-engano produz estragos ainda maiores, porque, no caso

do médium, pode conduzi-lo à pior das anomalias, a fascinação.

Rizzini tinha dúvidas muitas. Nisso é, também, réu confesso. Vejamos este detalhe revelado por ele quando de um trabalho de captação mediúnica de uma poesia¹:

“Note-se que eu tinha dúvidas, não obstante a superioridade dos versos e as características do estilo dos poetas que andava a psicografar, os “raps”, as luzes espirituais que via, as vozes que ouvia... Não sei como explicar tamanha incredulidade! Pois bem! Numa tarde, os raios do sol entrando pela janela do escritório em minha própria residência, psicografava eu com Casemiro de Abreu um poema. O fenômeno era telepático, ou seja, de mente para mente (nesses momentos minha mente fica muito excitada e, curioso, até os objetos parecem vibrar, dando a impressão de que, de súbito, irão se mover). Assim que terminei a recepção do poema, Manoel de Abreu, para que eu não me julgasse o autor dos versos, produziu um fenômeno de efeitos físicos. Ouvi, então, uma explosão surda, porém fortíssima, dentro do escritório. Nem por um décimo de segundo pensei em Espírito. Atônito, com os olhos esgazeados, a respiração presa, olhei a parede em frente à minha mesa de trabalho, esperando o desabamento. Ela continuou firme, sem rachadura, e passei a ouvir, então, próximo à porta fechada do escritório, uma forte vibração no ar, um zumbido que durou uns quinze segun-

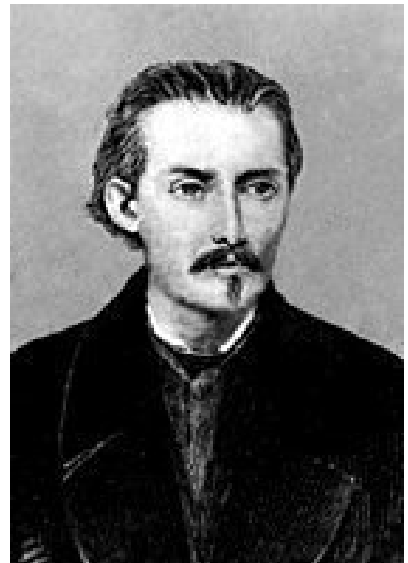
1 Jornal Correio Fraternal do ABC, agosto de 1983.

dos. Quando o ambiente se normalizou, ergui-me e fui olhar pela janela, pois acreditava que a explosão fora na rua. Não era possível atribuir aos Espíritos uma explosão assim, tão forte. Nesse momento minha esposa chegava da rua e perguntei o que acontecera. Mas ela não havia ouvido nada. A rua estava tranqüila. Então, com rapidez, voltei a sentar-me e escrevi abaixo do título do poema o nome do autor espiritual: Casemiro de Abreu...”.

O tempo do Rizzini-médium corre paralelo ao tempo do Rizzini-escritor e tem duração singular. Explica-se, portanto, a sua diferença na conclusão dos trabalhos. Deixou ele claro que lhe custou cerca de 90 dias apenas a recepção do trabalho poético dos quarenta e quatro autores presentes em *Antologia do Mais Além*. Um tempo extremamente curto se comparado ao gasto por ele nos livros que assina como autor.

O estudioso sabe que o tempo mediúnico se alonga ou se encurta também por conta da qualidade da sintonia com os Espíritos, que possui características peculiares. O Espírito comunicante não consegue expressar seu pensamento com clareza? Termos complexos não encontram receptivi-

“Então, com rapidez, voltei a sentar-me e escrevi abaixo do título do poema o nome do autor espiritual: Casemiro de Abreu...”

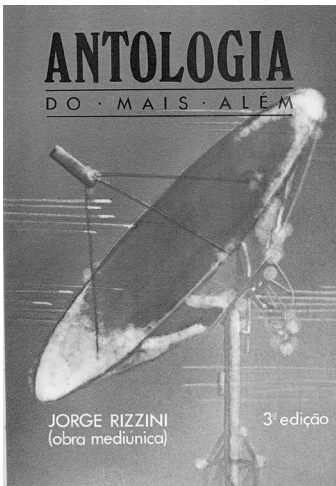


dade no médium? Questões de saúde física se mostram presentes? Mentas alheias interferem nas ondas mentais? Tudo isto influencia a sintonia entre as mentes.

Quando publica em 1973 a edição do seu primeiro e mais volumoso livro de poesias intitulado *Antologia do Mais Além*, Rizzini é ao mesmo tempo um médium ansioso, mas razoavelmente seguro do que está fazendo. Por dois motivos: a consciência da lisura mediúnica e – fato dos mais importantes! – o aval de um intelectual afeito à poesia: Herculano Pires.

Não! Não se trata de um simples prefácio. Herculano faz de fato um estudo da poesia captada pelo seu amigo, estabelecendo comparações entre os poetas vivos e depois de mortos, seus estilos, temas etc. E o faz na forma de convocação à crítica literária brasileira, chamando a atenção dela para sua responsabilidade perante a literatura mediúnica, da qual, segundo Herculano, se esquivava ou, quando muito, abordava de modo altamente irônico.

Sobre o médium e o livro Herculano é ainda mais incisivo. Diz ele: “Estabeleceram-se as condições culturais necessárias para que a obra literária paranormal seja encarada em seu valor intrínseco, seja tratada como o objeto



Antologia do Mais Além foi o primeiro livro mediúnico, psicografado por Jorge Rizzini. Quando apareceu, granjeou a simpatia de vários críticos literários.

de Durkheim, na sua realidade concreta e própria”. Um pouco antes havia escrito: “Os poetas que sobrevivem no seu corpo bioplásmico voltam através da mediunidade de Rizzini para repetirem a façanha mediúcnica de Chico Xavier”.

As edições posteriores incluem outras opiniões não menos respeitáveis. Da Academia Brasileira de Letras, Menotti Del Picchia, que, como se sabe, não era espírita, confessa seu espanto sobre o Rizzini que conhecia apenas como escritor. E diz: “repete, em mim, o mesmo pasmo e admiração que me causou Chico Xavier quando me apresentou uma antologia poética ditada por aedos mortos”. E sobre a qualidade das poesias Menotti não é menos incisivo: “...cada uma dessas criações, como o belo Terceiro Soneto do meu inesquecível e tão querido Guilherme de Almeida, guarda o sabor do seu estro e, talvez, no original a frescura e a umidade da tinta com que foi transportado do céu para esta dolorida terra”.

O mesmo espanto é manifestado por outros pares acadêmicos, como Caio Porfírio Carneiro – “... assombrou-me sobretudo a perfeita identidade em escola, estilo, sim-

Herculano Pires prefaciou os livros mediúnicos de Rizzini e foi além de reconhecer a qualidade dos seus trabalhos recebidos dos grandes poetas do Além.



bologia, visão do mundo e das coisas...”, escreve ele – e chega a diversos espíritas de reconhecida capacidade intelectual, como o português Isidoro Duarte dos Santos, os brasileiros Clovis Ramos, Alfredo Miguel, Aureliano Alves Neto e muitos mais.

Os outros três livros poéticos-mediúnicos de Rizzini, de menor fôlego, seguiram a mesma trilha da obra inaugural, ou seja, contaram com o aval na forma de prefácio de seu amigo Herculano Pires. Um deles – *Sexo e Verdade* – co-assinado por Castro Alves, Guerra Junqueiro e Casimiro de Abreu, eu mesmo cuidei da produção gráfica e publicação pela Editora Correio Fraternal do ABC, em lançamento de 1980.

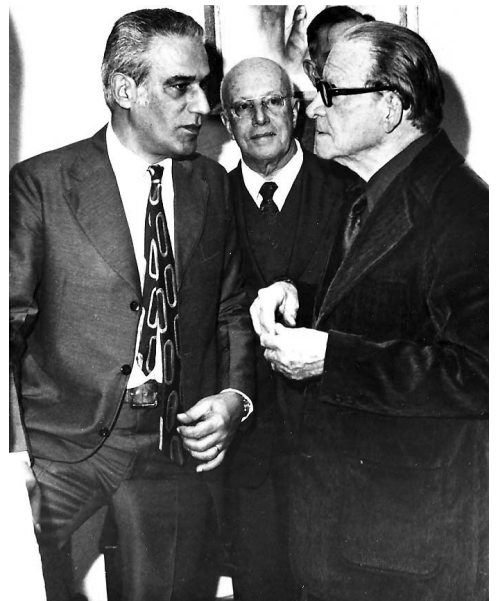
MEDIUNIDADE, POESIA E MÚSICA

A produção musical pela mediunidade de Rizzini segue os caminhos da poética. Autores perfeitamente identificáveis em seus estilos e características, diversidade de gêneros etc. Aqui, Rizzini revela-se obstinado em alcançar seus objetivos de tornar conhecida do grande público esta produção. Acompanhei-o em várias ocasiões nas casas de artistas em busca de apoio para a gravação das músicas. Isto lhe dava um trabalho insano, mas sua persistência o levou a conseguir resultados excelentes.

À coragem da persistência pela busca do grande público e conseqüentemente da crítica especializada somava-se a certeza absoluta que possuía da qualidade

de seu trabalho mediúnico. Rizzini não queria apenas tornar conhecidas as composições dos grandes nomes, mas fazer valer a consciência que as mensagens produzem por trazerem de volta personalidades conhecidas e idolatradas. Quando me cantarolou entusiasmado (e com pouco afino, é verdade) a marcha “Glória a Kardec”, já estava adiantada a tratativa com o Maestro Cabrerisso, da Banda da Polícia Militar de São Paulo, para a produção das partituras musicais e a gravação do compacto simples que eu lançaria pela Editora Correio Fraternal do ABC. Mais tarde, a marcha seria incluída em um dos LPs que Rizzini produziu.

Noel Rosa retornou com muita autenticidade por Rizzini. Sem receio algum, procurou ele pela cantora Aracy de Almeida, considerada uma das duas maiores intérpretes do Noel, na convicção de poder convencê-la a gravar sem remuneração as músicas. Aracy – disse-me Rizzini – reconheceu que as músicas só poderiam ser mesmo de Noel, mas queria introduzir algumas modificações para, talvez, tornar as letras mais consumíveis. Rizzini, que a co-



Rizzini com Menotti Del Picchia, para quem "...o belo Terceiro Soneto do meu inesquecível e tão querido Guilherme de Almeida, guarda o sabor do seu estro..."

nhecia do antigo programa do Carlos Manga na Record – Quem tem medo da verdade? – agradeceu sem ceder. O estilo musical do compositor era o mesmo, mas sua mensagem adquirira tonalidades espiritualizantes e isso não deve ter caído no gosto de Aracy.

Rizzini foi ter com a viúva de Noel, Lindaura, procurando-a em sua residência no Rio de Janeiro. Ficou ela emocionada com as músicas, reconhecendo também ali a presença do marido inconfundível. E concordou que as composições fossem gravadas sem nenhuma exigência.

Numa breve entrevista para o DVD derradeiro de sua produção mediúnica, Rizzini relembra seu encontro com Lindaura.

Se Aracy de Almeida não gravou o Noel do Rizzini, o mesmo não ocorreu com Ataulfo Jr. Quando o filho ouviu as composições do pai, Ataulfo Alves, pelo Rizzini, não só as reconheceu, entusiasmado, como também se dispôs a gravar algumas delas. Sem nenhuma remuneração, evidentemente, dadas as finalidades não lucrativas do trabalho. Aliás, Ataulfo Jr. fez mais, ou seja, cantou para sua mãe uma das composições, em que o pai falava do amor eterno que os unira e continuaria na vida do Além. Rizzini considerou a música premonitória, pois dias depois a viúva foi encontrar-se no plano espiritual com o marido...

A modéstia era uma palavra que Rizzini empregava com certa parcimônia. Ele jamais deixou de reconhecer, e algumas vezes o fez de público, que a vaidade era um dos seus principais dilemas e contra esse sentimento

empreendeu verdadeira luta interior. Uma vez comprovada a autenticidade e a qualidade de suas produções mediúnicas, queria ele projetá-las junto às massas. Para isso, elaborava projetos grandiosos e perseguia sua concretização. Destemidamente.

Por outro lado, a vinda até ele das personalidades invisíveis constituía razão a mais para que empreendesse grandes esforços na divulgação da obra. Rizzini reconhecia o esforço dos compositores, esforço que se desdobrava na harmonização perispiritual, na busca pela sintonia, na paciência para com o médium e suas limitações, no trabalho de composição das letras e músicas ao estilo de suas vidas findas etc.

Foi assim que imaginou realizar um imenso festival de músicas mediúnicas e, depois, outros, inclusive de poesias mediúnicas. E conseguiu, praticamente só. Movimentou mundos e fundos, mais mundos do que fundos, fez contatos políticos, procurou antigos conhecidos seus ou de parentes, gente da área política, recebeu muitos não na forma de barreiras que pareciam intransponíveis, superou todas as dificuldades sempre convicto de uma coisa que gostava de repetir: a espiritualidade

Ataulfo Alves ao violão. O filho, Ataulfo Jr., não apenas viu o pai de volta nas composições de Rizzini como, também, gravou algumas músicas.



auxiliava-o e por isso não esmorecia. Recebia constantemente o combustível mediúnico, fundamental a Rizzini para levar avante os projetos. Os méritos, em grande parte aí, creditava ao seu guia espiritual Manoel de Abreu, a quem reverenciava publicamente.

Resultado: em 1982, no mesmo período do VIII Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas de Salvador, Bahia, Rizzini realizou o I Festival de Músicas Mediúnicas. Onde? Nada menos do que no famoso e tradicional Teatro Municipal de São Paulo. Comprometido com o congresso, não estive presente, o que desagradou imensamente a Rizzini, que contava com minha presença e cobertura jornalística. Mas para compensar solicitei a duas amigas colaboradoras do Correio Fraternal do ABC que fizessem o trabalho para o jornal.

Neste Festival de Poesia Mediúnica, Rizzini teve a participação de diversos atores, entre eles a conhecida atriz Célia Helena.



Depois, rimos muito, pois as moças eram “foquinhas”, expressão que no jargão jornalístico indica o profissional iniciante e totalmente imaturo. Rizzini, jocosamente, as denominou “irmãs pamonha”. Elas acharam muita graça da situação.

Dizia-me Rizzini que uma das grandes mãos que recebeu nessa ocasião foi do Paulo de Toledo Machado, o criador do Museu Espírita de São Paulo, localizado no bairro da Lapa na capital paulista. De fato, Paulo Machado colocou seu empenho e condições financeiras para tornar o evento do conhecimento do grande público, com excelente divulgação. O Municipal, naquele dia, recebeu lotação completa.

Outros festivais de músicas mediúnicas Rizzini ainda realizaria. LPs e CDs registraram as composições. Um DVD lançado em 2006, que pode ser facilmente encontrado nas lojas virtuais, registra o quarto festival realizado no Teatro Imprensa, de São Paulo, um ano antes. Ou seja, aos 82 anos de idade Rizzini ainda tinha fôlego para promover com grandiosidade a obra que havia recebido do invisível...

Tenho para mim que Rizzini desejou dividir seu tempo entre a recepção mediúnica e a difusão dessa produção, o que contribuiu para limitar o tempo de convívio ostensivo com os Espíritos comunicantes e reduzir quantitativamente a obra. Como solista solitário desse concerto espiritual, cabia-lhe não só conceber as partituras, como providenciar a orquestra, o palco e as luzes, com um detalhe importante: desejou obstinadamente chegar às massas

através de eventos de grande porte e ainda mais dispendiosos no que se refere, principalmente, ao tempo.

12 O ESTILO É O HOMEM. A PROPÓSITO DOS LIVROS DE RIZZINI

O aforismo de Buffon – “o estilo é o homem” – tem sido objeto de discussão através dos tempos. Até hoje há os que o defendem e os que o condenam. O homem pode criar um estilo através da farsa ou pode construí-lo por convicção. Em qualquer das situações, porém, tomar o estilo de alguém como a revelação de sua essência ou de sua personalidade é de fato um grandíssimo exagero.

Uma das grandes virtudes do estilo é permitir a identificação da individualidade, que se deixa marcar por modos originais que se repetem na construção de sua obra ou no percurso de sua existência.

Nesse sentido, a literatura produzida por Rizzini tem marcas que facilmente a distinguem. Era escritor de estilo próprio, como se costuma dizer para diferenciá-lo daqueles outros escritores cujo estilo pode ser enquadrado numa categoria comum.

Confesso que foi o estilo de Rizzini um dos elementos importantes da nossa amizade em seu início. Conhecendo-o à distância e vivendo num ambiente que lhe era particularmente hostil, tinha eu dele a imagem, não a realidade objetiva. Imagem rabiscada ou caricaturada

por críticos diversos, cada um deles destacando o aspecto psicológico que lhe parecia mais marcante.

Uma imagem fixa e única não conta história, diz Martine Joly, mas uma seqüência de imagens que guardam entre si relações acaba narrando a seu modo o que representa. Mas o estilo incisivo de Rizzini, a forma como as personagens eram estruturadas, o jeito com que construía as narrativas, as ênfases oportunas, as exclamações distintivas, essas coisas causaram em mim grande admiração. Por isso, passamos muitas noites conversando sobre escritores e fantasmas, às vezes mais fantasmas que escritores, construindo uma relação alheia às circunstâncias adversas.

Essa experiência é suficiente para fazer saber que uma imagem, por mais bela e plástica que seja, só poderá ser penetrada pela dominação do concreto, do qual é ela mera reprodução. A imagem tem o poder de gerar julgamentos e estes quase sempre transitam entre a verdade e a mentira que os contextos podem facilmente fazer aceitar, como regularmente fazem, produzindo mais enganos que certezas, embora estas últimas pareçam predominar. Tenho, pois, diante de mim o escritor Rizzini, na sua concretude de ator social.

Agora é a hora de mostrar aquela dualidade unitária de que falei anteriormente. Por que, nele, o homem-escritor e o homem-médium não se separam? O que os liga nas duas situações e se mantém indissolúvel, esteja ele vivendo o estado paranormal num determinado instante e a vigília em outro? Vejamo-lo nesta sua tipicidade,

semelhante à de muitos outros casos, mas que não deve ser levada à condição de generalidade.

Rizzini pensou em se tornar escritor pela primeira vez aos 23 anos, como ele mesmo confessa. Está lá na sua *Antologia do Mais Além*. Recordemos que ele disse: “Eu havia deixado a mediunidade pela literatura... Mas hoje sei que as duas em mim já naquela época se completavam...”. Ou seja, a mediunidade antecede nele ao escritor, mas o escritor é ainda e como tal médium. Não se trata de uma situação que se encontra presente em todos os escritores, mas em Rizzini é típica.

Mais à frente, no mesmo documento, Rizzini fará questão de enfatizar o escritor que é: “Nem todos meus livros, porém, têm base mediúnica. Quero, honestamente, deixar bem claro este ponto! Eu, com ou sem os Espíritos, sou um escritor, pouco importa se bom ou mau...”. Ou seja, reconhece-se capaz de escrever por decisão própria e com o aporte do capital intelectual acumulado e apurado ao longo das vidas. Uma conquista, como gostava de afirmar no transcurso dos oitenta e quatro anos de vida. E conquista que deve ser atribuída à multiplicidade interexistencial. Ele de fato era capaz. Vejamos, porém, que se repete aqui aquilo que em análise do discurso se enfatiza: uma coisa é o que se quer dizer, outra o que de fato se diz. Num ponto Rizzini reconhece a complementaridade entre o escritor e o médium, noutro ponto tenta separar os dois. Não resta dúvida que o escritor Rizzini pode produzir uma obra literária a partir de sua própria condição intelectual e da bagagem cultural multiexis-

tencial, sem parceria com o invisível, assinando-a com seu nome e sobrenome. Outra questão é a existência do parceiro espiritual apartado de qualquer possibilidade de exercer alguma influência. No caso de Rizzini, estou convencido que isto raramente aconteceu.

É Rizzini ainda quem fala na sua Antologia: “Escritores e Fantasmas” tem a redação exclusivamente minha, embora a pesquisa seja mediúnica em boa parte”. Aparece pois a forma como distingue o escritor do médium: quando é ele que escreve, a criação é sua; quando os Espíritos ditam, a autoria é deles. Ou seja, se os Espíritos não se apresentam não tem por que pensar em sua participação ou parceria. Essa é a lógica que lhe domina a mente neste instante. Mas não se esqueça de que ele também disse na mesma frase: “...embora a pesquisa seja mediúnica em boa parte”. Temos o escritor redigindo, mas também uma contribuição vinda pela mediunidade... Uma influência, portanto!

Parece estar claro, desde abril de 1857, que as relações entre o visível e o invisível são permeadas por ações de caráter ostensivo (caso em que o indivíduo encarnado é classificado como médium) e ações subjetivas, parecendo que a maioria dos encarnados, neste ponto, não tem percepção clara do fato. Este detalhe, por si só, configura importante aspecto a ser considerado, especialmente na mediunidade de Rizzini, em sua fase primeira, quando a consciência era ainda reduzida.

Prossigamos.

Na seqüência, vai revelar Rizzini: “O estilo dos contos

que constituem “Beco dos Aflitos” – estilo sincopado e quase oral – é o meu. (...) sozinho também escrevo. Não posso anular uma conquista minha, é evidente. A verdade está acima da vaidade”.

O método que Rizzini utiliza para distinguir o escritor do médium é falho ao não considerar alguns aspectos importantes da questão na tipicidade particular do sujeito que Rizzini é.

Não vou me utilizar aqui do argumento, correto em Kardec, que conduz a reconhecer a impossibilidade de detectar a ausência completa das parcerias entre homens e Espíritos em sua realidade concreta. Isso nos conduziria inevitavelmente à generalização. Mas quero deixar claro o seguinte aspecto: a rica máquina intelectual denominada Rizzini era movida por um combustível chamado mediunidade.

Quando este combustível falta ou não existe em quantidade suficiente, a máquina encontra enormes dificuldades para funcionar. O vigor, a disposição, a determinação, a proliferação de idéias, as soluções de problemas literários, a descoberta de novos projetos, tudo isso era superlativamente aumentado no escritor com o combustível cuja fonte eram os parceiros espirituais. E sem estes parceiros invisíveis, Rizzini ficava lento na criação e no processo de escrituração.

Rizzini era para mim um típico escritor mediúnico! Neste caso, julgo de pouca importância o fato de assinar isoladamente ou em parceria com Espíritos os livros que produziu. Repito, livros que era capaz de escrever

sozinho, sem nenhuma dúvida, mas que nessa existência finda parece ter contado com o acréscimo das inteligências invisíveis.

Recordemos o seu início: tinha 26 anos quando publicou o primeiro livro – *Carlito e os Homens da Caverna* – livro infantil de sucesso que se confunde com o estilo de Monteiro Lobato. Como resolve escrever o livro? Este é o ponto capital, que se vai repetir sucessivamente em Rizzini. Ele mesmo, nesse caso específico, confessa na sua Antologia: “Meu primeiro livro havia sido escrito sob a influência direta do Espírito de Monteiro Lobato e eu ignorava!”.

Lá está o combustível mediúnico e Rizzini não o percebe., tanto que assina como autor único a autoria do livro. Essa falta de percepção era aumentada pelo sentimento de vaidade que então o dominava, pois queria ser escritor reconhecido entre os maiores. E ele mesmo vai revelar isso, inclusive na entrevista que aparece no DVD de 2006.

Rizzini ignorava também que o combustível mediúnico se encontra presente na realidade cotidiana dos homens? Não, evidentemente, pois conhecia bem a doutrina espírita. Foi por pura inexperiência que assinou sozinho o livro que deu início à sua bem sucedida carreira de escritor? Também não. O texto é de Rizzini, o parceiro espiritual atuava em seus mecanismos psíquicos e lá estava marcadamente presente. Ah a semelhança de estilos...

Ora, se Rizzini adotara o método da fonte da escrita

para separar o escritor do médium, então era coerente com esse método.

Mais adiante, o mesmo método é novamente empregado. Rizzini vai escrever a vida de Monteiro Lobato sob a influência do parceiro espiritual e vai assiná-la sozinho. O combustível mediúnico é o ingrediente motivador do escritor. Ele chega na forma de idéias e cria um estímulo às vezes tão forte que o homem, retido em seus limites, não o compreende senão como algo que nasce de dentro de si e se torna não raro irrefreável. Rizzini tem as condições ideais para a escritura do livro, um material cultural próprio, a destreza do escritor notável, mas possui também o canal pelo qual a inteligência de Monteiro Lobato pode penetrar e contribuir. Mais uma vez, Rizzini vai reconhecer o fato. Mais tarde, bem à frente.

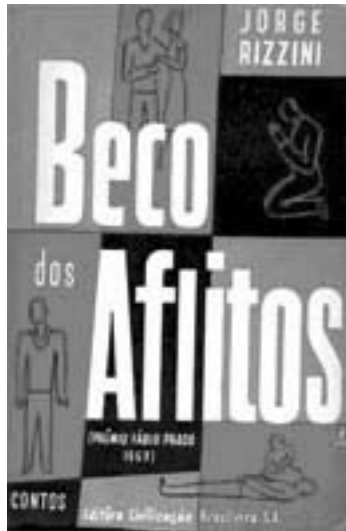
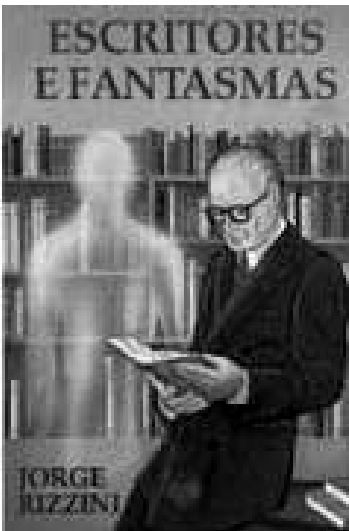
A pergunta que sempre me fiz é esta: houve algum trabalho literário de Rizzini que não teve jamais a marca do invisível? Minha resposta tende a ser – não! Creio estarmos diante de um típico caso de escritor mediúnico, ou seja, de um indivíduo que sabe escrever muito bem, mas o faz movido, constantemente, pela influência invisível, num regime de parceria que parece ter sido combinado previamente...

A presença invisível do biografado repete-se nesse livro.



Isto é muito curioso, mas não incomum. Escritores como Rizzini costumam produzir incessantemente durante certo período e se tornam completamente improdutivos durante outros. De repente as idéias entram em ebulição e o escritor mediúnico é empurrado para frente, logo a seguir surge o vazio mental e físico. Entre um e outro período acontecem trabalhos promissores, mas que se arrastam por longo tempo, exigindo enorme desgaste intelectual para serem concluídos.

Quando em 1978 mostrei-lhe os originais do meu livro *O Centro Espírita*, o *Eurípedes Barsanulfo* do Rizzini dormia engavetado há bons dez anos. O combustível mediúnico que levara o escritor a produzir a biografia estava em seu nível mais baixo... O que está faltando para publicar o livro, perguntei-lhe e o escritor não soube responder.



*A redação de
Escritores e Fantasmas
e o estilo sincopado
do Beco dos Aflitos
são de Rizzini...*

Rizzini, ainda na sua Antologia, refere-se a certa psicografia intuitiva que estava desenvolvendo, mas poderia dizer psicografia inspirativa. Penso que ficaria melhor para os casos em que o escritor assina sua produção intelectual.

Interessa para esse estudo ouvi-lo textualmente: “Minha vida, pois, estava agora dividida entre a literatura leiga e o estudo semanal dos livros de Kardec; prática mediúnica eu havia deixado, embora, sem o saber, estivesse desenvolvendo cada vez mais a psicografia intuitiva ao lado de Monteiro Lobato...”.

Como se observa, Rizzini reafirma a presença dos Espíritos na parceria intelectual.

Ainda assim vai produzir outro livro que trará sua assinatura de promissor beletrista, talvez o que mais lhe rendeu elogios da crônica especializada: *Beco dos Aflitos*. Em 1957, antes da publicação, o trabalho ganhou o Prêmio Fábio Prado, da União Brasileira de Escritores. Saiu em livro, finalmente, em 1959, pela Editora Civilização Brasileira. Na Antologia, Rizzini o menciona, apenas, e diz que o livro tem “uma história espiritual, mas essa só mais tarde contarei...”. Desconheço algo publicado em que fale sobre o assunto. Conversamos muitas vezes a respeito do livro. Nunca negou sua satisfação pela premiação, mas o conteúdo dos nove contos pesava-lhe imensamente sobre os ombros, como se o transportasse a uma época de desagradável memória.

O exemplar de *Beco dos Aflitos* que espontaneamente me ofereceu em 1982 traz a seguinte dedicatória: “Ao

meu amigo Wilson Garcia, esta lembrança de um tempo que espero *não reviver* em próximas reencarnações”. O grifo é meu.

O escritor mediúnico fez obra literária de primeira grandeza no Beco. A crítica especializada o recebe com efusivos elogios e desde logo dá-lhe assento ao lado de Dostoievski. Herculano Pires, que é também em algumas obras um escritor mediúnico, porém de outra linha, fala que Rizzini estava “possuído daquele mesmo fogo demoníaco que consumia Dostoievski, Maupassant, Allan Poe...”.

Em minha cidade natal havia também um beco, mas o povo o chamava de Beco das Flores. O de Rizzini é literário e repleto de escuridão, é dos aflitos, um beco de dores terríveis. Do fundo de cada conto brota um odor fétido. Seriam os personagens e suas histórias meras criações ficcionais? Rizzini resolve essa dúvida de modo velado na página “Ao Leitor”, que a editora coloca nas orelhas do livro. A crítica literária não alcança o seu sentido, passa batida, quase ingênua. E para isso a engenhosidade do escritor contribui, deliberadamente, em especial quando coloca em destaque, logo nos dois primeiros parágrafos, o “traço unitário” da dor a ligar a obra por inteiro, ou seja, sua presença nos contos. Já no terceiro parágrafo, Rizzini começa a dar indicações. “Falei em descobertas” – diz ele – “por mim feitas nessas regiões trevosas”.

Poderia estar falando dos subterrâneos da mente humana, é verdade. Mas ele prossegue: “Realmente. Graças à minha experiência obtive uma revelação surpreendente,

das mais importantes: a existência não hipotética, mas real e palpável de inúmeros fantasmas que lutam contra a nossa personalidade, tentando absorvê-la como canibais famintos”.

Aqui está a verdade: Rizzini fala dos mesmos fantasmas habitantes das regiões escuras de André Luiz e Herculano Pires, os vampiros animalizados ainda.

Vamos em frente, repassando o escritor que é ainda, e apenas, escritor. Rizzini prossegue: “Fantasmas com vida autônoma, desligados de quaisquer cordões umbilicais; fantasmas tão poderosos que além de nos governar (muitas vezes sem que o saibamos) são inatingíveis. Pude porém conversar com eles, fizemo-nos amigos, apertamos as mãos, prometemos por um longo tempo não entrar mais em choque. Minha viagem parou no meio, não atingi Deus, mas me sinto bem pago”.

Esses fantasmas são os mesmos referidos por Denizard Rivail, com idênticas características, mas o toque ficcional os esconde. O fecho do parágrafo, porém, contém a chave oferecida por Rizzini: “Meu livro narra os encontros com os fantasmas e creio que só as pessoas no espírito adultas poderão compreender, em profundidade, os diálogos abismais por nós mantidos”.

É fato que Rizzini vivia em contato com fantasmas e que esses fantasmas, como a dor do Beco, se constituirão no traço a interligar todos os seus livros, tipificando o autor como escritor mediúnico. Dos 17 aos 23 três anos os fantasmas vão perturbá-lo intensamente. Ele resolve então expurgá-los, como que numa catarse silenciosa.

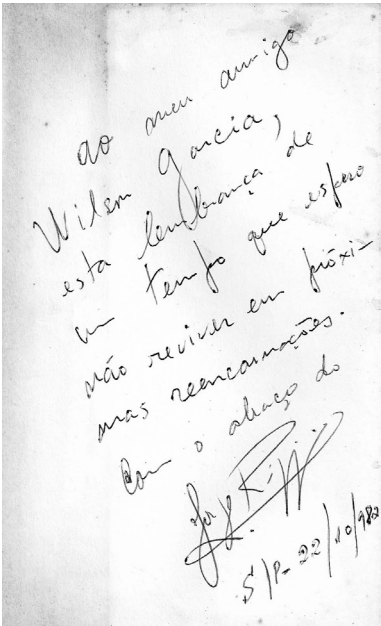
O Beco torna-se uma via escura de liberação deles, pelo menos daqueles mais assustadores. Outros, porém, prosseguirão com o autor em sua vida inteira e sempre que lhe parecer oportuno, Rizzini vai falar do lugar dos fantasmas: as trevas.

Uma consciência sobre as regiões trevosas domina o autor a partir de suas experiências mediúnicas, pessoais, purgativas e sua produção literária, pelo tempo afora, fará menção constantemente a elas e a seus habitantes, os Espíritos trevosos.

Como medida preventiva, numa espécie de contrapon- to, esta mesma consciência será aliada incondicional de Jesus, trazendo-o para o centro das atenções, até mesmo como uma medida inconsciente de apoio. Em meio a tudo estará o seu Espírito-guia, Manoel de Abreu, de quem se vê amigo agradecido e inseparável...

Rizzini, a princípio, temia publicar o Beco. Guardou as páginas rabisca- das de seres e dores por algum tempo. Viveu o dilema do bem e do mal, da consciência premida pela visão de vida, que a espiritualidade conforma, e a realidade do escritor que resolvera ser. Porque ser escritor é como ser pintor: se ninguém houver para ver não vale a pena ser...

Apesar da vontade, Rizzini não conseguiu fugir dos fantasmas...



Rizzini registrou na dedicatória do meu exemplar do *Beco* sua vontade de não mais retornar aquelas experiências. Não revivê-las significa também não reescrevê-las. Curiosamente, no *Beco*, entre as obras do autor citadas há a promessa de um novo livro que jamais foi publicado. Seu título: *Os Espectros...*

O contista hábil e reconhecido remexe-se quase que diuturnamente em sua cadeira à frente da velha e orgulhosa máquina de escrever. As idéias o dominam, o acirram.

O escritor mediúnico não é totalmente dono de si nem do que deve ou não fazer. De repente, por mil razões ou por razão nenhuma, ele se vê a caminhar pelos mesmos becos de outrora... Aqui e ali aparece um novo conto. Um deles homenageia os filhos Maria Angélica, Ricardo e Lili ao torná-los protagonistas da história. Lembrar-se-ão dele, os filhos? Pois o conto maravilhoso está publicado no Suplemento Literário de dez de setembro de 1960 do jornal *O Estado de São Paulo*. Seu título: “O Enterro”.

Anos depois, eis que surge um novo livro. Um dia chamou-me em sua casa e mostrou-me os originais. Dez novos contos, ou melhor, nove, porque o de título *Magaly* era a reelaboração do conto de mesmo nome presente no *Beco*. Outro conto, de título “A Fuga”, Rizzini havia publicado no primeiro número do Suplemento Literário que havíamos criado no jornal *Correio Fraternal* do ABC, em substituição ao caderno infantil *Fraternalinho*. Junto, vieram algumas ilustrações de Celso Pinheiro, que já havia ilustrado com sua pena consagrada o livro *Beco*

dos Aflitos, do que se depreende que os contos vinham sendo preparados há tempos por Rizzini e à medida que os escrevia entregava-os ao Celso. Este, porém, falecera antes que Rizzini completasse a nova série de contos.

Estávamos em meados de 1996, trinta e sete anos, portanto, depois da publicação do *Beco*. Era verdade, então, que não conseguira se desligar do gênero e dos temas, como pretendia.

Devia eu preparar a edição do livro. Chamei o amigo Mário Diniz, artista plástico, e encomendei-lhe a capa e as ilustrações que faltavam para alguns dos contos. E naquele mesmo ano, em dezembro, surgiu *O Regresso de Glória* pelo selo Eldorado/EME.

Entre *Beco* e *Glória* há grande diferença. A dor continua como mola da vida, mas o consolo espiritual agora a conforma. Cada conto vem precedido de um pensamento, oito de Allan Kardec e dois de Jesus. Na contracapa quis Rizzini repetir, sintomaticamente, os pareceres elogiosos dos críticos do *Beco*. Pouco mais de um ano após o lançamento do *Glória*, Rizzini, alegando motivos particulares, resolve fazer nova edição do livro por outra editora. Esta aparece em 1998. Os responsáveis – Nova Luz Editora, de São Paulo – suprimem as ilustrações de Mário Diniz, mantêm as do Celso Pinheiro, mas comprometem-se eticamente. Mandam fazer uma nova arte para a capa aproveitando-se da idéia criada por Mário Diniz na primeira edição. E o pior: de qualidade duvidosa.

A edição, porém, traz uma novidade: um excelente prefácio de Caio Porfírio Carneiro, da União Brasileira

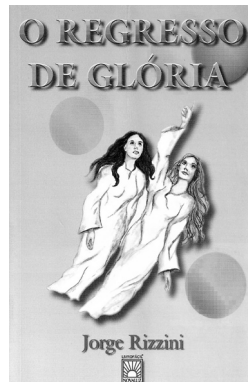
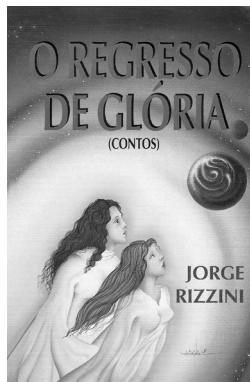
de Escritores, também contista e amigo de Rizzini. Caio, que já havia tecido elogios ao *Beco dos Aflitos*, reconhece agora duas coisas nessa nova criação: a evolução do estilo do autor e o conteúdo espírita dos contos, que está explícito em *Glória sem ser*, diz o crítico, pretensiosamente doutrinante, o que parece a Caio uma virtude.

* * *

A tese do escritor mediúnico parece cair por terra diante de algumas produções intelectuais do Rizzini. Antes, porém, de referir-me a elas, convém anotar alguns detalhes e curiosidades.

O escritor mediúnico é um colecionador de idéias para novas produções. O seu espaço e tempo, independente de lugar, está sendo preenchido sempre com novos projetos que lhe parecem originais e plenamente viáveis. As inteligências que o rodeiam, muitas vezes por afinidade intelectual, são o seu combustível. A isto se juntam as idéias que o próprio escritor desenvolve.

Ao lado, a capa da primeira edição, criada por Mário Diniz. À direita, a cópia...



Não há livro de Rizzini onde não apareça a promessa de uma nova obra. Eis alguns exemplos de obras prometidas que jamais foram publicadas: Os Mosqueteiros da Paz, Os Espectros (já citado), Viagem ao Planeta Ângius, Trapézio (contos), Kattia e a Outra, A Verdade sem Véu etc.

Quatro obras de Rizzini se inscrevem ainda entre as assinadas pelo escritor, sem parceiros espirituais, a chamarem-me a atenção. São elas: *Caso Arigó*, *Materialização de Uberaba*, cujo verdadeiro título é *Otilia Diogo e a Materialização de Uberaba*, *Escritores e Fantasma* (tinha inicialmente por título *Poetas, Escritores e Fantasma*) e, finalmente, *Kardec*, *Irmãs Fox e Outros*. São livros que poderiam ser relacionados entre as obras produzidas unicamente pelo autor físico, sem a parceria de nenhuma inteligência invisível.

Mas volto ao ponto anterior do combustível para inverter a questão para a tese do escritor mediúnico típico de Rizzini. Em todos eles parece-me clara a presença desse combustível, seja na projeção da idéia do livro, seja no percurso das ações que depois dariam origem a eles, seja, finalmente, na sua escritura.

Para não alongar por demais este estudo, vejamos alguns detalhes. Em *Caso Arigó*, Rizzini confessa que seu interesse pelo médium e, depois, pela sua defesa foi conseqüência da mão do invisível. “Não lhe parece que estamos sendo dirigidos pelo Alto?”, perguntaria ele à esposa Iracema, logo após conhecer Arigó de modo inusitado.

Materialização de Uberaba não guarda menos relação com o invisível que o *Caso Arigó*. Aqui, Rizzini é chamado a entrar na questão por Chico Xavier, que lhe bateu à porta certo dia... Todo o conteúdo do livro reafirma a presença, em Rizzini, do combustível mediúnico fazendo mover a máquina física e psicológica do ser.

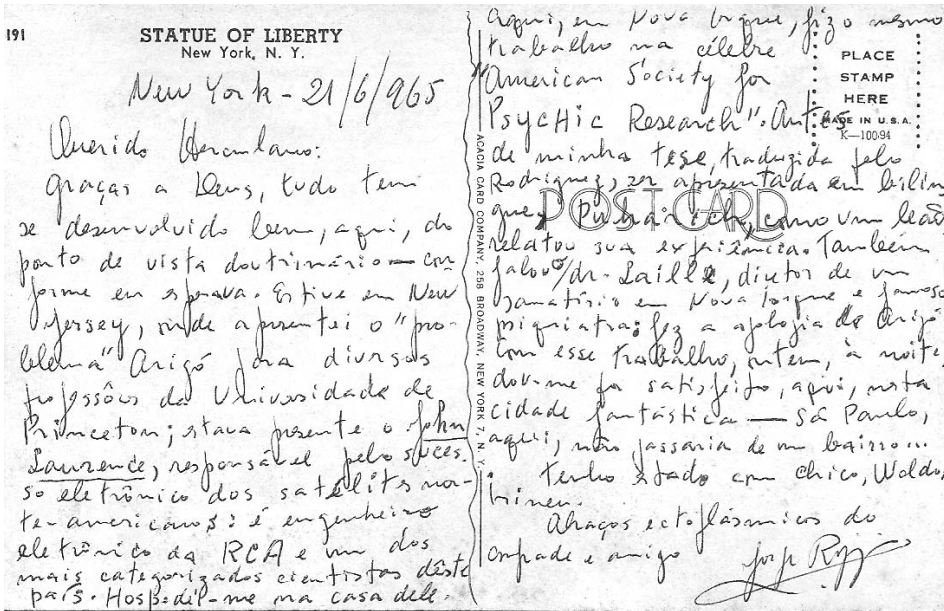
Escritores e Fantasmias, mais uma notável obra de Rizzini – e obra de fôlego, diga-se de passagem – teve a mão invisível de Leon Denis e de outros Espíritos além do guia Manoel de Abreu.

O custo psicológico, mental e físico de um livro como este é muito alto para alguém que passou a juventude acuado pelo invisível e, posteriormente, enriqueceu a literatura com o seu dolorido *Beco dos Aflitos*. Não tenho dúvida em afirmar que sem o combustível mediúnico o livro estaria até hoje entre as obras prometidas...

Vejam agora *Kardec, Irmãs Fox e Outros*, que me é particularmente simpático por óbvias razões. Como de outras ocasiões, Rizzini chamou-me para mostrar os trabalhos reunidos que pensava dar um novo livro. O material era verdadeiramente uma coletânea de temas diferentes. Havia trabalhos sobre a figura do Codificador que Rizzini sonhara enfeixar em um só volume quando completasse a quantidade necessária. O mesmo ocorria com o tema da mediunidade. Vários escritos ali estavam sendo reservados por Rizzini a um livro inédito sobre os grandes médiuns. Completava a relação estudos diversos.

Sempre que viajava ao exterior a trabalho de divul-

gação do Espiritismo, Rizzini aproveitava o tempo para realizar pesquisas. A história lhe era particularmente afeta. Gostava de obter documentos raros, de fotografar locais especiais, de conversar com personalidades que pudessem enriquecer as informações. Por exemplo, em 1965, sua viagem aos Estados Unidos da América para divulgar os filmes sobre as cirurgias de Zé Arigó permitiu que, além de apresentar os filmes para platéias selecionadas, compostas de figuras importantes da ciência, também fosse à busca de informações sobre as famosas médiuns irmãs Fox, fazendo, inclusive, a descoberta da cripta onde foi enterrada uma delas, Margareth Fox.



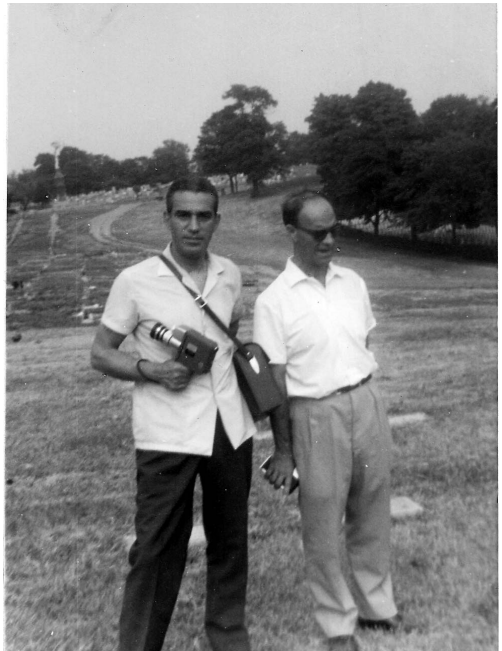
De Nova Iorque, Rizzini relata a Herculano Pires as atividades de apresentação do filme sobre Zé Arigó naquela cidade e em Nova Jersey e menciona seus encontros com Chico Xavier e Waldo Vieira. Rizzini aproveitou a viagem para fazer pesquisas sobre as irmãs Fox.

Essa viagem coincidiu com a dos médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira. Rizzini os encontrou em Nova Iorque e esteve com eles em vários outros locais. De lá mesmo, mandou a Herculano Pires um cartão postal relatando o sucesso dos filmes e os esforços compensadores que estava realizando na área histórica.

Pois bem, Rizzini havia pensado em alguns títulos para o novo livro, mas não se decidira por nenhum. Estávamos conversando sobre o assunto quando me surgiu à mente um nome. Arrisquei: *Kardec, Irmãs Fox e Outros*. Rizzini pensou por breves minutos, pegou do lápis e escreveu o subtítulo: “Temas que espiritualizam e instruem”. Coloquei os originais debaixo do braço e três meses depois a obra estava nas livrarias, edição EME.

Assim como ocorreu com o livro *O Regresso de Glória*, cerca de um ano depois Rizzini tomou providências para uma nova edição de *Kardec, Irmãs Fox e Outros* por nova editora, justificando motivos particulares. Por essa ocasião, a segunda edição pela EME já estava à venda.

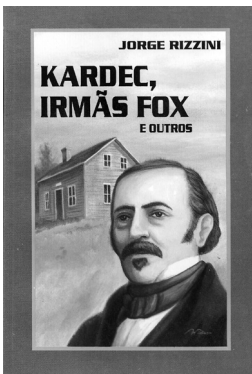
Rizzini e Chico Xavier em um cemitério de Nova Iorque, em 1965, à procura do túmulo de Margareth Fox.



Rizzini informou-me que a DPL Editora e Distribuidora havia se interessado pela obra. Contrato feito, originais entregues, ficou Rizzini aguardando o lançamento que tardava um pouco. Quando, finalmente, a editora lhe entregou alguns exemplares, veio a grande surpresa.

Sem sua autorização ou concordância, o título havia sido alterado. Em lugar de *Kardec, Irmãs Fox e Outros* lá estava: *Em Busca da Verdade Perdida no Tempo...*, assim mesmo, com reticências. E um subtítulo obtuso: “Descobertas da história recente do Espiritismo: da missão de Allan Kardec aos dias de hoje”. No canto baixo da página quatro, uma estranha nota: “A fim de esclarecer o leitor, informamos que a segunda edição deste livro foi impressa pela Editora EME com o título e a capa exibidos ao lado. Em caso de dúvida, favor entrar em contato conosco. Os Editores”.

Rizzini não teve dúvidas: assessorado por um advogado, notificou a editora para suspender a venda do livro, informando que daria início a um processo judicial contra ela.



A nova editora de “Kardec, Irmãs Fox e Outros” resolveu alterar o título do livro sem autorização do autor. Rizzini impediu a sua venda e não o incluiu na sua bibliografia.

Algum tempo depois, um acordo pôs fim à pendenga e Rizzini deu o assunto por encerrado. O livro, portanto, vendeu alguns poucos exemplares, apenas. Por esta razão, o título jamais apareceu na sua relação de livros publicados.

Por fim, convém relacionar, principalmente para registro, três opúsculos escritos por Rizzini que não constam de nenhuma das bibliografias ou, como é costume nomear, nas “obras do mesmo autor” que aparecem em seus livros. Refiro-me aos seguintes títulos: *A Arte de Escrever para Crianças*, *A Verdade sobre o Ipê-roxo* e *José Arigó (revolução no campo da mediunidade)*. Em nossas conversas, vez por outra o assunto desses opúsculos vinha à baila e juntamente com ele um pouco das histórias vividas por Rizzini.

Vamos ao primeiro.

A Arte de Escrever para Crianças é um trabalho com o qual Rizzini atende ao compromisso assumido com o II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas realizado em 1958, em São Paulo. A responsabilidade do evento foi do Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, presidido por Herculano Pires. O tema do congresso era “Missão do Escritor e do Intelectual Espírita”.

Como se vê, Rizzini resolveu abordar a literatura infantil e seu aspecto ou engajamento doutrinário. Rizzini vinha então de colher o sucesso de seus livros *Carlitos e os Homens da Caverna* e *História de Monteiro Lobato*. A crítica literária era toda elogios ao autor, o que lhe conferia

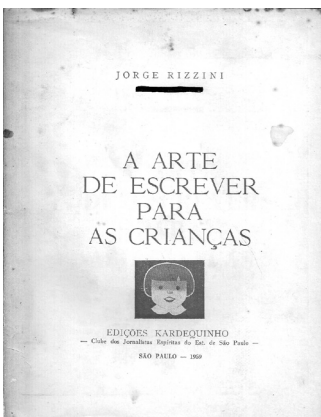
autoridade suficiente para falar sobre a alma infantil e a literatura de qualidade a ela destinada.

O texto faz uma crítica às revistas em quadrinhos, que Rizzini considerava sub-literatura, na linha de pensamento de inúmeros outros escritores da época. Outra parte o autor gasta com uma exposição sobre a literatura de qualidade, explicando que não há facilidade para aqueles que desejam escrever para a infância. Na verdade, afóra a parte em que Rizzini aborda a literatura infantil com temática espírita, o texto já havia sido publicado, na forma de análise crítica, na antiga revista “Ilustração Espírita”, em seu número 5, fevereiro de 1957, revista esta que contava com a participação de expressivas inteligências do Espiritismo brasileiro. Curiosamente, era impressa em formato de bolso.

A conclusão de Rizzini é a seguinte: “Sabemos que os temas espíritas, devido às nossas atuais circunstâncias, trazem em si um halo de mistério que poderá perturbar a mente infantil. Mas tudo depende da forma como os abordamos. O sucesso da literatura infantil espírita depende, pois, da arte menor ou maior de seus futuros cultores. E de nada mais”.

O opúsculo *A Verdade sobre o Ipê-Roxo* é resultado de uma grande campanha que

Embora não se enquadrasse na categoria de tese, Rizzini fala sobre como escrever para as crianças com arte e conteúdo.



Rizzini realizou através de seu programa na TV Cultura intitulado “Em Busca da Verdade”. A campanha movimentou praticamente a mídia nacional, pois levou os grandes jornais e revistas do país a pautarem o assunto. Rizzini, amparado por pesquisas da época, divulgava com vigor as propriedades daquela planta medicinal, com notícias e entrevistas de médicos e estudiosos do assunto. Vejamos este trecho da apresentação:

“A árdua campanha do “ipê-roxo versus câncer”, iniciada e liderada por nós desde fevereiro através da TV Cultura, Canal 2, São Paulo, em nosso programa Em Busca da Verdade (programa de debates e entrevistas agora por nós também apresentado na TV Continental, Canal 9, na Guanabara) continua a agitar a opinião pública de todo o país”.

Rizzini relaciona os veículos midiáticos que se interessaram pelo assunto:

“Os jornais, sem exceção (O Estado de São Paulo, A Gazeta, Última Hora, Jornal da Tarde, Folha de São Paulo, Jornal do Comércio, O Jornal, O Dia, O Globo, Diários Associados, etc.) manifestaram várias vezes sobre o assunto; outros canais de televisão e emissoras de rádio – secundados pela TV Cultura, fizeram o mesmo, como a TV Re-

Em seu programa semanal “Em Busca da Verdade”, Rizzini desencadeou uma grande campanha sobre as propriedades do Ipê-roxo na cura do câncer.



cord, TV Excelsior, TV Globo e TV Tupi da Guanabara e de São Paulo, em programas de grande audiência; e a revista O Cruzeiro, com duas magníficas reportagens citando o nosso programa...”.

Até hoje, o ipê-roxo é considerado uma planta medicinal com diversas propriedades curativas, inclusive em relação ao câncer. Interessante verificar que uma publicação feita na revista da SBPC, “Cientistas do Brasil”, de 1998, p. 248, e republicada em 2004 pela Gazeta Mercantil, faz referência às reportagens sobre o ipê-roxo publicadas pela revista O Cruzeiro, mas nada diz sobre o início e a manutenção por um bom tempo da campanha feita pelo programa apresentado na Cultura pelo Rizzini. Omissão imperdoável do pesquisador...

Não se pode dizer que a Rizzini se deve o interesse pelo ipê-roxo no Brasil, pois a literatura científica trata do assunto já a partir de certos estudos feitos na Argentina, ocasião em que as propriedades dessa planta eram vistas como positivas para algumas doenças, sem necessariamente referir-se ao câncer. O que Rizzini fez, de fato com muita coragem e mérito foi assumir a sua defesa e divulgação como remédio com efeitos sobre certos tipos de câncer, despertando a consciência brasileira e consequentemente o interesse pelo ipê-roxo. E, acrescente-se, não o fez sem grandes prejuízos morais e físicos, por conta dos médicos reacionários que passaram a combatê-lo. Veja-se, por exemplo, a irônica dedicatória que faz no referido opúsculo: “Ao Dr. Amaro Azevedo, Presidente da Federação Brasileira de Homeopatia, por haver pedido

através da imprensa a minha prisão e a Walter Accorsi, a homenagem risonha do autor”.

Walter Accorsi, espírita e pesquisador das plantas medicinais, foi de grande apoio para Rizzini, sustentando ao seu lado diversas polêmicas em favor do ipê-roxo, em cujas propriedades medicinais acreditava.

Falecido em 2005, aos 93 anos de idade, infelizmente as narrativas de sua biografia publicada na imprensa espírita não mencionam esse seu trabalho de grande utilidade para a medicina.

Já o opúsculo José Arigó – revolução no campo da mediunidade marca o início do trabalho feito por Rizzini junto ao médium de Congonhas do Campo, que depois ficaria famoso no mundo inteiro inclusive com a contribuição das filmagens feitas por Rizzini. Compreende-se que este opúsculo não conste da bibliografia de Rizzini pelo fato de ter-se transformado, posteriormente, no livro completo em que o autor narra os debates realizados na TV e pela imprensa escrita, e toda a sua história com o inesquecível médium.

Uma curiosidade: no opúsculo, Rizzini trata o médium por José Arigó. Já no livro, o tratamento é levado à intimidade: Zé Arigó, nome pelo qual passou a ser

Pesquisador respeitado e espírita por convicção, Walter Accorsi esteve ao lado de Rizzini na campanha do Ipê-roxo.



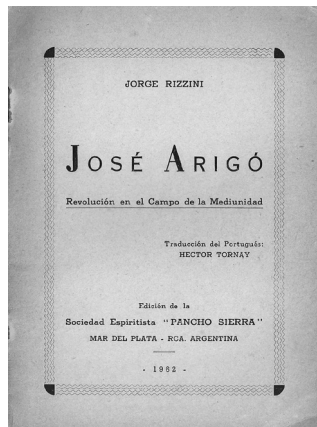
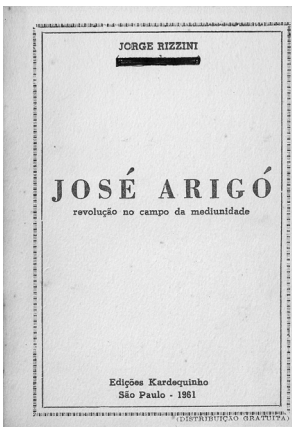
conhecido de fato. Todo o conteúdo do opúsculo vai aparecer refundido e desdobrado no livro.

Outra curiosidade é que um ano após a publicação do opúsculo, foi ele traduzido para o espanhol e publicado na Argentina pela Sociedad Espiritista “Pancho Sierra”, de Mar Del Plata, num trabalho feito por Hector Tornay.

CONCLUSÃO

É impossível ignorar as inúmeras restrições feitas ao homem e ao médium. O polemista arguto e viril muitas vezes se fez mesclar com o médium, cujo trabalho se realizou na solidão reclusa de sua residência, grande parte dele mediado pelo silêncio noturno.

Esta condição, desconhecida de muitos, provoca desconfianças sobre a presença e participação real dos Espíritos na obra produzida. É impossível, também, deixar de reconhecer que a capacidade intelectual de



O opúsculo, que depois foi transformado em livro, teve a sua versão em português e em espanhol.

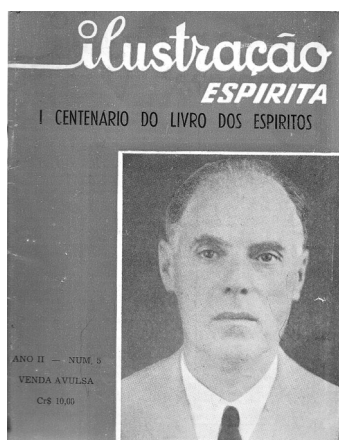
Jorge Rizzini é vista por alguns como a verdadeira origem de sua obra mediúnica e se tal não é objetivamente trazido à discussão é porque faltou, até aqui, interesse na pesquisa de sua produção. O médium seria, então, autor de pastiches e não intermediário de criações poéticas de autores mortos.

Finalmente, reconhece-se que as análises deste trabalho – inteiramente aberto a desdobramentos críticos outros – encontram-se bastante contaminadas pela proximidade do autor com o escritor e médium.

Todavia, as circunstâncias não são impeditivos definitivos para: (1) de um lado, a reafirmação de minha convicção na qualidade mediúnica e a presença da mediunidade em toda a obra de Jorge Rizzini, e (2) o reconhecimento de que é necessário e útil estudar a produção intelectual daquele que foi, até pouco tempo atrás, um indivíduo presente no espiritismo brasileiro, com notável destaque.

Raro exemplar da Revista Ilustração Espírita, que circulou na década de 1950.

Neste número, Rizzini publicou uma parte do trabalho que viria a apresentar no Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas de 1958.



13 ARIGÓ DE VOLTA COM EDSON QUEIROZ

Quando recebi a notícia da morte de Zé Arigó em janeiro de 1971 eu estava dentro de um táxi cruzando as avenidas Senador Queiroz e Prestes Maia em São Paulo. Começava a estudar o Espiritismo e do famoso médium sabia apenas o que a imprensa noticiava. Nada além. Mais tarde tomei conhecimento do trabalho junto a Arigó feito pelo Rizzini e pelo Herculano Pires.

Por isso, quando, em 1982, organizei a ida pela primeira vez a São Paulo de Edson Queiroz, o novo médium do Dr. Fritz, fiquei satisfeito pelo interesse do Rizzini. Sua opinião seria importante não só por ter escrito um livro e realizado diversas filmagens com o famoso médium de Congonhas do Campo, mas especialmente pelo fato de que ele conhecia profundamente o Espírito do Dr. Fritz.

Rizzini, tanto quanto eu, não estivera na sessão especial de Salvador. Na mesma época do Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, como se sabe, realizava ele o primeiro e grande Festival de Música Mediúnica no Teatro Municipal de São Paulo.

Embora eu estivesse presente no referido congresso,

também não vi o Edson se apresentar na ocasião, por conta de outros compromissos no mesmo evento, mas vali-me das informações da amiga Norma Alcântara, então estudante de jornalismo, que me auxiliava como repórter nos jornais O Semeador, da Federação Espírita de São Paulo, e no Correio Fraternal do ABC. Norma contou-me pormenorizadamente o ocorrido naquela noite, que ela registrou em detalhes, com fotografias, inclusive, e depois relatou em excelente reportagem nas páginas de julho de 1983 do Correio Fraternal do ABC, tendo por manchete: “Edson Queiroz: um novo Arigó?”. Essa manchete serviria de inspiração para o livro que Nazareno Tourinho, pouco tempo depois, escreveria sobre Edson. Nazareno, arguto, transformou a pergunta da jornalista em afirmação e assim intitulou o livro: Edson Queiroz, o novo Arigó dos Espíritos.

De volta a São Paulo, Norma insistiu para que apresentássemos Edson à sociedade paulistana, ao que acedi convencido da força dos fatos.

Rizzini assistiu a todas as cirurgias feitas na Federação de São Paulo, patrocinadora da ida do médium. Na primeira vez que se viu frente a frente com Edson Queiroz em transe, Dr. Fritz encarou-o demoradamente e disse qualquer coisa como: - Olá, você por aqui? Após a sessão, um Rizzini sério e compenetrado aproximou-se de mim e sentenciou: - Este é verdadeiramente o Dr. Fritz.

Inicialmente, Rizzini estava muito desconfiado, dir-se-ia incrédulo mesmo. Havia conhecido inúmeros médiuns que afirmavam receber o irreverente Espírito no período

pós-Arigó. Edson Queiroz foi o primeiro que realmente deu provas da efetiva presença do mesmo Espírito que assombrou o mundo (e escandalizou muitos espíritas...) quando trabalhou com Zé Arigó.

Foi por isso que Rizzini não teve dúvidas em aliar-se aos defensores de Edson Queiroz quando a Associação Médico-Espírita de São Paulo (AMESP) iniciou uma campanha sórdida contra o médium e o Espírito, fazendo reviver em parte a época do médium em Congonhas do Campo. Para tanto, Rizzini assistiu às operações de Edson Queiroz em diversos outros locais também e teve boas conversas com o Espírito operador.

“Não reconheci” – escreveria Rizzini mais tarde – “apenas as características psicológicas do Dr. Adolfo Fritz durante, inclusive, uma conversa íntima que tivemos. Reconheci-o, também, por sua inimitável técnica operatória – técnica *sui generis* que ele empregava através de Zé Arigó e que hoje vem empregando através do médium e médico Edson Cavalcante Queiroz...”¹

Com Rizzini e Nazareno Tourinho formei um trio pró-Edson. Estávamos dispostos a defendê-lo dos céticos. Tal como ocorreu com Arigó, os principais adversários do Espírito não eram apenas os que estavam à margem do Espiritismo, mas, sim, os que se encontravam dentro de suas fileiras.

Eu havia dado ciência ao Rizzini do que ocorrera em

6 Jornal Correio Fraternal do ABC, agosto de 1983.

Salvador, quando certa noite o médium Edson Queiroz se dispôs a atender a alguns pacientes utilizando os salões inacabados daquela que seria a sede do Teatro Espírita de Salvador.

Lá compareceram vários congressistas convidados, Maria Júlia Prieto Peres, diretora da Associação Médico-Espírita de São Paulo, a AMESP, entre eles. Dr. Fritz repetiu com Edson Queiroz o procedimento que adotara por intermédio de Arigó, fazendo algumas cirurgias sem anestesia e assepsia.

Descrevia seus procedimentos e dava explicações sobre o fenômeno. Maria Júlia, que a pedido do Espírito anotava as receitas que ele ia ditando para cada caso, mostrou-se fortemente contrariada com a forma utilizada por Fritz. Um momento em especial deixou-a perplexa: foi quando Dr. Fritz pediu a um dos presentes

que passasse a mão na sola do sapato e depois na cirurgia de um paciente que estava sendo por ele operado. Queria demonstrar que a espiritualidade possui formas de controle que fogem ao conhecimento dos mortais.

Após ouvir de Maria Júlia seu protesto contra o ato, Dr. Fritz, com seu jeito irônico, repreendeu-a por sua incredulidade. E “sujou” o local operado... Maria Júlia abalou-se muito.

*Edson Queiroz em 1983, na
Federação de São Paulo*



Quem também assistiu em Salvador à sessão com Edson Queiroz foi Nazareno Tourinho. Ao contrário de Maria Júlia, Nazareno ficou muito bem impressionado e travou com o médium a partir dali uma grande amizade. Depois, Nazareno passou uma temporada em Recife, realizando um levantamento dos registros das cirurgias mediúnicas feitas até então. Edson operava na Federação Espírita Pernambucana. Daí surgiu o livro Edson Queiroz, o Novo Arigó dos Espíritos, escrito pelo Nazareno e que editamos pelo Correio Fraternal do ABC.

A obra foi saudada por boa parte da intelectualidade brasileira, como o próprio Deolindo Amorim, que registrou em excelente crônica o seu parecer. O prefácio foi escrito por ninguém menos que o pesquisador reconhecido internacionalmente, Hernani Guimarães Andrade.

Aquela primeira passagem por São Paulo projetou nacionalmente Edson Queiroz, mas também aumentou os seus compromissos e dissabores. Até então, seu trabalho se concentrava no Nordeste. Em Pernambuco, o Conselho Regional de Medicina já se mostrava contrariado com suas atividades mediúnicas e tentava cassar o seu diploma de médico.

O nome de Edson Queiroz chegou às televisões. Um grande debate nacional teve início. Rizzini, intimorato, assumiu publicamente sua posição pró Edson no programa do apresentador Flávio Cavalcante, na TV Bandeirantes. Um dos opositores de Edson ali era ninguém menos que o Dr. Oswaldo Gianotti Filho, diretor do Conselho Regional de Medicina de São Paulo, que se

transformou em adversário ferrenho do médium. Com a infeliz colaboração da AMESP, o Conselho Regional de Medicina de São Paulo colocou seu barco nas mesmas águas do seu congênere pernambucano, solicitando ao Ministério Público o início de um processo contra Edson Queiroz. Eu e Rizzini fomos chamados a depor como testemunhas de defesa e foi justamente quando fazíamos o nosso depoimento que tomamos ciência do execrável comportamento da AMESP.

“Os antagonistas de Edson Cavalcante Queiroz” – registraria Rizzini pelas colunas do Correio Fraternal do ABC – “...chegaram ao ponto de fazer uso de mentiras para destruir o médium. Foi o que se viu no programa de Flávio Cavalcante e no comentário publicado na “Folha de São Paulo”, onde se fala em “fauna chamada espírita”.

“Infelizmente” – prossegue Rizzini – “essas forças umbralinas envolveram, também, alguns elementos da Associação Médico-Espírita de São Paulo, e de forma tão avassaladora que seu presidente atual, o radiologista Antonio Ferreira Filho não sentiu escrúpulos em colocar nas mãos de Oswaldo Gianotti Filho (médico não espírita e que vinha polemizando conosco na TV) um relatório contra o médium Edson Queiroz”.

O relatório a que se refere Rizzini reportava-se à sessão pública que Edson Queiroz fizera na Federação de São Paulo e havia sido objeto da contestação que fiz publicar no jornal O Semeador, do qual eu era o responsável, contestação essa que acabou custando-me o cargo por

conta dos interesses diversos contrariados então. Rizzini fez ver as mentiras contidas no relatório da AMESP. Uma delas foi facilmente demonstrada porque a principal personagem envolvida, Márcia Ferreira, era minha colega de trabalho na PLP, empresa multinacional norte-americana do ramo de energia elétrica e telecomunicações. Ao saber que Edson Queiroz estaria em São Paulo, Márcia solicitou-me incluí-la entre os pacientes a serem atendidos, pois estava preocupada com o surgimento de alguns caroços no seio, já naquela ocasião diagnosticados pelos médicos. Dr. Fritz retirou-lhe os nódulos.

O relatório da AMESP dizia que Márcia se contorcia em dores durante a cirurgia, gritara e, inclusive, chegara a desmaiar. Eu, Rizzini e Nazareno havíamos assistido ao ato cirúrgico bem próximos da paciente. Ali estavam também figuras importantes do Espiritismo brasileiro, como o escritor Deolindo Amorim e outros. Deolindo fora, inclusive, atendido no dia anterior. Ninguém viu nem ouviu nada.

Rizzini foi conversar pessoalmente com Márcia Ferreira e esta deu um depoimento por escrito, detalhado, em que contesta todas as afirmações da AMESP, dizendo-se muito feliz, inclusive, com os resultados da cirurgia. Rizzini publicou-o na íntegra em sua matéria de agosto de 1983.

Ei-lo, para registro:

“Eu, Márcia Ferreira, 29 anos, moradora da Rua Síria, nº 204, apt. 23, Tatuapé, nesta Capital, declaro a

quem possa interessar que no dia 01/04/83 fui operada no interior da Federação Espírita do Estado de São Paulo, à Rua Japurá, nº 211, nesta Capital, pelo Espírito do Dr. Fritz, através do médium pernambucano Dr. Edson Cavalcante Queiroz, de um tumor benigno na mama direita, sendo que tal cirurgia foi totalmente gratuita. Exames anteriores à operação atestam a existência do tumor, sendo que não realizei exames posteriores à operação do Dr. Fritz por considerar-me totalmente curada. Quanto ao tratamento dispensado a mim pelo Espírito, foi totalmente respeitoso e percebi muita segurança no trabalho realizado pelo Dr. Fritz. Durante a operação que durou, aproximadamente 25 minutos, sem qualquer tipo de anestesia e após contato de poucos minutos com o Espírito, mantive total consciência, observando seus movimentos e os de sua ajudante, Sônia Queiroz, sem sentir dores. Apenas declaro que ao ser cortada a terceira e última raiz, manifestei reação, pois somente neste momento senti leve sensação de dor. Observei também que ao meu lado havia médicos e jornalistas que, inclusive, efetuaram-me perguntas. Declaro ainda que não houve hemorragia e que a cicatrização do corte efetuada em minha mama direita, de cerca de cinco centímetros, no prazo de 25 (vinte e cinco) dias estava totalmente concluída, sendo que para tanto apenas realizei os curativos normais, conforme orientara Dr. Fritz, tomando a medicação também por ele prescrita. A operação não me custou nenhum repouso extra, sendo que no próprio dia da operação saí caminhando da Federação Espírita

do Estado de São Paulo e, dias após, fui normalmente à feira. Finalmente declaro que o local da operação está totalmente cicatrizado, sendo que, tranquilamente, me submeteria a uma nova operação através do Dr. Fritz, inclusive o recomendo a amigos e parentes”.

Em setembro desse mesmo ano, o Conselho Regional de Medicina de Pernambuco condenou Edson Queiroz à perda do seu diploma de médico. Não só a decisão polêmica mas, também, a forma como o julgamento foi conduzido resultou em escândalo nacional. Rizzini registrou o ocorrido, com a veemência que lhe era peculiar, em reportagem de duas páginas no Correio Fraternal do ABC de outubro de 1983. Uma delas trazia a entrevista que fizera, ainda no Recife, com um dos advogados de Edson, o espírita paraibano Laplace Nunes Cavalcante.

“No dia 12 de setembro o Conselho Regional de Medicina de Pernambuco realizou o julgamento do médico Edson Queiroz... Nem mesmo os jornalistas credenciados tiveram acesso ao tribunal que funcionou nos moldes medievais do execrável Santo Ofício. Julgamento na calada da noite e a portas fechadas”.

Rizzini faz relato pormenorizado da triste sessão: “O esquema de defesa era brilhante, mas todos os argumentos caíram por terra diante da má fé, e da trama dos vinte e um algozes do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco”.

O jornalista arguto que era não deixava passar em branco os sentimentos de que estavam nutridos os respon-

sáveis pelo ato: “Na verdade, o julgamento foi uma farsa. Porque Edson Queiroz foi absolvido pelo que fez e (fato incrível) condenado pelo que não fez”. Passa então a explicar o que de fato ocorreu, ou seja, Edson estava incurso em dois artigos do Código de Ética Médica: anunciar a prestação de serviços gratuitos e atender gratuitamente a pessoas possuidoras de recursos. O CREMEPE via-o não sob o olhar do médium, mas do médico desobediente aos códigos da profissão. Foi destas acusações que acabou absolvido. Com isso, o processo estaria encerrado. Encerrado? Não foi o que de fato ocorreu.

Vejamos ainda em Rizzini:

“Duas infrações, na verdade, ridículas e mesquinhas, pois baseiam-se na gratuidade médica. Mas, temendo a opinião pública, o Conselho pernambucano relevou essas “infrações” e, embora nada mais constasse da denúncia, ao invés de arquivar os autos do processo, o presidente do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, Ney Cavalcante, pediu que os advogados de defesa se retirassem do recinto juntamente com o réu Edson Queiroz... Era a trama pretendida”.

Há pessoas que se indignam com a Justiça. Estes são indignos dela. Há pessoas que se indignam com a injustiça. Estes são, verdadeiramente, dignos da Justiça. Rizzini era um jornalista indignado e seu verbo, então, representava a indignação geral de todos os amantes da verdadeira Justiça. Continuemos com seu relato da sinistra sessão do CREMEPE:

“Os advogados e o médium saíram, mas o assessor

jurídico do CREMEPE ficou. E, minutos depois, foram chamados de volta ao recinto do julgamento os advogados do réu, que ouviram, então, o veredicto”.

Edson, o médico-médium, fora condenado à perda do direito de exercer a sua profissão.

Eis, para surpresa de todos, as bases utilizadas pelos seus algozes: dois artigos que não constavam dos autos e que, portanto, não poderiam ser utilizados, como é palmar em direito e qualquer rábula sabe muito bem. Rizzini os transceve:

1. “Anunciar a cura de doenças, sobretudo das consideradas incuráveis, o emprego de métodos infalíveis ou secretos do tratamento e, ainda que veladamente, a prática de intervenções ilícitas”.

2. “Acumpliciar-se, por qualquer forma, com os que exercem ilegalmente a medicina”.

“Como observam os leitores” – prossegue Rizzini – “a atitude arbitrária do CREMEPE, dando um veredicto sem apoio nos autos do processo e sem dar aos advogados de defesa o direito inalienável da réplica, é um exemplo típico de abuso de poder. Na verdade, essa ignomínia foi tão grande que alguns conselheiros votaram a favor de Edson Queiroz! A náusea era demais...”.

Após concluir seu relato, Rizzini transcreve a entrevista que fizera na ocasião com o advogado Laplace Nunes Cavalcante, um dos três causídicos defensores de Edson Queiroz. Os advogados recorreram da sentença e Edson prosseguiu clinicando.

De sua sede no Rio de Janeiro, numa atitude sem pre-

cedentes em toda a sua história, a Associação Brasileira dos Jornalistas e Escritores Espíritas, Abrajee, publicou uma carta de repúdio ao CREMEPE e à participação no episódio da AMESP. Trata-se de um documento deveras importante, que traz a assinatura de sua diretoria, datado de 1º de outubro de 1983, assim escrito:

“Ao movimento espírita

“Em virtude dos recentes acontecimentos envolvendo as atividades mediúnicas do médico pernambucano Edson Cavalcante Queiroz, que culminaram com sua condenação pelo Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, a Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (Abrajee) vem a público para esclarecer o seguinte:

“1º) É do dever da imprensa espírita noticiar todos os fatos de interesse do movimento espírita, publicando-os na forma como eles efetivamente acontecem.

“2º) A Abrajee apóia a ação dos jornalistas espíritas que vêm realizando o seu trabalho de informar ao público sobre as operações mediúnicas do Dr. Edson Cavalcante Queiroz, não reconhecendo os argumentos daqueles que procuram de alguma forma lançar dúvidas sobre a honorabilidade ou a capacidade daqueles jornalistas de bem desenvolverem suas atividades.

“3º) A Abrajee apóia, também, os escritores espíritas que se dispuseram a estudar, analisar, pesquisar e publicar

obras visando mostrar ao movimento espírita brasileiro os resultados de suas observações relativas ao médico-médium Edson Cavalcante Queiroz.

“4º) A Abrajee reconhece o valor das opiniões especializadas e sua importância como elemento de esclarecimento das técnicas cirúrgicas e curas médicas. Não aceita, porém, que essas opiniões sejam emitidas, no caso da mediunidade cirúrgica ou de cura, sem o fortalecimento do estudo, da observação e da análise dos fatos, como o exige a moderna ciência.

“5º) A Abrajee expressa de público seu protesto contra a decisão do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, que condenou o médico-médium Edson Cavalcante Queiroz, aplicando-lhe a pena máxima de cassação de seu registro profissional, numa ação que violou os mais simples princípios de justiça e fez reviver os julgamentos inquisitoriais de nefasta memória.

“6º) A Abrajee protesta, também, contra a participação indireta mas decisiva, no julgamento, da Associação Médico-Espírita de São Paulo (Amesp), considerando tal participação altamente prejudicial não apenas ao médico-médium mas a toda a coletividade espírita brasileira, principalmente quando se esperava dessa entidade um comportamento de acordo com os preceitos doutrinários espíritas e os métodos científicos que o caso comporta.

“7º) Finalmente, a Abrajee manifesta integral apoio ao médico-médium Edson Cavalcante Queiroz, na certeza de que a dupla injustiça de que foi vítima não será obstáculo ao prosseguimento de suas atividades, em bases

sólidas de honestidade e desprendimento humano, como tem sido até aqui”.

Vamos agora retroceder um pouquinho.

Logo que surgiram as primeiras manifestações entre os espíritas, AMESP à frente, contra o trabalho do médium Edson Queiroz, publiquei extenso artigo no Correio Fraternal do ABC intitulado “Futuro é dos médicos-médiuns, afirma Kardec”. O Codificador não só via com esperança a mediunidade entrando nos consultórios médicos como, também, mostrava com lógica como a medicina e a sociedade se beneficiariam disso. Os companheiros da editora resolveram transformá-lo em opúsculo e fizeram distribuir cinco mil exemplares dele, totalmente de graça.

Quando a polêmica Edson Queiroz já estava na TV, resolvemos patrocinar pelo jornal O Semeador um debate sobre o assunto dentro da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Debate a portas fechadas para ser publicado posteriormente. Devidamente registrado em fita cassete. Deveriam participar os principais envolvidos na questão, inclusive o adversário, Dr. Oswaldo Gianotti Filho. De fato, estiveram presentes, entre outros, Nazareno Tourinho, Ney Prieto Peres e o referido médico. Instantes antes de começar o debate, Rizzini recusou-se a participar. A razão – deixou-a bem claro – era a presença do médico Gianotti. Rizzini alegou que não poderia aceitar uma pessoa que considerava mal intencionada dentro de uma casa espírita, justamente para depor contra seus princípios doutrinários. Dito isso, retirou-se!

Pouco tempo depois, com a minha saída – e a de

quase toda a minha equipe do jornal O Semeador, o jornal Correio Fraternal do ABC, onde também eu militava desde 1976, constituiu-se na principal tribuna de defesa de Edson Queiroz. É preciso registrar que todas as minhas participações na imprensa espírita, como editor e responsável legal, nunca tiveram caráter profissional, pois se deram na condição de colaborador.

Tornou-se pública a nossa adesão ao médium. Tínhamos, Rizzini, Nazareno e eu, com Edson um compromisso de condução das atividades mediúnicas de forma clara, transparente e dentro dos princípios morais preconizados por Kardec: gratuidade absoluta dos serviços do médium e isenção total quanto a interesses pessoais de qualquer ordem.

Desnecessário dizer que Edson estava plenamente de acordo por ser um espírita de berço e, portanto, de formação moral indiscutível. Pertenceu à mocidade da Federação Espírita de Pernambuco, cresceu entre os seus adeptos, lutou denodadamente para formar-se em medicina – disse-me que chegou a vender enciclopédias de porta em porta para custear os estudos – e conhecia muito bem a doutrina de Kardec.

Não era novidade, portanto, que os centros espíritas, e mesmo pessoas isoladas, interessadas em ter o médium se dirigissem a um de nós para fazer a solicitação. Quando podíamos, fazíamos a intermediação entre eles. Em muitas dessas ocasiões, estivemos juntos com Edson, inclusive numa célebre sessão realizada em Montevideu, Uruguai, a convite da TV local.

Viviam os uruguaiois sob o regime ditatorial de modo que a sessão foi feita em um local reservado e dela participaram cerca de duas dezenas de médicos convidados. A gravação foi passada em rede nacional uma semana após sua realização.

Entretanto, é bom que se diga, a maioria dos convites era feita pelos interessados diretamente a Edson Queiroz. Acompanhávamos, de perto ou à distância, quase tudo o que se passava com ele. Elogios e críticas, tudo nos chegava. Algumas reclamações fundamentadas referentes à sua conduta pessoal começaram a avolumar-se.

Marcamos com Edson uma reunião. Como ele havia aceitado atender a um pedido que me chegou de amigos de um centro espírita da cidade de Registro, no Vale do Ribeira em São Paulo, a ocasião apareceu.

Fui ao Aeroporto de Congonhas, juntamente com o Rizzini, para pegar o Edson que vinha de Recife e levá-lo de carro até Registro. No trajeto, expusemos o assunto para Edson, inclusive a veracidade probatória dos fatos. Edson reconheceu, com humildade, os seus erros e comprometeu-se a não mais reincidir neles. Esta era a senha para que continuássemos apoiando-o.

Algum tempo depois, Rizzini, Nazareno e eu fizemos nova análise da situação e verificamos que devíamos encerrar nosso apoio a Edson Queiroz. A conclusão era de que ele não conseguiria superar as facilidades que o caminho apresentava, comprometendo a luisura do seu trabalho mediúnico.

Demos ciência primeiramente ao Edson sobre nossa

decisão e, posteriormente, publicamos no jornal Correio Fraternal do ABC a seguinte nota:

“Comunicado sobre o médium Edson Queiroz

A fidelidade aos princípios filosóficos codificados por Allan Kardec e o elementar critério de honestidade que a prática do jornalismo doutrinário nos impõe, colocam-nos na penosa obrigação de divulgar a presente nota informando aos companheiros de ideal espírita, e a quem mais interessar possa, o imperioso rompimento de nossa ligação com o médium Edson Cavalcante Queiroz, a quem defendemos de numerosos ataques até algum tempo atrás injustos.

Como sempre fomos contra o exercício da mediunidade em proveito próprio, ou, falando mais claro, em troca de dinheiro direta ou indiretamente, estaríamos bem à vontade para citar os motivos e os fatos que nos levaram a assim proceder, inclusive esclarecendo como, porque, quando e onde advertimos o referido médium sobre nossa discordância do seu comportamento, recebendo dele uma promessa de mudança infelizmente não cumprida.

Cremos, porém, ser melhor encerrar sem outras palavras este triste assunto, entregando-o à sábia e soberana Justiça Divina, com a consciência em paz pelo dever cumprido e o coração confortado pela certeza de que a causa do Espiritismo estará sempre acima das fraquezas e paixões humanas. Em 6 de agosto de 1986.

Wilson Garcia, Jorge Rizzini, Nazareno Tourinho”.

Quando recebi a notícia da morte trágica de Edson Queiroz, eu estava na tribuna da “Casa do Caminho”, conhecida instituição espírita sediada em Juiz de Fora, Minas Gerais. Participava ali de um evento que seus dirigentes costumavam fazer anualmente.

A notícia chegou-me por um bilhete escrito à mão, dando conta de que o médium acabara de falecer em Recife, poucos minutos antes. Junto, uma pergunta: como eu poderia descrever a personalidade do médium e sua morte. Queriam, na verdade, confirmar uma possível inexorabilidade nos portadores da mediunidade de cura do tipo Edson. Arigô havia morrido em acidente automobilístico, Edson acabara de ser assassinado por seu próprio caseiro. A tragicidade dos fatos e sua circunstancial semelhança não funcionam na vida real como o roteiro de uma peça teatral, onde o concreto é representado por seqüências predeterminadas.

A vida humana está submetida a uma complexa rede em que as inteligências constroem os contextos quase sempre no andamento do tempo. O espaço da vida não é, senão por analogia e falta de melhor comparação, o palco do teatro, onde o real é, sim, antecipado pelo roteiro.

Em última palavra, a mediunidade não determina tragédias; a vida do ser humano, esta sim, inscreve suas diversas tragédias porque, em geral, são elas que lhe darão o toque de transformação da personalidade a caminho das estrelas...

14 PERSONALIDADES E PENSAMENTOS

Rizzini era avesso a muitas idéias que vicejam na geografia espírita. E não fazia questão de esconder o seu pensamento. Antes, combatia tais idéias sempre que lhe parecia necessário ou oportuno. Concordávamos com umas, divergimos quanto a outras. Mas conversávamos constantemente sobre todas. Quando não gostava das que eu defendia, olhava-me de soslaio, desconfiado... Jamais, em momento algum, porém, colocou qualquer obstáculo à nossa amizade por conta dessas diferenças.

Divergir de pensamento implica, quase sempre, divergir quanto às amizades. Se adotarmos determinada linha de pensamento, a afinidade decorrente daí pode conduzir às relações interativas, ao intercâmbio comunicacional.

Rizzini possuía amizade com pessoas que não me eram afetas e vice-versa. Ríamos às vezes dessas situações, mas não passávamos dos limites do respeito às diferenças. Isso significa jamais exigir do outro que abdique de algo como condição da amizade.

O movimento CIMA, da Venezuela, com o psicólogo Jon Aizpúrua à frente, a CEPA, sua origem na Argentina e o bom desenvolvimento que passou a ter no Brasil, o

chamado Grupo de Santos, com o também psicólogo Jaci Régis como um dos seus principais expoentes, todos estes movimentos que possuem algumas características comuns, como a defesa do laicismo e a postura de livres pensadores de seus membros, eram vistos com reserva por Rizzini.

Certa ocasião, ao retornar de uma viagem à Venezuela, fez ele questão de expressar sua opinião a respeito dos seus sentimentos sobre o movimento CIMA. Naturalmente crítico, de condenação à sua postura laica e à história da fundação daquela sociedade.

É preciso entender a linha de pensamento de Rizzini para compreender sua atuação em casos dessa natureza. E aí entra sua ligação com Herculano Pires, que ultrapassava a simples amizade. Rizzini tinha enorme admiração por Herculano, como sempre deixou público e mais uma vez reforçou com o excelente livro biográfico daquele que denomina o tempo todo de mestre. Em várias circunstâncias, pode-se dizer que a recíproca era verdadeira, isto é, Herculano também tinha por Rizzini grande admiração. Prefaciou todos os seus livros psicografados, atestou, inequivocamente, a realidade de sua condição mediúnica, participou de vários debates ao lado de Rizzini contra adversários do Espiritismo e conviveu com ele em regime de intimidade familiar e literária.

Ora, a visão doutrinária de Herculano assenta-se no tríplice aspecto da doutrina de modo muito claro e objetivo: vê o Espiritismo como ciência, filosofia e religião. É absolutamente impossível alterar essa realidade

piresniana, para me aproveitar da definição de Mariotti. A religião para Herculano, contudo – reforço o que disse anteriormente – não guarda o “cheiro de sacristia” que tomou conta de boa parcela dos espíritas brasileiros.

Por isso, é até aconselhável analisar o pensamento religioso de Herculano para que se verifique o seu alcance e não se o coloque nos estreitos limites do religiosismo ingênuo, como muitas vezes ocorre. Vide meu livro *Kardec é Razão*.

Com Rizzini alinhado a Herculano, a diferença de dez anos entre os dois (Herculano nasceu em 1914 e Rizzini em 1924), diferença essa que em certo momento tornava-se evidente, com o tempo deixou de ser importante.

Havia situações em que Rizzini se destacava mais que Herculano, principalmente quando o assunto era a TV. Ali, a experiência de Rizzini era incontestável; diante das câmeras, Herculano era um pouco mais sereno e por temperamento agia como professor, enquanto Rizzini era enérgico, de uma virilidade quase indomável durante os debates. Isto levou Herculano a reconhecer e a elogiar o parceiro em cartas aos amigos, como se pode ler tranquilamente na biografia de Herculano escrita por Rizzini.

Vale a pena registrar este trecho da carta que Herculano Pires¹ escreveu a Carlos Imbassay sobre sua participação em seguidos debates na TV ao lado de Rizzini: “É um inferno em vida! Mas o Rizzini me disse que a nossa dupla é do barulho e que pode vir até o próprio Diabo em pessoa! O rapaz é corajoso e eu o acompanho o quanto posso”.

Herculano respeitava, portanto, o amigo, o que não significa não tenha agido em determinadas ocasiões para conter os ímpetos de Rizzini e acalmá-lo quando necessário. Rizzini não me escondia isso, nem se sentia constrangido, nestas ocasiões, com aquele que considerava um missionário, a ponto de classificá-lo como “o apóstolo de Kardec”. Aceitava com tranqüilidade a ascendência intelectual e moral do amigo, orgulhava-se de ter vivido com ele outras experiências no corpo físico, não via no Espiritismo brasileiro outro que pudesse ter igual soma de virtudes, embora reconhecesse haver aí grandes inteligências.

Mas Rizzini pensava por si, não era pessoa de deixar-se facilmente guiar por outrem, embora a linha de pensamento de Herculano fosse por ele admirada e tomada por orientação.

Contrariando aqueles que porventura possam classificá-lo como um discípulo obcecado pelo mestre, é preciso deixar claro que Rizzini refletia sobre a totalidade e as particularidades da obra de Herculano, tendo sobre ela uma visão crítica capaz de entender seus pontos fortes e fracos. Ainda me recordo da ocasião em que, talvez após publicarmos pelo Correio Fraternal o livro de parceria entre Clóvis Ramos e Humberto Mariotti, com Ramos analisando a poesia de Herculano e Mariotti a sua filosofia, Rizzini me haver confidenciado que a obra poética do mestre e amigo era seu lado menos destacado em relação aos demais aspectos. Esclareça-se, contudo, que esta opinião de Rizzini não significava, para ele, dizer

que a poesia piresniana fosse desprovida de valor, pelo contrário, a opinião revelava tão somente sua capacidade de analisar criticamente a obra invejável que Herculano deixara.

A idéia de religião de Rizzini era a mesma de Herculano, sem o religiosismo ingênuo. Por isso e pela própria história construída por Rizzini, que se desdobrou na Roma antiga e atravessou os séculos, a figura de Jesus ocupa lugar central em suas preocupações como ser humano, escritor e médium. Sempre que pode, Rizzini vai homenagear a figura que, na vida vivida em Roma, lhe teria sido apresentada por Herculano. A revelação desta vida fora tornada pública por Rizzini em diversas ocasiões e registrada na biografia de Herculano.

Portanto, sempre que as idéias de Herculano estão em discussão ou sofrem crítica direta ou indireta, Rizzini assume a posição de defesa e depois passa ao combate. Ao anotar que Herculano era de uma paciência admirável e só se abatia quando surgia alguém a contrariar os princípios espíritas, Rizzini está naturalmente falando de uma virtude que o sensibiliza. “A serenidade” – afirma Rizzini – “era o seu estado normal. Só uma coisa poderia afetar-lhe a paciência ou causar-lhe até indignação: um líder espírita escrever disparates ou com o comportamento a comprometer a Doutrina. Então, o mestre empunhava a pena e com vigor punha os pingos nos ii...”¹ A postura

1 J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec, p. 214.

de Herculano vai ser repetida constantemente por Rizzini pelas mesmas razões, mas a seu modo e estilo. Há outra linha a ser notada aí: a que liga Herculano a Kardec. Não se pode esquecer que o apóstolo e o Codificador, para Rizzini, estão também em sintonia perfeita, se assim se pode dizer. Portanto, a crítica das idéias de um é, quase sempre, a das idéias do outro. A conseqüência disso para Rizzini é de obrigatoriedade de defesa dessas idéias que são, elas mesmas, portadoras de um significado maior: a verdade.

Ora, quando o laicismo da CIMA e da Confederação Espírita Pan-americana (CEPA) assume a contestação do aspecto religioso do Espiritismo praticado no Brasil e o coloca como uma grande distorção interpretativa do Espiritismo, para Rizzini é a verdade e não apenas o religiosismo que está em jogo. Os expoentes laicos entendem o Espiritismo como Filosofia, Ciência e Moral em contraposição ao entendimento piresniano de Filosofia, Ciência e Religião.

Herculano opta pela Religião, entendendo-a como um campo que comporta a Moral, e chega mesmo, em algum momento, a culpar o laicismo pela ausência do ensino da Moral nas escolas, a contribuir para a falta de melhores bases sociais. A educação falha aí e os laicos teriam para Herculano grande parte de culpa por isso. Os laicos em geral, e não os laicos espíritas.

Rizzini está atento a tudo o que se passa e se publica na imprensa doutrinária, em especial às idéias daqueles que cumprem o papel, assinalado por Herculano, de

apresentar novidades sem base de sustentação em Kardec. Em suas preocupações está também a mídia em geral, sobretudo quanto aos temas que atingem diretamente o Espiritismo.

Outro aspecto imperdoável para Rizzini é a mediocridade transmutada em saber, que muitas vezes encobre a vaidade de médiuns, dirigentes e freqüentadores, atingindo ainda a alguns ditos intelectuais. As distorções doutrinárias ou qualquer interpretação mais arrojada é sinal de que algo precisa ser feito para denunciar os seus artifícios e defender a verdade, mantendo assim o que se convencionou chamar de pureza doutrinária.

A morte de Herculano, em 1979, completa um vazio que já vinha sendo aberto com o desaparecimento de outros intelectuais espíritas, como Carlos Imbassahy (sempre que se refere a ele, Rizzini gosta de registrar que se trata do pai, para evitar confusões com o filho, Carlos de Brito Imbassahy, de quem discorda ideologicamente), Pedro Granja e outros. Após Herculano, restaria como de maior destaque apenas Deolindo Amorim, que também partiria cinco anos depois, em 1984.

“Hoje – assinalaria Rizzini em 2007 – parece que o movimento espírita cresceu, mas por outro lado, ele está mais pobre. Claro que tem alguns elementos valorosos, mas ainda muito distantes de um Herculano, de um Imbassahy, de um Deolindo Amorim etc.”.

O reconhecimento por Rizzini de que o movimento cresce e dispõe de alguns bons pensadores, “valorosos” no dizer dele, não preenche as necessidades de um movi-

mento pujante como o construído pelas inteligências há pouco desaparecidas. O significado disso é maior do que a simples menção, pois expressa que o “sentinela da verdade” não pode se distrair nem deixar-se enganar. A possibilidade do aparecimento da má interpretação doutrinária lhe parece um perigo sempre presente.

O seu livro ainda não editado “A Verdade sem Véu” – Rizzini o colocou em minhas mãos, ainda na forma de originais – nada mais é do que a sua resposta a diversas situações conflituosas, que Rizzini considerou prejudiciais ao Espiritismo. São matérias jornalísticas críticas às ações de médiuns, dirigentes e escritores que cometeram, segundo Rizzini, suas diatribes em nome de uma doutrina cujo conteúdo exige atenção e, acima de tudo, respeito, porque está, como assevera sempre Rizzini, acima do próprio ser humano.

Veja-se, por exemplo, o que diz na referida entrevista de 2007:

“Hoje tem pessoas que entram no movimento espírita e já se julgam mestres, já se julgam grandes psicógrafos e grandes médiuns pintores, e não são nada disso. Todos somos aprendizes da Doutrina Espírita, que é muito profunda e abarca todas as áreas do conhecimento. Isso tem que ser pesquisado, exige tempo. E pessoas já entram julgando-se grandes médiuns, e a mistificação prolifera por causa disso.

Hoje, você vai a uma livraria espírita e, sinceramente, 80% dos livros novos que têm surgido são obras que até fazem mal para a Doutrina porque, além de não ter valor

doutrinário, não tem valor literário”.

Essa postura crítica, natural no profissional do jornalismo que era, foi levada por Rizzini às reflexões que desenvolveu nas atividades doutrinárias. A veia do polemista é quase uma questão genética. Seus embates iniciais se deram fora do meio e direcionaram-se aos chamados adversários do Espiritismo. Assim foi no famoso caso Arigó e com Otília Diogo e Chico Xavier nas materializações de Uberaba.

Depois bateu ele de frente com Quevedo, um parapsicólogo meio às avessas. Apareceu, ainda, o Dr. Oswaldo Gianotti Filho, quando do evento Edson Queiroz, mas esse tempo já era, pode-se dizer, de transição, por que Rizzini restringiu-se nos últimos anos praticamente aos acontecimentos internos do movimento espírita.

Ainda no mesmo depoimento registrado pela revista Universo Espírita, Rizzini afirma para deixar perfeitamente claro o seu pensamento:

“Tem uma meia dúzia de confrades que se beneficiam, ficam mancomunados com os delitos doutrinários, porque no fundo o que comanda essa farsa é a hipocrisia. Para se dar bem com todo o mundo, essa meia dúzia de pessoas não denuncia – e, também, não gosta de quem denuncia a mistificação. Não vou aceitar mistificação. Quem aceita mistificação, não aceita 100% a Codificação, aquelas mensagens maravilhosas que Kardec reuniu. O indivíduo que conhece a Doutrina, que a respeita, a ama, não pode conviver com uma mistificação, ficar quieto. Já fiquei chocado muitas vezes ao descobrir que “fulano”

mistificava. Dizia: “Nossa até tu Brutus, comete um crime desses!”. Denuncio. Um crime não pode ficar oculto. O movimento espírita tem o direito de saber o que está acontecendo de bom e de mau, porque se ficar quieto, o indivíduo charlatão vai iludir o movimento espírita em geral. É preciso evitar que esse indivíduo cometa esse crime. Como dizia o Chico: “Alguém tem que varrer a sujeira”. Pego a vassoura e vou varrer a sujeira, limpar a casa. Agora, certas pessoas não gostam, preferem o mau-cheiro da sujeira”.

Neste processo, a proximidade ou a distância de Rizzini para o autor da mistificação ou da idéia a combater importa muito pouco, ou seja, tem ele como parâmetro de atuação o compromisso com o que compreende por verdade. Qualquer grau de intimidade porventura existente permite, quando muito, um diálogo prévio, mas dificilmente funciona na base de impeditivo para a exposição pública da sua opinião.

Exemplos existem muitos. Quando Altamirando Carneiro, seu amigo, publicou em 1993 o livro *Castro Alves e o Espiritismo* repleto de falhas, Rizzini apontou-as em matéria jornalística contundente. Eram, segundo ele, nada menos do que oitenta erros numa pequena brochura sobre o vate brasileiro.

Registre-se, porém, que os dois não se tornaram inimigos, nem mesmo o autor contestado tomou qualquer iniciativa para se defender perante o público. Ao contrário, mantiveram o relacionamento até o fim da existência física de Rizzini. Apesar de ter colocado Altamirando

em situação constrangedora, Rizzini revelava por ele na intimidade um grande afeto, fato que se repete em outros casos semelhantes.

A polêmica travada com Dora Incontri tem ingredientes semelhantes; por diversas vezes, esteve com ela, inclusive em sua residência (ali estivemos juntos na ocasião).

Rizzini reconhecia nela uma inteligência indiscutível, mas considerou conflituosos seus pensamentos a partir de determinada ocasião, bem como não aceitou a autoria de mensagens mediúnicas de conhecidos espíritas que Dora fez publicar.

15 COLCHA DE RETALHOS. OS MATIZES HUMANOS

O indivíduo é um ser complexo e as revelações do Espiritismo sobre sua vertente espiritual, se por um lado auxiliam enormemente na compreensão de parte dessa complexidade, por outro ampliam a dimensão das individualidades, atribuindo-lhes outras complexidades mais. Isto significa que o domínio do ser e de tudo que envolve sua intimidade prossegue como um grande desafio.

Até mesmo as relações íntimas mais prolongadas e profundas são insuficientes para um alcance amplo da mente humana, de modo a conhecê-la na totalidade. O que se recolhe dessas convivências não passa de retalhos capazes de formar um todo, mas não uma realidade total. Rizzini, visto à distância pela maioria, era uma imagem ora em branco e preto, ora em sépia. As cores que o emolduravam raramente se mostravam em sua real textura. Para tanto, seria preciso aproximar-se de sua intimidade, mas esta aproximação depende de fatores que nunca estão disponíveis para os espectadores da imagem.

Um detalhe sempre me chamou a atenção em Rizzini: sua capacidade de separar o homem de suas idéias. Isso será uma surpresa para a maioria das pessoas que o co-

nheceram apenas através das ondas hertzianas, da TV ou das fotografias mal impressas. Muitos o conheceram como polemista e nisso ele foi recordista: polemizou até mesmo quando chegou à soleira da derradeira porta.

O polemista, contudo, que Rizzini era, podia debater com seus oponentes uma noite inteira em termos os mais ríspidos imagináveis, mas era também capaz de abraçá-los ao final do embate, fosse qual fosse o resultado. Um jovem repórter, entrevistando certa vez Rizzini, ficou admirado de um caso por este contado sobre uma polêmica travada com Quevedo, o padre meio parapsicólogo, adversário das idéias espíritas. O debate aconteceu na TV e Rizzini, já nos bastidores após o término do programa, disse a um Quevedo arredio: - Venha cá, me dê um abraço!

Atitudes dessa natureza assisti várias com Rizzini, mas não as vi em muitos outros que proclamam das tribunas com vigor o amor como forma de solução dos problemas humanos e sociais. Rizzini tinha um aspecto extraordinário de sua personalidade pouco conhecido. A fama o fez deitar na cama, mas o colchão era muitas vezes de prego, como o do faquir. O polemista nato vai do amor ao ódio da platéia, conformando-se às simpatias ou antipatias formadas pela complexidade dos espectadores em ação. Para boa parte dos que o conheciam, Rizzini era tão somente o polemista irascível.

Com Quevedo polemizou inúmeras vezes, de modo que se conheciam muito bem. Contava-me das sagacidades daquela mente clerical disfarçada de pesquisador das ciências do espírito, cujo móvel central (e inglório,

bem se vê!) era destruir o Espiritismo. Rizzini conhecia suas artimanhas e costumava pô-las à mostra diante das câmaras da televisão, com uma virilidade quase mortal. Mas não o odiava, antes entendia suas idiossincrasias...

Contava-me um pouco dos bastidores do programa “Quem tem medo da verdade?”. Disse-me, por exemplo, que antes do programa com o pugilista (e depois espírita) Éder Jofre, informou a este sobre o que o programa lhe reservaria e questionou-lhe se ainda assim estava disposto a enfrentar o júri.

Ocorre que diante das câmaras de TV haveria uma grande encenação, mesmo quando verdades e mentiras estivessem sendo postas à mostra, numa articulação que busca apenas dominar a audiência. O espectador raramente percebe o jogo.

A imagem de TV, como a de cinema, tende a ser vista como expressão da realidade, mas não passa de representação. No caso do programa em foco, trata-se de dupla representação: a dos atores em cena e a da cena imitando a realidade. Havia um *script* básico pronto a ser seguido, o resto ficava por conta das circunstâncias e da presença de espírito dos atores. Do outro lado, diante da tela, um público a emocionar ao máximo limite. Éder Jofre, ainda assim, optou por enfrentar o simulacro de júri.

O caso Dora Incontri – Em algumas situações, Rizzini e eu divergimos. Uma delas narrei atrás, no capítulo “Um japonês impostor”. Outra se deu com a polêmica entre ele, Rizzini, e a médium e depois doutora em educação, Dora Incontri.

Conheci-a quando respondia pela área editorial da Editora Correio Fraternal do ABC, ocasião em que me foi apresentada juntamente com sua saudosa genitora.

Dora era então uma jovem que logo depois se tornaria estudante de jornalismo. Havia conhecido Herculano Pires e freqüentado as reuniões que o professor realizava na garagem de sua casa. Quando ela me apresentou os originais do livro *Imortais da Poesia* e narrou a história de sua captação mediúnica fiquei muito bem impressionado.

Considere importante ouvir a opinião do Rizzini, que eventualmente encontrara-se com Dora alguma vez nas sessões de Herculano. Ele não a conhecia, porém.

Rizzini ficou com os originais por alguns dias e depois nos devolveu afirmando nada ter contra a sua publicação. Preparei a edição do livro, escrevi ligeira apresentação em nome da editora, mandei fotografar uma rosa vermelha em sua haste, apliquei-a sobre um fundo na cor prata e a Editora Correio Fraternal do ABC o publicou.

O amigo comum Hélio Rossi, jornalista e admirador dos grandes poetas fizera o prefácio¹.

Livro de poesia não tem venda certa no mercado brasileiro. Menos ainda no mercado espírita. O editor comprometido com a doutrina de Kardec, porém, deve funcionar sob uma consciência diferente, em que a obra mediúnica de qualidade é subsidiada pelos livros de vendagem mais fácil. Esse o critério adotado por nós do

¹ Sobre Hélio Rossi, ver meu livro "Vidas – Memórias e Amizades", edição Eldorado/EME.

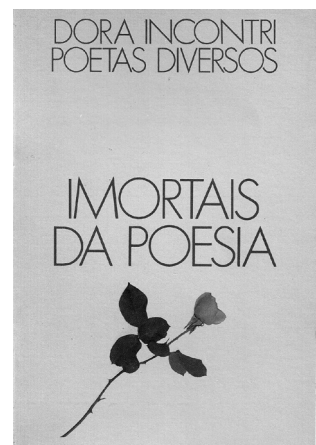
Correio Fraternal do ABC. De fato, a venda do livro da Dora foi pequena, como muitos outros de poesia que publicamos, mas isso não constituía problema. Anos depois, Rizzini mostrou-se visivelmente contrariado com o comportamento e as opiniões de Dora Incontri manifestadas na imprensa. Tomou a resolução de contestá-la e, para tanto, dispôs-se a analisar sua obra mediúnica, o livro *Imortais da Poesia* aí incluso.

Conversamos durante o processo. Fiz-lhe ver a questão dos originais do livro, que tivera em mãos antes mesmo da publicação. A mim, não parecia razoável a atitude de Rizzini, contudo, não me deu ele ouvidos, afirmando-me que somente então pudera ter da obra uma visão melhor.

Nutria, pois, sérias razões para contestar a qualidade poética das personalidades psicografadas. O mesmo se aplicava, disse-me, à prosa mediúnica (publicada na imprensa por Dora, posteriormente ao livro), apresentando a autoria de nomes consagrados que Rizzini não aceitava.

A crítica de Rizzini foi publicada pelo Jornal Espírita, então editado pela LAKE, e depois contestada pela Dora, com direito a tréplica. Mais tarde, caiu no silêncio.

O livro de Dora, que Rizzini aprovou, seria depois por ele condenado.



Jamil Salomão e a Feesp – A célebre polêmica que Herculano Pires travou com os diretores da Federação Espírita de São Paulo, repito-o, teve em Rizzini um apoio decidido. Pela imprensa, no programa que mantinha na Rádio Boa Nova, em Guarulhos, e nos encontros pessoais com os diretores da Federação, encontros esses às vezes intensamente acalorados, Rizzini cobrava o comportamento e defendia Herculano.

O vigor quase românico com que nestes instantes agia contrastava com a tranqüilidade do homem depois da contenda. Rizzini abraçava a todos e o que poderia parecer um comportamento gerado pela falsa aparência era, na verdade, a expressão sincera de sua personalidade. Repito, ainda, poucos são os seres capazes de um agir tão expressivo neste particular.

Jamil Salomão, a quem já me referi atrás, era diretor da Federação Espírita de São Paulo e foi por ele que conheci Rizzini. Este é um detalhe interessante. Apesar de terem opiniões opostas em muitas coisas – o caso da adulteração do Evangelho Segundo o Espiritismo é um deles, pois Jamil participou diretamente do projeto e da decisão de publicar a tradução – eles conviviam em regime de amizade. Estavam constantemente juntos.

Foi com o aval de Jamil, então diretor da Federação de São Paulo, que Rizzini publicou a segunda edição de sua “Antologia” pelo selo editorial da Federação. E outras atividades conjuntas realizaram ao longo do tempo. Rizzini não abria mão das próprias opiniões, não as trocava por apoio de qualquer espécie, mas também não se negava

a conviver com os diferentes em regime de respeito e, às vezes, como se vê, de verdadeira parceria.

Jamil Salomão participaria ainda de outras realizações comandadas por Rizzini, como na feitura dos discos com a história dramatizada de Allan Kardec e Chico Xavier. Quando Jamil Salomão trocou sua residência na capital paulista pela cidade de Americana, no interior do estado, convidou-nos para estar lá em atividades espíritas inúmeras vezes, a mim e ao Rizzini. A noção, contudo, que Rizzini tinha da verdade, bem como dos compromissos pessoais com a doutrina espírita, o levaram a atitudes drásticas em relação aos amigos e parceiros.

É o que se pode conferir em relação a Jamil Solamão. A participação deste na chamada “adulteração do Evangelho” era um fato inesquecível para Rizzini. Portanto, ao relatar o episódio no livro biográfico de Herculano Pires, Rizzini não poupa a participação decisiva de Jamil Salomão. Apesar de haver realizado inúmeros trabalhos com aquele, apesar da amizade que os unia, entendia Rizzini que a verdade estava acima de qualquer coisa.

Trata-se de uma postura própria da personalidade rizziniana. Outros, em semelhante situação, talvez assumissem conduta diferente, protetora da amizade, deixando a questão esquecida ou relegada ao tempo ou, quem sabe, reduzindo o seu peso.

Rizzini, não. Para ele, qualquer prejuízo pessoal resultante dessas atitudes era menor do que o cumprimento daquilo que considerava seu dever.

Note-se que o capítulo sobre a adulteração do Evan-

gelho (hoje em dia incompreensível para muitos espíritas) foi por ele considerado de tal importância que o reservou para o final do livro biográfico de Herculano Pires. Jamil Salomão, é verdade, teve tempo de conhecer o livro, pois veio a falecer pouco mais de um ano depois, na cidade de Americana, interior de São Paulo. Não se manifestou, publicamente, porém.

É preciso registrar que, apesar do episódio, Rizzini reconhecia em Jamil Salomão grandes qualidades e uma delas residia, exatamente, na identidade de pensamento entre os dois em relação a inúmeros assuntos, bem como a ações diversas no campo de divulgação da doutrina.

Havia um tema, contudo, muito grato a Rizzini, que gostava de elogiar em Jamil Salomão: a luta deste para tornar conhecidos (luta que, infelizmente, não teve o resultado pretendido) os documentos até hoje recolhidos ao acervo de Canuto de Abreu, em que Kardec registra a sua profunda insatisfação com Jean-Baptiste Roustaing. Jamil Salomão teve em mãos esses documentos, mas não logrou convencer Canuto de Abreu a publicá-los, apesar das inúmeras tentativas feitas nesse sentido.

Trata-se de cartas escritas por Kardec e endereçadas a Léon Denis. Jamil Salomão, porém, registrou o fato em artigos na imprensa, dizendo, entre outras coisas, que Kardec na carta trata Roustaing como o “Judas do Espiritismo”. Admirava Rizzini em Jamil Salomão, também, a grande capacidade deste de relacionar-se com o mundo artístico, bem como de colaborar, com grande discrição, com diversas obras sociais.

Suas relações com artistas permitiram inúmeras ações no campo da divulgação do Espiritismo e Rizzini serviu-se de Jamil Salomão para produzir as histórias dramatizadas de Kardec e Chico Xavier. Foram eles, pois, parceiros e adversários ao mesmo tempo e durante todo o tempo.

Wantuil de Freitas e a FEB – Outro fato curioso nesta mesma linha foi o que ocorreu por ocasião do lançamento, por Rizzini, da revista infanto-juvenil *Kardequinho*, de vida curta. Diga-se de passagem, única no gênero.

Todos sabem da opinião contrária de Rizzini sobre a questão Roustaing, que a Federação Espírita Brasileira sempre defendeu. No entanto, e Rizzini sempre me dizia isso, o melhor apoio para a revista ele tivera daquela Federação, na pessoa do seu então presidente, Wantuil de Freitas, que mandou adquirir e distribuir boa quantidade de exemplares. De outras instituições, nada...

O projeto nasceu da coragem de Rizzini, que ambicionava dotar o espiritismo de um veículo de qualidade destinado ao público infanto-juvenil, para o qual gostava de escrever.

Pela época e pelas condições tecnológicas de então, mas também pela completa falta de recursos financeiros, foi uma verdadeira ousadia.

Durante a preparação do projeto, Rizzini contou com com a promessa de apoio de inúmeros setores, mas quando a revista foi lançada o apoio não se materializou.

Wantuil de Freitas, contudo, apesar de possuir razões de sobra para ficar à margem, afinal, Rizzini não co-

mungava de suas crenças, pelo contrário, era um crítico mordaz delas, fez questão de contribuir.

Rizzini foi-lhe grato, sempre.

Francisco Klörs Werneck – No domingo posterior à reunião em casa de Dolores Bacelar (ver capítulo *Dolores Bacelar e as interpolações mediúnicas*), combinamos, Rizzini e eu, uma visita ao amigo Werneck, o maior tradutor brasileiro das obras do italiano Ernesto Bozzano. Werneck havia me ajudado muitíssimo com informações preciosas durante a escritura do meu livro *O Corpo Fluídico*.

A pedido de Werneck, chegamos ao seu apartamento após o almoço. Por essa ocasião, ele já quase não saía mais de casa, segundo nos revelou. Há anos, sua esposa estava presa ao leito, vitimada por uma insidiosa doença. Werneck e uma enfermeira se revezavam nos cuidados da companheira, numa dedicação deveras admirável.

Foi um encontro extraordinário, durou umas quatro horas, parte delas gravadas e a entrevista publicada no Correio Fraternal do ABC. Falou-se de tudo, do Espiritismo brasileiro, das obras traduzidas por Werneck, a maioria escrita por Bozzano, mas havia outras inúmeras de autores diferentes.

Werneck era de uma memória prodigiosa. Possuía uma biblioteca invejável, com obras raras, muitas delas em sua língua original até hoje não traduzidas para o português.

De um desprendimento surpreendente, Werneck entregou a mim e ao Rizzini alguns livros em francês dizendo que não teria tempo de traduzi-los nesta exis-

tência física. Deixou-nos a incumbência de contratar a tradução sem, contudo, estabelecer compromisso. “Olha aqui – disse-nos Werneck – vocês levam isso e se puderem mandam traduzir...”.

Alguns dias depois dessa visita, Werneck enviou-me pelo Correio uma relação completa das obras e estudos produzidos por Ernesto Bozzano e outra das que traduziu e publicou por diversas editoras. Essas relações estão publicadas no Correio Fraternal do ABC de abril de 1981, junto com a entrevista.

Mais um tempo transcorre e Werneck vem a desencarnar, posteriormente à esposa, que partira um pouco antes.

Paulo Alves de Godoy – O tradutor da polêmica edição de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, lançada pela Federação Espírita do Estado de São Paulo, era meu amigo e de Rizzini. Foi quem teve a infeliz incumbência de transmitir-me, via telefone, a notícia do meu afastamento da direção do jornal O Semeador quando do episódio Edson Queiroz, em 1983.

Por volta de 1985, apresentei à Federação Espírita de São Paulo um projeto para a escritura de uma obra sobre o cinquentenário da casa, que estava próximo. Ela fora fundada em 1937 e possuía uma história importante, que dividiu o Espiritismo brasileiro em duas fases: antes e depois da Federação.

Por conta desse projeto, aprovado por sua diretoria, passei a entrevistar e colher material com as figuras mais importantes cuja presença na casa guardava relação com

sua história. Godoy era uma delas. Fui ter com ele em seu novo apartamento da Rua Haddock Lobo, gravamos em fita cassete umas duas horas de conversa e Godoy se dispôs a entregar-me várias fotografias antigas que registravam eventos ocorridos na Federação.

Durante a conversa veio à baila a desditosa tradução. Godoy era um homem triste, muito triste, por conta daquele fato. Disse-lhe eu que ele, se quisesse, poderia reeditar a tradução.

Como? perguntou-me. Simples, corrigindo os erros cometidos. Godoy não levou adiante a idéia, mas contou-a a Rizzini posteriormente, que ficou muito contrariado comigo. Afinal, dizia, Herculano enviara ao ostracismo aquela edição e do ostracismo ela jamais deveria sair. Para Rizzini aquela era uma história que, na condição de exceção ou não, jamais deveria repetir-se.

Curiosamente, algum tempo depois da morte de Herculano Pires, a história se repetiu, sim, pelas mãos de outro amigo comum, Roque Jacintho, merecendo críticas intensas, mas não na proporção das que Herculano fez a Paulo Alves Godoy... Unicamente porque Herculano já não estava mais no corpo físico.

Associação dos Jornalistas Espíritas de São Paulo – AJE-SP. Em algumas ocasiões, quando minhas conversas com Rizzini voltavam-se para o extinto Clube dos Jornalistas Espíritas, que ele e Herculano Pires presidiram, avaliávamos a possibilidade de sua refundação. É preciso ficar claro que Rizzini sempre ficara reticente nesse aspecto. Em 1988, os jornalistas e escritores espíritas

de São Paulo romperam com a Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas, a Abrajee. Motivo: a adesão unilateral desta ao Conselho Federativo Nacional, da FEB.

O rompimento desencadeou um grande conflito que foi ter na imprensa, pois, instado pelos seus pares, Altamirando Carneiro, então representante da Abrajee no estado, assinou um documento oficializando o rompimento.

No início do ano seguinte, os jornalistas de São Paulo deram andamento à ação que visava fundar uma associação no estado, totalmente desvinculada da Abrajee. O movimento foi vitorioso e deu nascimento à Associação dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, AJE-SP.

A história é longa. Devo resumi-la. A assembléia de fundação da AJE-SP foi feita na sede do Instituto Fraternal de Laborterapia, localizado na Rua Francisca Miquelina, na capital paulista. A primeira parte da reunião consistiu da fundação propriamente dita, que foi feita sem maiores complicações. A seguir, iniciaram-se os entendimentos para a eleição da primeira diretoria.

Havia cerca de trinta pessoas presentes. A certa altura das confabulações, Rizzini veio ter comigo acompanhado pelo Jamil Salomão, dizendo que queriam lançar meu nome à presidência. Pediam que eu aceitasse. Até então eu não havia cogitado disso, mas o argumento dos dois era de que estava sendo montada outra chapa, encabeçada pelo João Pascalle, do Jornal Espírita, a qual Rizzini e

Jamil consideravam inoportuna. Perguntei-lhes se tínhamos alguma chance na disputa. Eles responderam positivamente, afirmando que fariam os esforços necessários.

Ao final do pleito o resultado apontou nossa vitória por apenas um voto! Constaram de nossa equipe, entre outros, o Luís Antonio Fuchs (genro do Rizzini) e o Éder Fávaro. Rizzini e Jamil não quiseram participar da diretoria, mas foram os artífices desta eleição.

Eurípedes Barsanulfo em Bauru. O lançamento do primeiro livro do Rizzini pela Editora Correio Fraternal do ABC foi feito de forma descentralizada. Ocorreu em São Paulo e em Bauru. Nessa cidade, o lançamento contou com o apoio do companheiro e escritor Richard Simonetti. Richard também viria a ter, mais tarde, um de seus livros – *Temas de Hoje, Problemas de Sempre* – lançado pelo Correio Fraternal do ABC.

No dia marcado para o lançamento em Bauru, eu estava comprometido profissionalmente fora da capital paulista. Raymundo Espelho, fundador e então presidente do Correio Fraternal, Cirso Santiago e Rizzini foram de carro àquela cidade. Era um sábado. Dias antes, lembrei-me de uma das minhas passagens por Bauru, para uma palestra, a convite da equipe de Richard Simonetti.

Ficara eu hospedado em uma bela residência na cidade, mas havia tido dificuldades com a alimentação por conta de uma situação que talvez não fosse do conhecimento do Richard. Alertei ao Rizzini sobre isso, pois os oradores convidados costumavam ficar hospedados naquela residência.

Rizzini não fugiu à regra. Quando lá chegou, reconheceu o local e ficou de sobreaviso. Descansou por algum tempo antes da palestra e sessão de autógrafos, após foi transportado ao centro espírita e já chegou avisando ao Richard que estava com fome, pois, disse-o, onde estava hospedado não lhe davam nada para comer. Disse-o enfaticamente.

Richard se surpreendeu. A princípio, julgou que não era verdade, que ao retornar os anfitriões iriam, com certeza, oferecer uma ceia ao hóspede. Rizzini queria provar ao Richard que isso não ocorreria; combinaram, então, de ir até lá juntos.

Ao término do evento, os quatro se dirigiram àquela residência e puderam confirmar que Rizzini tinha razão. Não havia sequer um pequeno lanche à espera. Rizzini, Cirso e Raymundo retornaram para São Paulo naquela madrugada mesmo, antecipando o programado. E jantaram em um restaurante de estrada.

Consta que nunca mais Richard levou seus convidados a se hospedarem ali.

A jornalista e o pai enfermo – Uma jovem jornalista, então funcionária de minha empresa, estava muito triste com a doença de seu pai, considerada gravíssima pelos médicos que o assitiavam. Jazia ele retido ao leito em sua própria residência há já algum tempo. Solicitou-me ela que eu indicasse alguém para lhe dar um passe, a fim de pelo menos reduzir a sua dor. Não pedia muito. Rizzini se dispôs a atendê-la e lá fomos nós, em um final de tarde. A residência simples ficava num bairro distante da Zona

Leste da capital paulista. Fizemos o atendimento por cerca de trinta minutos, após o que nos despedimos, a amiga muito comovida pela nossa atenção. No caminho de volta, concordamos. O caso era de fato sério e não havia muitas esperanças. Dias depois, veio ele a falecer...

Com quem deixar? – À medida que colecionava material de seus estudos, pesquisas, filmagens, gravações etc., Rizzini se preocupava com o futuro desse material. Às vezes entrava no assunto para ouvir minha opinião. Tratava-se, tinha Rizzini razão, de um material riquíssimo e importante, mas as instabilidades políticas e econômicas de nossas organizações espíritas tornavam complicada a transferência da guarda de tudo aquilo para uma delas.

Cogitou ele diversas organizações: Federação Espírita de São Paulo, Lar Fabiano de Cristo (sustentado pela Capemi), União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e até mesmo a LBV. Aqui, o caso merece uma explicação.

Tinha Rizzini na LBV um antigo amigo que fazia parte da direção da organização. Este lhe propusera a doação do material com a garantia de que seria bem cuidado. Ao tocar no assunto comigo, considerei a oportunidade e os perigos que poderia correr, visto tratar-se de uma organização não espírita. Foi Iracema Sapucaia, sua esposa, que me disse após o falecimento de Rizzini, que ele resolvera entregar à Fundação Maria Virgínia e José Herculano Pires o material. Cá comigo pensei: fez o que era melhor.

A mão direita do amigo. Uma das grandes alegrias

de um homem de letras é descobrir novos talentos. Se forem na sua área de atuação, melhor. Algumas de nossas conversas sobre jovens escritores que incursionavam pela imprensa espírita levavam Rizzini a formar um quadro daqueles que poderiam ter futuro promissor.

Na década de 1980, um jovem mineiro começou a escrever boas crônicas no Correio Fraternal do ABC. Texto bem elaborado e rico, revelava uma inteligência fora da média, além de uma cultura geral admirável. Logo entrou ele para o nosso círculo de amizade, passando a corresponder regularmente com o Rizzini, e estabelecendo, assim, com ele um grau de intimidade maior.

Certo dia, Rizzini demonstrou grande preocupação com este jovem, revelando-me as agruras psicológicas e financeiras pelas quais passava na ocasião. Estava pensando em ajudá-lo de alguma maneira, principalmente por se tratar de alguém com as virtudes literárias e morais que apresentava.

Preocupava a Rizzini a possibilidade de se perder um talento tão promissor. A distância, contudo, tornava a ajuda difícil, pois um estava em São Paulo e o outro em Belo Horizonte.

Mesmo assim, Rizzini deu-lhe de presente uma máquina de escrever portátil, que mandara adquirir. Esta era uma das dificuldades do novo amigo, pois para escrever seus textos já então muito apreciados, inclusive fora do meio espírita, servia-se de equipamentos de amigos e isto lhe constrangia, segundo revelou.

Apesar do interesse e preocupação de Rizzini, com

o passar do tempo o jovem foi reduzindo sua presença na imprensa espírita até deixar de escrever e desaparecer completamente...

O polemista e o boxeador. Eder Jofre, o maior pugilista brasileiro de todos os tempos, e reconhecidamente um dos mais laureados mundialmente, tornou-se espírita.

Como se sabe, ele jamais, mesmo depois de assumir a doutrina, deixou de acompanhar e manifestar seu interesse pelo boxe. Suas declarações e seu comportamento formam uma resposta sobre como via o homem no ringue de lutas. O boxe não era, para ele, um combate de ódios, uma violência gratuita em que o homem deve destruir o homem, mas uma disputa técnica de habilidade e inteligência.

Rizzini, amigo de Eder Jofre, gostava também de assistir lutas de boxe. Admirava em Eder Jofre o boxista e o homem bom que era e tornou-se um fã de Maguila, talvez o mais carismático de nossos pugilistas nacionais. Vibrava quando Maguila conseguia vitórias expressivas, especialmente diante de adversários que o menosprezavam.

Muitas e muitas vezes, nossos assuntos nas caminhadas matinais que fazíamos diariamente no condomínio onde morávamos eram as lutas da noite anterior ou alguma que viria pela frente.

O desaparecimento dos lutadores de estilo refinado e o predomínio cada vez maior da força sobre a técnica, a prevalência do marketing e o objetivo do lucro sobre a pessoa humana foram nos distanciando do boxe. Ficou a

saudade dos lutadores admiráveis, como o próprio Eder Jofre, “Sugar” Ray Leonard e outros...

Rizzini e Divaldo Franco. Li, na entrevista já mencionada para a revista Universo Espírita, a palavra de Rizzini sobre um mal entendido na TV envolvendo sua opinião acerca de Divaldo Franco. Havia eu decidido não tocar no assunto aqui, mas alguns fatos recentes me fizeram mudar de opinião.

Muitas e muitas vezes, Rizzini manifestou a mim sua opinião particular sobre o Divaldo Franco, acerca de diversas situações. Não poderia ser diferente, Divaldo sempre esteve na mídia e sua atuação no Espiritismo é contínua e admirável, o que não significa que o médium esteja isento de falhas pela sua condição humana.

Na referida entrevista, Rizzini explica um fato ocorrido, que lhe havia trazido alguns dissabores, fato este diretamente relacionado ao Divaldo. Vejamos.

“Dei uma entrevista ao *Fantástico* de uns 15 minutos. Toda a equipe estava na porta do meu apartamento para eu dar uma entrevista sobre o caso do Divaldo. Acontece que neguei. Disse: “Vejam bem, vocês são a maior rede de televisão do Brasil e vão mexer em um assunto de 50 anos atrás, não quero dar entrevista sobre isso”. Mas tanto insistiram, que no final disseram: “Rizzini, você não vai precisar falar de nenhum livro, só queremos um depoimento seu”. Concordei. E eles foram montar os equipamentos no meu escritório, filmaram toda minha biblioteca e chegou uma hora que, com a câmera a meio metro do meu rosto, o jornalista muito maroto, me per-

guntou: “E aquele livro, foi plágio ou não do Divaldo?”. Tomado de surpresa, tentei contornar a situação: “Você tem que entender que o Divaldo era muito jovem, tinha vinte e poucos anos, então é natural que a pessoa sonhando com os Espíritos...”. E o jornalista apertou de novo e eu disse: “Realmente é impossível negar que é um plágio, mas vamos nos lembrar, que, na paz e na caridade, ele realizou *A mansão do Caminho* etc. É um orador maravilhoso”. E aí eles cortaram tudo e só deixaram aquele trecho. “É plágio”. Fui ingênuo deveria ter dito: “Pára não vou filmar mais” - mas justifiquei. No domingo vou assistir e vejo só aquela frase! Procurei me justificar depois, em certos jornais nossos, na *Rádio Boa Nova*.

O Divaldo deu a entrevista antes de mim e ele justificou de uma maneira... Ele disse: “Pode ser meu inconsciente”. Ora se pode ser o seu inconsciente, então toda a sua “obra mediúnica” pode ser o seu inconsciente. Apanhado de surpresa, também como eu fui, soltou uma dessa (rs)! Dois bobocas”.

A verdade comporta outros detalhes, além daqueles anotados por Rizzini. Quando vieram a público as denúncias de que Divaldo estava publicando algumas mensagens em conteúdo e estilo muito semelhantes às psicografadas por Chico, isto na década de 1960, houve uma grande repercussão no meio espírita.

Algumas dessas mensagens foram reunidas em um folheto, com a apreciação de alguns estudiosos, que as compararam e demonstraram as diversas similaridades que guardavam entre si.

O folheto foi publicado e distribuído gratuitamente aos milhares pela editora do Grupo Espírita Emmanuel (GEEM), que veio a se instalar posteriormente em São Bernardo do Campo, bem ao lado da Editora Correio Fraternal do ABC. A editora estava, então, localizada na cidade paulista de Garça.

Herculano Pires entrou na questão e promoveu, também, a defesa do médium Chico Xavier, em matérias publicadas no Diário de São Paulo.

Diante da repercussão do caso, os espíritas se dividiram entre acusadores e defensores do Divaldo. E houve um distanciamento entre os médiuns envolvidos, Chico e Divaldo.

Mas é preciso dizer que as mensagens com teor semelhante deixaram de existir, passando o caso ao esquecimento. Anos depois, sob a mediação de alguns amigos os dois médiuns retomaram as relações pessoais.

Sobre isso, Rizzini e eu conversávamos. Retomar o assunto quase cinquenta anos depois pode significar para muitos uma afronta, pois ao longo de todo este tempo a reputação de Divaldo Franco cresceu e se firmou. Ou seja, a lembrança do fato passa para muitos a idéia de que se acusa a obra inteira de Divaldo Franco, fazendo descarilar o trem das paixões e atropelar o vagão da razão.

Rizzini evitou o assunto na biografia de Herculano Pires. Considerou não valer a pena abordá-lo, embora o biógrafo tivesse o direito de fazê-lo se assim o desejasse.

Portanto, sua justificativa ao repórter da revista Uni-

verso Espírita deve ser vista com atenção. Sem negar o fato, por sabê-lo verdadeiro, Rizzini reconhece a impropriedade de sua retomada e a ingenuidade com que agiu frente à reportagem da Rede Globo. E olha que Rizzini era um *expert* em matéria de trato com a TV, por todo o seu passado...

O erro de Divaldo Franco, antes de diminuí-lo, engrandece-o, pois mostra-o como ser humano e contribui, como a Chico Xavier e a tantos e tantos outros homens que se sobressaíram pelas obras e pela capacidade de superar a si mesmos, para não ser elevado indevidamente ao panteão dos mitos inacessíveis. Será que conseguiremos?...

Havia eu escrito tudo o que vai acima, quando deparei em minhas correspondências eletrônicas, em 12 de janeiro de 2010, com a notícia da publicação da carta

Divaldo Franco (em pé, de cabeça baixa), na União Espírita de Piracicaba. Próximo a ele, Walter Accorsi. A foto é de setembro de 1961.



de Chico Xavier, que deu origem à polêmica sobre o plágio de Divaldo Pereira Franco. Antecedendo a carta, uma introdução escrita por Jorge Rizzini e ao final sua assinatura. Informações dão conta de que este material foi postado na comunidade Orkut em 24 de outubro de 2008, sete dias, portanto, após a desencarnação de Jorge Rizzini.

Trata-se de material que não posso deixar de reproduzir aqui. Ei-lo:

A CARTA EM QUE CHICO XAVIER ACUSA DIVALDO PEREIRA FRANCO DE PLÁGIO (TEXTO INTEGRAL)

Repercutiu fundo no movimento espírita nacional a denúncia feita em 29 de fevereiro de 2004 pela TV-Globo de que Divaldo Pereira Franco plagiara mensagens psicografadas por Chico Xavier. A reportagem colocara diante dos olhos do público trechos de uma carta com oito páginas datilografadas assinada por Chico Xavier relatando o lamentável episódio. A carta endereçada ao saudoso companheiro Joaquim Alves traz a data de dez de junho de 1962. Chico Xavier tinha cinquenta e dois anos de idade e era psicógrafo há mais de trinta anos. Divaldo Franco, por sua vez, era relativamente moço e gozava grande fama de notável orador que é.

Apresso-me a acrescentar que não foi a carta a causa inicial do escândalo em 1962. Ora, três anos antes, ou seja, em 1959, Divaldo Franco entregara à Federação Espírita Brasileira os originais de seu primeiro livro tido como mediúnico. Apesar do prefácio incentivador

assinado por André Luiz, foi a obra recusada pela FEB por ter profunda semelhança com as desse Espírito psicografadas por Chico Xavier.

Na carta em resposta à consulta de Joaquim Alves, afirma: “Vi tudo e calei-me. (...) Desde 1959, aguardo que se levante um dos companheiros representativos do movimento espírita a fim de tratar do grave problema. Ninguém apareceu.”

A primeira denúncia das mensagens copiadas, inclusive, os títulos, pelo Divaldo Franco – plágio inegável, conforme afirmei na entrevista que concedi à Rede Globo de Televisão – veio a público em abril de 1962 através do folheto “Para onde vamos, espíritas?”, editado pelo Movimento Universitário Espírita de São Paulo, então presidido por Nair Mortensen.

Um mês depois, ou seja, em 31 de maio de 1962, eis que o Grupo Espírita Emmanuel, da cidade de Garça, no interior paulista, espalhou no movimento espírita nacional trinta mil exemplares do folheto intitulado “Estudo de Mensagens Copiadas”. O grupo de Garça tinha Emmanuel por patrono espiritual e era presidido por Rolando Ramaciotti, o qual se tornaria editor de obras psicografadas por Chico Xavier.

O estudo fora feito por confrades competentes. Na introdução lê-se que: “no estudo aqui apontado, não cabem quaisquer alegações sobre universalidade do ensino dos espíritos, memória inconsciente, aproximação literária, coincidência de instrução, afinidade temática e nem tampouco esse ou aquele recurso à tese do animismo, porque as cópias de ambas as mensagens a que nos referimos, quais foram feitas, somente poderiam ter sido efetuadas com os originais à frente dos olhos.” O

plágio era explícito. Mestre Herculano Pires, então, com seu profundo conhecimento doutrinário e literário veio a público através de sua coluna espírita no “Diário de São Paulo” em defesa da obra e da mediunidade de Chico Xavier. Assim agiu porque, de acordo com suas próprias palavras em uma carta dirigida a Deolindo Amorim, “não sou dos que cruzam os braços diante das mistificações e dos abusos que se praticam no meio espírita”. E em outra carta cuja cópia também possuo: “Entendo que a função do jornalista espírita é servir lealmente à Doutrina, mesmo desgostando quem quer que seja ou colocando-se em má situação perante a maioria.”

Divaldo Pereira Franco, porém, teve defensores, entre eles Júlio Abreu Filho e Deolindo Amorim. Júlio enviou cartas à Nair Mortensen, ao Grupo de Garça e a Herculano Pires. Mas a argumentação era frágil e o plágio indefensável.

Deolindo Amorim trocou também correspondência com Herculano Pires e em sua carta de 12 de novembro de 1962 fez o seguinte comentário comprometedor:

“São, como já disse, dois missionários. Chico, na produção psicográfica; Divaldo, na palavra falada, levando consolo e entusiasmo a muita gente, por esse Brasil inteiro. São dois valores apreciáveis no movimento espírita em campos diferentes.”

O leitor atento observou a expressão “em campos diferentes”, expressão absolutamente correta.

Notemos agora que treze anos depois (mês de maio de 1975) Deolindo Amorim ao comentar no jornal “Correio Fraternal do ABC” o livro “Grilhões Partidos”, de Divaldo Pereira Franco, fez a seguinte observação:

“O autor, que recebeu a obra do plano espiritual,

tem o seu estilo pessoal, a sua maneira própria de dizer e é natural que transmita a mensagem através de suas expressões, sua linguagem característica. Divaldo exprime-se corretamente, como se sabe, mas tem o seu feitio intelectual, que o identifica muito bem quando fala ou escreve.”

Ao contrário, portanto, de Chico Xavier, cuja diversidade de estilos é impressionante, o que constitui prova da autenticidade de sua mediunidade.

Quer dizer: os livros atribuídos aos espíritos através de Divaldo apresentam um só estilo, o dele. Que o conteúdo seja dos espíritos, é possível, mas nesse caso temos de admitir que as mensagens psicografadas por Chico Xavier foram copiadas e adulteradas por sugestão de espíritos galhofeiros e nos momentos em que Divaldo encontrava-se invigilante... Que espíritos das trevas envolveram-no não há como negar. Aliás, é o parecer de Chico Xavier. Leiamos este seu trecho contido na carta:

“... espíritos inferiores se utilizam do nosso caro Divaldo e atacam o nosso movimento espírita pela retaguarda.” E Chico, perplexo, interroga:

“Porque razão esse propósito deliberado de arrasar com as mensagens dos nossos Benfeitores Espirituais, recebidas por meu intermédio, desfigurando-as, descharacterizando-as, ferindo-as, transfigurando-as? Não posso inocentá-lo, porque isso acontece há muito tempo e ele possui bastante auto-crítica para reconhecer que as entidades que se valem dele para isso estão entrando numa atitude, francamente abusiva por desrespeitosa ao Espiritismo e à Mediunidade, a ponto de sacerdotes católicos-romanos já estarem se manifestando pela im-

prensa indagando se sou eu ou ele o mistificador. De mim mesmo nada valho e estou pronto a receber por bençãos quaisquer injúrias que seja assacadas contra a minha pessoa, entretanto, no assunto, é a Doutrina Espírita que está sendo desprestigiada e dilapidada.”

Transcrevo, ainda, o seguinte trecho que revela, mais uma vez, a admiração que Chico Xavier tinha por Divaldo Pereira Franco. Leiamos:

“Divaldo tem largo futuro à frente. Ele não precisa, absolutamente, da psicografia para sustentar a amizade e o carinho dos amigos desencarnados e encarnados. Jesus colocou-lhe um facho de luz no verbo sagrado que ele, nosso amigo e companheiro tão querido, pode santificar, cada vez mais, dele fazendo a sua bandeira de serviço à Humanidade, crescendo sempre como um dos mais altos paladinos de nossa Causa no Brasil e fora do Brasil.”

Devo pôr ponto final nesta introdução à famosa carta de Chico Xavier. Não antes, porém, de acrescentar que declarei diante das câmeras da Rede Globo que era absurdo levantar a questão do plágio quarenta e dois anos depois do episódio. E acrescentei que Chico Xavier e Divaldo Franco somente se reencontraram em outubro de 1977, ou seja, quinze anos depois. E psicografaram juntos... Mas nada disso os repórteres da TV-Globo colocaram no ar. Vejamos agora o texto integral da histórica carta de Chico Xavier. Ei-la com todas as vírgulas e pontos:

Uberaba, 10 de junho de 1962

Meu caro Jô,

Deus nos abençoe e inspire. Tenho várias notícias e lembranças para agradecer a você, querido amigo, – as cartas, os retratos,

as demonstrações de carinho por intermédio dos companheiros que chegam de São Paulo e todas as gentilezas de sua bondade constante, – o que faço ao iniciar esta carta, pedindo ao nosso Divino Mestre o recompense e abençoe, sempre e sempre.

O assunto primordial desta carta, no entanto, querido Jô, é a resposta à sua missiva confidencial de 1 deste mês que apenas chegou às minhas mãos na tarde de anteontem.

Refleti muito antes de escrever para você, respondendo. Orei. Pedi a inspiração dos nossos Maiores. Não era meu intento tratar do caso doloroso suscitado por nosso caro Divaldo Franco, notadamente com vocês, amigos queridos de São Paulo, aos quais me ligo por laços muito altos do coração.

Sua carta, entretanto, coloca seu sentimento imensamente sincero à mostra e silenciar, de minha parte, no assunto direto que você me trouxe seria desconsiderar o meu carinho para com você.

Concluí então que deveria responder ao querido Jô, abrindo igualmente toda a minh'alma.

Você diz em sua ternura infinita por mim, e que reconheço não merecer, que estimaria ouvir-me, como sendo o pastor. Você sabe, querido Jô, que não me sinto nessa condição. Estou muito longe da capacidade de dirigir. A rigor, deveria com o seu carinhoso coração, no caso, na posição de alma irmã da sua alma, companheiros de jornada e de luta.

Mas pelo amor que nos reúne na Causa que esposamos, prefiro (embora eu não o mereça) conversar com você abraçando-o por meu filho. E ao abraçar você, nessa condição, quero que você saiba que, no pensamento, reúno igualmente o nosso Divaldo, ao seu lado, como sendo meu filho também.

Feito este preâmbulo, vamos conversar, nós dois, de alma para alma. Em 1959, confirmando a estima que tenho por Divaldo, não vacilei receber um prefácio para o primeiro livro

mediúnico, que ele se propunha lançar, através da FEB. O prefácio veio da parte do nosso André Luiz estimulando-o ao trabalho, naturalmente. De minha parte, agi tão confiante, que não cheguei a conhecer o texto, texto esse que não hesitava endossar com todo o meu coração.

Chegado o livro à FEB, sei que amigos da nossa mais alta instituição espírita do Brasil aconselharam-no a desistir da publicação, até que a mediunidade dele produzisse algo, mais original, de acordo com a elevada posição de orador espírita que ele desfruta, com merecimento justificado, em nosso meio. Alegavam nossos amigos no Rio e isso com ele próprio, Divaldo, que o livro recebido por ele era profundamente semelhante aos livros de André Luiz.

Para mim, isso vale como advertência grave que ele não poderia esquecer.

De minha parte, ainda na última vez em que com ele estive, na Comunhão Espírita Cristã, em conversa íntima, aconselhei-o a concentrar-se sem qualquer pensamento preconcebido, sem leituras anteriores de livros determinados, sem propósito de produzir mediunicamente em tema predileto e sem criar qualquer clima condicionado por ele, mentalmente, o que seria sempre uma dificuldade por ele oposta à manifestação espontânea dos Amigos Espirituais.

Disse tudo isso com a gentileza natural que devemos uns aos outros, tentando ajudá-lo sem ferir, atento ao esforço que todos lhe devemos na divulgação da Doutrina Espírita. Entre amigos uma observação carinhosa dessa natureza vale por um aviso salutar.

Assim procedi, por notar, há muito tempo, que diversas mensagens recebidas por mim (desculpe você, querido Jô, este “mim” tão gritante, mas a explicação minha a você é pessoal e devo assumir plena responsabilidade do que estou dizendo)

vinham na imprensa Espírita, desfiguradas ou, às vezes, quase que plenamente copiadas, como tendo sido recebidas por ele, algumas até mesmo antedatadas, quando em confronto com as páginas psicografadas por mim, embora os trabalhos sob minha responsabilidade viessem a lume antes dos apresentados por ele.

Vi tudo e calei-me.

Há muitos anos, o nosso abnegado Emmanuel me ensinou o hábito salutar de não me defender em causa própria.

As mensagens em grande número, no setor de trabalho que me foi atribuído estão na imprensa espírita e na distribuição de mensagens avulsas, bastando que os espíritas conscienciosos se disponham a estudá-las.

Os casos são às dezenas, ferindo de frente a dignidade mediúnica na Doutrina que abraçamos, sem que ninguém viesse defender a Causa em si.

Não me competia a mim efetuar um trabalho de preservação dessa ordem, de vez que sou um trabalhador que estou na ponta dos trilhos, isto é, na parte mais humilde do avanço da linha, com as mãos no atendimento aos meus deveres de dia a dia, diante do povo necessitado, devendo confiar nos engenheiros que dirigem o comboio. Desde 1959, aguardo que se levante um dos companheiros representativos do movimento espírita a fim de tratar do grave problema.

Ninguém apareceu.

Continuei a ver as páginas a que me refiro em todos os setores ou em quase todos os setores, mas se me pronunciasse abertamente, semelhante providência partida inicialmente de mim viria situar-me num caso de defesa pessoal, o que sempre repeli, compreendendo que minha pessoa insignificante, no caso em exame como em qualquer outro caso, nada vale. Não digo isso por humildade que não tenho, mas simplesmente por

sentir-me assim mesmo, sem merecimento qualquer. Apareceu em abril deste ano o folheto “Para onde vamos, espíritas?”.

O assunto das mensagens copiadas surgiu com enorme efervescência e você me dá notícias do nosso Divaldo, abatido e compreensivelmente abalado em São Paulo.

Entendo, sim, querido Jô, as lágrimas do nosso caro amigo e também me comovo, orando a Jesus por todos nós, a fim de que, cada um de nós se compenetre de suas responsabilidades próprias.

Entretanto, para responder à sua afetuosa consulta, peço a você permissão para tratar do assunto com a gravidade de nossos compromissos sobre o impulso de nossos sentimentos.

Comecei a lida mediúnica em 1927, quando o nosso Divaldo provavelmente deveria estar no berço.

Estou aposentando-me no terceiro emprego que tive nesta vida, no qual trabalhei 30 anos sucessivos sem licença e sem férias, embora a minha moléstia nos olhos, há mais de vinte anos, me conferisse por lei o afastamento do serviço regular.

Não digo isso como quem apresenta louros, mas para lembrar que estou no meu recanto, atendendo às minhas obscuras obrigações. Sempre respeitei o nosso caro Divaldo em sua tarefa brilhante, como sempre respeitei a todos os companheiros do Espiritismo, na posição em que o Senhor os colocou a servir. Nunca fui a uma cidade sequer das inúmeras em que o nosso caro Divaldo é festejado e querido, com méritos justos na palavra doutrinária, a fim de subtrair o respeito devido a ele, a pretexto de ser eu insignificante médium psicógrafo. Nem por isso, no entanto, embora reconhecendo a minha total desvalia, devo esquecer que trago nos ombros o peso de uma responsabilidade mediúnica, e espírita à qual, desde 1927, me rendi.

Será possível que meus irmãos de Doutrina Espírita possam julgar que estou recebendo os livros dos nossos Benfeitores

Espirituais sem qualquer noção de compromisso moral e de amor pela Causa? Será crível que suponham esteja eu fazendo da mediunidade um esporte de quem mais nada tem a fazer? Estarei recebendo as páginas de Emmanuel, há mais de trinta anos consecutivos para brincar? Andarei dos 17 anos de idade aos 52, na tarefa mediúnica, qual se eu fosse uma criança no parque de diversões?

Em 1958, como é do conhecimento público, meu pobre sobrinho Amaury Pena, talvez deslumbrado pela idéia de lucros financeiros com livros mediúnicos, sentindo-se assediado por entidades infelizes e adversárias do movimento espírita-cristão, não hesitou, quando contrariado em seus desígnios cobrir-me o rosto com a lama de profundo sarcasmo. Durante quase um mês, os jornais do País me apontaram na categoria de mistificador criminoso. Entretanto, os espíritos perturbadores, no caso de meu sobrinho, vinham pela frente, o que me permitiu responder-lhes com a única maneira digna que vi diante de meus olhos. Para não deixar em minha folha mediúnica e espírita a notícia inverídica que entrara, um dia, em rixa com os entes amados de minha família, toda ela constituída de almas afetuosas e boas, mudei-me para Uberaba, a centenas de quilômetros da casa que Deus me concedera para cultivar o jardim do amor familiar e onde eu deixava conveniência e hábitos regulares de quase cinqüenta anos.

Não tomei semelhante atitude como quem traz uma pedra dentro do peito. O amor e o respeito à Causa Mediúnica e à Causa Espírita exigiam de mim um pronunciamento endereçado ao futuro. Preferi sair, à maneira de um ingrato aos que mais me deram amor na presente reencarnação e à maneira de um desterrado no próprio lar no conceito daqueles que não podiam entender, de pronto, o meu gesto de repulsão ao desrespeito levantado pelos espíritos inferiores, utilizando um pobre

rapaz renascido na família que o Senhor me dera, desrespeito esse lançado audaciosamente às nossas fileiras e aos nossos trabalhos.

O caso, agora, é diferente. Esses mesmos espíritos inferiores se utilizam do nosso caro Divaldo e atacam o nosso movimento espírita pela retaguarda. No caso do meu pobre sobrinho, que essas mesmas entidades já levaram à desencarnação prematura, induzindo-o a alcoolizar-se até a morte do corpo em 1961, o problema era claro. Hoje, temos um labirinto porque os golpes chegam de trás.

O assunto é sutil. Tudo parece tão leve, tão superficial. Mas se os espíritos permitem que entidades menos dignas se apossam de um companheiro respeitável para adaptar, copiar, desfigurar e enxertar as páginas dos nossos Instrutores Espirituais acumuladas num esforço paciente e também respeitável de mais de trinta anos de serviço, daqui a outros trinta anos, os nossos netos e continuadores abraçarão problemas e perplexidades tendentes a desacreditar a mediunidade, de vez que, com o tempo, ninguém mais saberá quem copiou e mistificou, no assunto, se Chico Xavier ou Divaldo Franco.

Sei que a obra é de Cristo e que n'Ele devemos todos esperar. Não ignoramos também que na obra de Cristo cada um de nós tem responsabilidades essenciais.

Pergunto então a você, meu filho:

Posso concordar com o que está acontecendo, se estão em jogo a Doutrina Espírita e a Mediunidade e não o meu nome? Devo aplaudir uma perturbação que ameaça o serviço de minha existência inteira? Devo tratar nosso Divaldo, como se fosse uma criança irresponsável, quando tributo a ele respeitoso apreço e grande afeto, há mais de dez anos, vendo-o viajar na condição de um pregador consciente das verdades espíritas, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, assumindo, por isso,

indiscutível responsabilidade para com milhares de pessoas, talvez milhões? Devo tratá-lo à feição de um companheiro necessitado de assistência, quando o problema é interesse de uma Causa inteira, criado levemente por ele próprio, e no qual compareço à maneira de um réu em julgamento público, sem ter saído de minha casa e sem ter abandonado os meus deveres, na consciência tranqüila?

Não será mais justo e recomendável entregá-lo à assistência de que se encontra realmente necessitado, invocando o amparo dos Mensageiros de Jesus que suplico para mim mesmo e esperando serenamente o juízo sereno dos espíritas responsáveis pela orientação do nosso movimento, a fim de que ele seja aconselhado e dirigido, como devo, de minha parte, estar igualmente pronto a receber os avisos e instruções dos companheiros na fé e no trabalho a fim de que eu não me transforme em instrumento de perturbação para os nossos serviços?

Diz o nosso caro Divaldo que me ama, e eu tenho dado provas de imenso apreço afetivo a ele, entretanto, por que motivo não me respeita o nosso amigo como respeito a ele? Porque razão esse propósito deliberado de arrasar com as mensagens dos nossos Benfeitores Espirituais, recebidas por meu intermédio, desfigurando-as, descaracterizando-as, ferindo-as, transfigurando-as?

Não posso inocentá-lo, porque isso acontece há muito tempo e ele possui bastante auto-crítica para reconhecer que as entidades que se valem dele para isso estão entrando numa atitude, francamente abusiva por desrespeitosa ao Espiritismo e à Mediunidade, a ponto de sacerdotes católicos-romanos já estarem se manifestando pela imprensa indagando se sou eu ou ele o mistificador.

De mim mesmo, nada valho e estou pronto a receber por bênçãos quaisquer injúrias que sejam assacadas contra a minha

peessoa, entretanto, no assunto, é a Doutrina Espírita que está sendo desprestigiada e dilapidada.

Soube que o nosso Divaldo tem dito, onde vai, que está sofrendo em demasia, sentindo-se por vezes desejoso de renunciar à tarefa, o que seria lamentável por encontrarmos nele um orador digno e um arauto digno de nosso movimento espírita, o que realmente me comove e me confrange, mas devo tratar somente com as minhas emoções um problema em que milhões de pessoas amanhã procurarão a verdade?

Devo deixar que a minha comoção embargue o meu raciocínio, largando a mediunidade embaciada e desrespeitada, com evidente menosprezo aos companheiros que virão depois de nós?

Depois do impresso “Para onde vamos, espíritas?”, surgem aqui e ali alguns poucos amigos decididamente interessados em estudar a realidade dos fatos e apresentarem, de público, o resultado de suas observações, o que não poderia impedir de minha parte.

E caber-me-ia desencorajá-los, acobertando a intromissão gradativa dos espíritos das sombras, em nossas fileiras, a título de caridade, que é carinho mas é também ensinamento, se até agora nenhum companheiro de responsabilidade nas instituições espíritas se lembrou de que a obra de Emmanuel deve ser digna de respeito?

Afirma o nosso Divaldo, reiteradamente, que me ama e me deseja todo o bem, mas porque age assim, permitindo que entidades irresponsáveis o manejem dessa forma? Eu também amo Allan Kardec e admiro-lhe imensamente a obra sublime, entretanto, por isso, estaria eu autorizado a tomar-lhe essa ou aquela página da Codificação Espírita, alterando-a e lançando-a com o nome dos amigos desencarnados que me assistem, para uso dos meus irmãos na fé?

Aparecem os companheiros que afirmam será o movimento espírita dividido com semelhante questão, contudo, querido Jô, minha consciência está tranqüila. Não desencandeei o problema. Permaneço onde vocês todos me conhecem. Por ser médium dos livros dos nossos Amigos Espirituais, o que julgo tão natural como se a mediunidade psicográfica fosse outro campo qualquer de atividade espírita, nunca esperei qualquer consideração.

Há mais de trinta anos, entrego aos companheiros do Espiritismo as páginas dos nossos Amigos Espirituais, com a profunda veneração de quem não deseja conspurcá-las com as próprias deficiências e imperfeições que carrega, sem jamais conservar a idéia de remuneração dessa ou daquela natureza. Sempre recebi as demonstrações dos amigos queridos, quais vocês, os afetos queridos de São Paulo como quem recolhe tesouros que não merece e rogando a Deus me torne digno da confiança e da ternura com que me tratam. No íntimo, porém, tenho pedido ao Senhor me ajude a viver conforme a simplicidade a que me sinto jungido por imposições naturais de minha condição pequenina, e assim, meu querido Jô, devo desencarnar coerente com o que tenho acreditado, sem desejar para mim outra cousa que não sejam a Vontade do Senhor e o dever bem cumprido.

Entendo que o nosso Divaldo possui legiões e legiões de amigos, muitos deles influentes e poderosos no campo econômico e social, por merecimento natural dele, operário brilhante da palavra espírita e, sem dúvida, raro missionário da assistência à infância desvalida em Salvador, mas isso não pode interferir com a minha obrigação de ser fiel a mim mesmo, nas responsabilidades que abracei na Doutrina Espírita e na Mediunidade, na presente reencarnação. Não posso iludir-me. Todos estamos caminhando para a Espiritualidade e se eu aqui posso enganar aos meus irmãos de ideal, abusando dessa ou daquela qualidade que o Senhor me emprestou, amanhã não poderei enganar aos

que nos seguem de uma Vida Maior, e à cuja existência desde agora me sinto entrosado. É preferível que eu seja sozinho, mas com a tranqüilidade de quem cumpre o próprio dever diante daqueles que me puseram esse mesmo dever nas mãos por título de confiança, do qual não poderei abusar sem graves conseqüências.

Por tudo o que exponho a você, querido amigo, com sinceridade e carinho, porque não é sem carinho e sem sinceridade que escrevo esta carta, não desejo receber a visita pessoal do nosso Divaldo presentemente, conquanto, não tenha de minha parte qualquer mágoa e esteja em prece pela felicidade e saúde, fortalecimento e tranqüilidade dele. Acontece que se nos encontrarmos agora, estaria na posição estranha de quem nada pode dizer. Se vier a censurá-lo seria crueldade de minha parte, porque devo acreditar que ele está sendo instrumento da perturbação sem perceber. E, por outro lado se vier a tratá-lo com ternura, dou a impressão errônea de que estou aprovando a leviandade em andamento. Como vê, você, querido Jô, há momentos, em que o testemunho nosso é doloroso, de vez que não podemos trair a nós próprios.

Se ele, porém, recorrer a você para saber o que penso das ocorrências em curso, autorizo seu carinho a mostrar-lhe esta carta, na qual exponho todos os meus sentimentos e pensamentos, no assunto, depois de rogar a assistência dos nossos Instrutores Espirituais, a fim de escrever a você com serenidade entre o coração e o cérebro, coerente com a Doutrina Espírita e comigo mesmo. Divaldo tem largo futuro à frente. Ele não precisa absolutamente da psicografia para sustentar a amizade e o carinho dos amigos desencarnados e encarnados. Jesus colocou-lhe um facho de luz no verbo sagrado que ele, nosso amigo e companheiro tão querido, pode santificar, cada vez mais, dele fazendo a sua bandeira de serviço à Humanidade,

crecendo sempre como um dos mais altos paladinos de nossa Causa no Brasil e fora do Brasil.

Mostrei esta carta aos amigos que me partilham a convivência e sendo de seu desejo pode mostrá-la aos nossos queridos companheiros daí. Poucas vezes terei oportunidade de me deter no caso com tanta clareza, de vez que o assunto é agressivo e doloroso e realmente só escreveria o que escrevi nesta carta em me comunicando com aqueles que mais amo.

Deus nos abençoe, querido Jô, e perdoe a franqueza carinhosa de quem igualmente o ama por abençoado filho espiritual.

(ass.) Chico

Terminada a carta datilografada Chico Xavier, fazendo uso da caneta-tinteiro acrescentou a seguinte observação:

“Peço reserva sobre esta carta que deve ser lida somente para os que possam compreendê-la com espírito de compreensão fraternal.”

E assinou: “Chico”.

Fim.”

A reencarnação de Allan Kardec. Em 1998, amigos de Goiânia insistiam para que eu abordasse o tema da reencarnação de Allan Kardec. O assunto retornou forte depois que a Dra. Marlene Nobre resolveu se autointervistar e publicar na sua Folha Espírita a opinião de que Chico Xavier era a reencarnação do codificador. Resisti.

Quando retornei a São Paulo, conversei com Rizzini a respeito. Ele, Ary Lex e Nazareno Tourinho já haviam tomado posição contrária, com artigos incisivos contes-

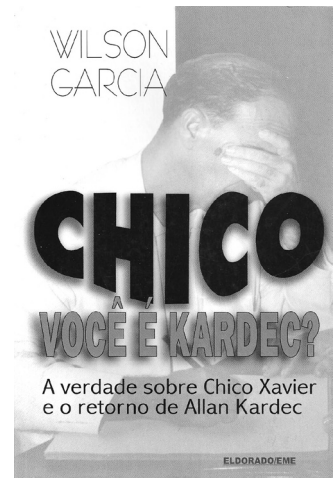
tando os argumentos da presidente de AMESP. Rizzini se colocou favorável a que o tema fosse abordado em sua profundidade merecida. Resolvi assumi-lo, unindo-o a um trabalho de pós-graduação a ser apresentado à cadeira de Pesquisa e Produção Acadêmica, na Faculdade Cásper Líbero. Quando o finalizei estava, também, concluindo o livro, ao qual intitulei Chico, você é Kardec?.

A participação de Rizzini foi grande na escritura do livro. Fiz seu lançamento na Livraria Cultura do Conjunto Nacional, Avenida Paulista, São Paulo. Rizzini lá, firme. Um ano depois, quando o seu livro reunindo duas peças teatrais que escrevera – *A Terceira Revelação* e *A Visita* – foi publicado, Rizzini foi até minha casa e entregou-me um exemplar com a seguinte dedicatória:

“Ao caríssimo amigo Wilson Garcia – confrade operoso e duplamente operado – ofereço estas páginas como um troféu pelo seu oportuno livro sobre as pseudas reencarnações de Chico Xavier como Platão, Allan Kardec e quejandos. Do velho companheiro de ideal”.


Rizzini tinha grande interesse pelos estudos da reencarnação. Quando terminou de escrever a vida de Eurípedes Barsanulfo, não teve dúvidas quanto à origem de uma de suas existências anteriores e a grafou na

A solicitação dos amigos resultou no livro-debate sobre a reencarnação de Kardec como Chico Xavier.



obra. Sobre as vidas anteriores de Kardec, ele via com bom grado, por exemplo, as deduções do próprio codificador e concordava com o livro de Eduardo C. Monteiro intitulado Allan Kardec, o Druída Reencarnado. A afirmação, porém, de que Kardec retornara na pele de Chico Xavier recebeu dele a mais imediata contestação. Recorde-se que Rizzini, tal como diversos outros estudiosos que conviveram com o médium mineiro, tinha consciência clara de que Chico podia ser relacionado com diversas personalidades do passado. Não, porém, com Allan Kardec.

Ao caríssimo Wilson
Garcia — confrade operoso e
duplamente operado — ofereço estas
páginas como um troféu pelo seu
oportuno livro sobre as pseudo-
A TERCEIRA REVELAÇÃO



A VISITA
reencarnações de Chico Xavier
como Platão, Allan Kardec e
Quefandós.
Do velho companheiro de ideal
Alfonso Rizzini
São Paulo, 12/1/2000

OCASO

Todos os encontros se repetem. Todos os desencontros se transformam. A vida física e espiritual são feitas deles.

Os reencontros têm agenda e data, mas, daqui deste pequeno planeta dificilmente podemos apreendê-las. Creio, profundamente, na informação que dá conta de que nosso modelo mental se altera enormemente depois da partida derradeira.

Vivemos de esperas. Aqui e lá. Não é conveniente estabelecer, desde já, a agenda de assuntos a tratar depois da partida. Melhor aguardar com pensamento positivo.

O que direi a Rizzini, Deolindo e a tantos outros que se foram, quando eu lá chegar? O que eles me dirão? Se os laços culturais, que modelam aqui o nosso pensar, se afrouxam lá, para dar lugar a outras formas de ver, então a agenda é algo em aberto, pelo menos para os que estão por aqui.

Vivemos também de sonhos. O imaginário sempre antecipa a realidade, pela simples razão de que somos seres freudianamente desejantes. O mundo de lá é antecipado pelo imaginário de cá. Eis por que planejamos nossas próprias agendas.

Alguns, em tempo mais curto, encontram seus afetos, outros demoram um pouco mais. Pelo menos é o que

nos informa André Luiz, por Chico Xavier. Embora o imaginário supra essas lacunas, estamos a depender de um tempo que desconhecemos.

Ocasos e não acasos. Términos que não são definitivos se sucedem. Fins e não finais. Histórias que terminam e recomeçam. Ou, quiçá, continuam, mas de uma forma nova, pois a mente se coloca sob outras realidades, que vão remodelá-la.

As esperas são diferentes. As daqui não têm pressa, as de lá não desejam demora.

As trocas de posições, constantes, permanentes, encontram os seres em situações distintas. Para os terrenos, o tempo prolonga o prazer e retarda o misterioso depois. Para os não-terrenos, a espera angustia e torna o retorno um tempo difícil.

Mas quando os reencontros ocorrem na dimensão não-terrena, um diálogo sem precedentes se desenrola, quebrando talvez paradigmas.

Desligadas do mundo dos neurônios, das sinapses cerebrais, as mentes, mais leves, tenderão a absorver outro tipo de satisfação e a ver os conflitos terrenos sob o prisma do olhar distanciado do mundo da vida, já agora o mundo vencido.

Luzes se acendem, sombras se desfazem. As imagens, conseqüentemente, são outras.

O tempo das verdades mansamente desliza, o tempo das ilusões devagar se virtualiza. A vida das vidas é vida a não mais acabar. Mas também a descobrir. A existência finda será vida a rever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELAR, D. & JARDINEIRO, Um. *À Sombra do Olmeiro*. Edições Correio Fraternal, S.B. do Campo, SP, 1980.
- GARCIA, W. *Kardec é Razão*. Edições USE, São Paulo, 1998.
- _____. *O Centro Espírita*. Editora Nova Ação, São Paulo, 1978.
- _____. *O Corpo Flúídico*, Edições Correio Fraternal do ABC, S.B.do Campo, SP, 1981.
- _____. *Sinal de Vida na Imprensa Espírita*. Edições Eldorado / EME, Capivari, SP, 1994.
- INCONTRI, D. & ESPÍRITOS DIVERSOS. *Imortais da Poesia*, Edições Correio Fraternal, S.B.do Campo, SP, 1983.
- JOLY, M. Introdução à Análise da Imagem. Papirus Editora, 8ª, São Paulo, 2005.
- PIRES, H. *Herculano Pires, o homem no mundo*. Edições Feesp, São Paulo, 1992.
- _____. *O Centro Espírita*. Editora Paidéia, São Paulo, 1979.
- RIZZINI, J. *Beco dos Aflitos*. Editora Civilização Brasileira, São Paulo, 1959.
- _____. *Antologia do Mais Além*. 2ª ed., Edições Feesp, São Paulo, 1979.
- _____. *J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec*. Editora Paidéia, São Paulo, 2001.
- _____. *O Regresso de Glória*. Co-edição Eldorado / EME, Capivari, São Paulo, 1996.
- _____. *Castro Alves Fala à Terra*. 2ª ed., Editora Instituto Maria, Juiz de Fora, MG, 1987.
- _____. *Sexo e Verdade*. Edições Correio Fraternal do ABC, S.B.do Campo, SP, 1980.
-

_____ *Eurípedes Barsanulfo, o Apóstolo da Caridade*. Edições Correio Fraternal do ABC, S.B. do Campo, SP, 1979.

_____ *Caso Arigó*. Editora Supertipo, São Paulo, 1963.

_____ *Kardec, Irmãs Fox e outros*. Editora EME, Capivari, SP, 1996.

_____ *Em Busca da Verdade Perdida no Tempo*. Editora DPL, São Paulo, s/d.

_____ *Escritores e Fantasmas*. Editora Difusora Cultural, São Paulo, s/d.

_____ *Otilia Diogo e as Materializações de Uberaba*. Editora Cultural Espírita, São Paulo, s/d.

_____ *Guerra Junqueiro no Aquém e no Além*. Editora Instituto Maria, Juiz de Fora, MG, 1995.

_____ *A Terceira Revelação. A Visita*. Nova Luz Editora, São Paulo, 1999.

_____ *José Arigó – revolução no campo da mediunidade*. Edições Kardequinho, São Paulo, 1961.

_____ *A Verdade sobre o Ipê-roxo (e suas aplicações)*. 2ª edição, Editora Gráfica Santo Antonio, São Paulo, 1967.

_____ *A Arte de Escrever para Crianças*. Edições Kardequinho, São Paulo, 1959.

Arquivos do jornal Correio Fraternal do ABC, S.B.do Campo, SP.

Arquivos da revista Universo Espírita.

Arquivos da revista Ilustração Espírita.

Obras do autor

Ao Cair da Tarde – Momentos de Paz

Barroso, 90 Anos (Pequenas Crônicas para uma Grande História)

Cairbar Schutel, o Bandeirante do Espiritismo (com Eduardo C. Monteiro)

Chico, Você é Kardec?

Entre o Espírito e o Mundo

Espiritismo Cultural – Arte, Literatura, Teatro

Estratégia, Linguagem e Informação

Imprensa na Berlinda (com Norma Alcântara e Manuel Chaparro)

Kardec é Razão

Médicos Médiuns (opúsculo)

Mensagens de Saúde Espiritual (Antologia popular)

Muito Além das Sombras - Memórias e Amizades

Nosso Centro - Casa de Serviços e Cultura Espírita

O Centro Espírita

O Centro Espírita e suas Histórias

O Corpo Fluídico

O Destino de Lorde Arthur Saville (Oscar Wilde – tradução e interpretação)

O Fantasma de Canterville (Oscar Wilde – tradução e interpretação)

Sinal de Vida na Imprensa Espírita (com Eduardo C. Monteiro)

Uma Janela para Kardec

Vidas – Memórias e Amizades

Vinicius - Educador de Almas (com Eduardo C. Monteiro)

Você e a Obsessão

Você e a Reforma Íntima

Você e o Passe (com Wilson Francisco)

Você e os Espíritos

Traduções

Cérebro e Pensamento, e outras monografias (Ernesto Bozzano)

Herculano Pires, Filósofo e Poeta (Humberto Mariotti/Clóvis Ramos)

Victor Hugo Espírita (Humberto Mariotti)

**NÃO ENCONTRANDO EM SUA LIVRARIA, PEÇA PARA:
EDITORA EME (19) 3491-7000 - editoraeme@editoraeme.com.br
OU VÁ AO SITE: www.editoraeme.com.br**

O combustível mediúnico é o ingrediente motivador do escritor. Ele chega na forma de idéias e cria um estímulo às vezes tão forte que o homem, retido em seus limites, não o compreende senão como algo que nasce de dentro de si e se torna não raro irrefreável.